UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ARTHUR FELIPE MURTA ROCHA SOARES

A AMÉRICA DO SUL IMPORTA?
PERCEPÇÕES BRASILEIRAS SOBRE INTEGRAÇÃO REGIONAL

São Paulo
2020

ARTHUR FELIPE MURTA ROCHA SOARES

A AMÉRICA DO SUL IMPORTA?
PERCEPÇÕES BRASILEIRAS SOBRE INTEGRAÇÃO REGIONAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Janina Onuki

Versão corrigida

A versão original se encontra disponível na Biblioteca do Instituto de Relações Internacionais.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – processo nº 2016/18514-9 (Bolsa no País) e processo nº 2018/17933-3 (BEPE – Bolsa para período sanduíche no King's College London). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Seção Técnica de Biblioteca
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Soares, Arthur Felipe Murta Rocha

A América do Sul importa? Percepções brasileiras sobre integração regional / Arthur Felipe Murta Rocha Soares ; orientadora: Janina Onuki. – São Paulo, 2021.

233 p.

Tese (Doutorado) – Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

1. Opinião pública 2. Política externa brasileira 3. Integração regional
4. América do Sul 5. Migrações internacionais I. Onuki, Janina, orient. II. Título.

CDD – 303.380981

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: SOARES, Arthur Felipe Murta Rocha

Título: A América do Sul importa? Percepções brasileiras sobre integração regional

Tese apresentada ao Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: 14 de setembro de 2020

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). Janina Onuki (Presidente – Orientadora)

Instituição: Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP)

Prof(a). Dr(a). Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira

Instituição: Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP)

Julgamento: Aprovado

Prof(a). Dr(a). Denilde Oliveira Holzhacker

Instituição: Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Julgamento: Aprovado

Prof(a). Dr(a). Suzeley Kalil Mathias

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

Julgamento: Aprovado

Dedico essa tese de doutorado para todas e todos que lutam por um ensino superior público, universal, gratuito e de qualidade. Sou muito grato a quem veio antes de mim e que, por meio dessa luta, me proporcionou ter cursado a graduação, o mestrado e o doutorado em universidades públicas. A universidade não pode ser construída como um espaço de privilégio destinado para poucos.

Nominalmente, referencio a minha mãe, professora Rita Murta. Ela foi a primeira pessoa a me levar para dentro da universidade, quando eu ainda era criança, para acompanhar sua aula. Foi assim que “assisti” minha primeira aula de Ensino Superior, no curso de Serviço Social, na Universidade Federal de Alagoas.

Essa tese é dedicada à todas as “Ritas”.

AGRADECIMENTOS

No começo do século XX, Einstein afirmou que o tempo é relativo. Talvez por isso eu perceba os quatro anos de doutorado como um período, por um lado muito longo, por outro, muito curto. A verdade é que durante esses longos e curtos quatro anos, acumulei uma série tão grande de agradecimentos que, nos parágrafos a seguir, certamente acabarei esquecendo de mencionar alguém que foi crucial nesse processo. Uma, duas ou três páginas são muito pouco para registrar toda a gratidão que sinto nesse momento.

Antes de tudo, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que por meio do processo nº 2016/18514-9 e do processo nº 2018/17933-3, financiou minha pesquisa de doutorado no país e no exterior, respectivamente. Tal apoio foi essencial para a plena execução da pesquisa.

À minha família, especialmente minha mãe, Rita Murta – a quem dedico essa tese – e ao meu irmão, Pedro Murta, por todas as mensagens de força, de carinho, de ânimo, de cuidado e de tanto amor. Espero um dia ser capaz de retribuir tudo isso. Sem o suporte que tive, jamais teria concluído essa etapa tão difícil da minha vida. O apoio deles vem de longe, desde as minhas primeiras memórias. O término desses quatro anos representa o fim de um ciclo maior, de dez anos, entre graduação, mestrado e doutorado, em que contei ainda com o grande apoio dos meus avós, Vera Murta e Romualdo Rocha, durante minha mudança para João Pessoa. À Edleuza Bernardo, pelo carinho há tantos anos. A vocês, deixo meu mais sincero agradecimento.

Ao Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, que me deu todas as ferramentas institucionais para o desenvolvimento da minha pesquisa, e à todas as funcionárias e funcionários, especialmente do Serviço de Pós-Graduação e Pesquisa: Giselle, Anderson, Patrícia e Victor, que com muito carinho sempre me ajudaram a enfrentar todas as burocracias da universidade. Agradeço também à Cris, pela gargalhada mais gostosa de todo o campus e pelos abraços sempre tão calorosos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Janina Onuki, por todas as conversas, conselhos e reuniões de orientação. O doutorado teria sido muito difícil se eu não tivesse contado com uma orientadora tão atenta e carinhosa, sempre preocupada com a minha saúde física e mental e muito disposta em ajudar em tudo. Concluo o meu doutorado apenas com as melhores memórias possíveis.

Aos componentes da minha banca de qualificação e da banca de defesa da tese, Prof. Dr. Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira, Profa. Dra. Suzeley Kalil Mathias e Profa. Dra.

Denilde Oliveira Holzhacker, pela leitura atenta e crítica do meu texto e por todos os comentários visando meu crescimento pessoal e profissional. À professora Suzeley, deixo ainda um agradecimento especial pela honra que tive em trabalhar com ela desde o mestrado.

Ao Prof. Dr. Anthony W. Pereira, que de maneira tão gentil me recebeu no Brazil Institute do King's College London para realização do meu período sanduíche, trazendo ótimas contribuições para a minha pesquisa e garantindo que eu participasse de discussões muito ricas junto aos demais pesquisadores do King's.

Às pesquisadoras e pesquisadores do Centro de Estudos das Negociações Internacionais (Caeni-USP) por todos os debates e por proporcionar toda a estrutura necessária para o desenvolvimento da minha pesquisa. Deixo um agradecimento mais do que especial para a Vanessa Munhoz, por todo o apoio, conversas e risadas.

Às minhas companheiras e companheiros do Departamento de Relações Internacionais da PUC-SP, por todo o apoio pessoal e institucional que recebi nesses anos. É muito bom fazer parte de um ambiente de trabalho tão respeitoso e talentoso. Sinto-me honrado todos os dias em dividir essa jornada com Cláudia Marconi, David Magalhães, Elaini Silva, Flavia de Campos Mello, Laerte Apolinário, Luiza Mateo, Natália Félix, Paulo Pereira, Priscila Villela, Reginaldo Nasser, Terra Budini e Tomaz Paoliello.

Às minhas alunas e aos meus alunos da PUC-SP, por terem sido – e continuarem sendo – os responsáveis por me fazer descobrir minha vocação e minha paixão pela docência. Quando eu ainda estava na graduação, sonhava em ser pesquisador, mas sabia que, para isso, precisaria ser professor. Hoje tudo se inverteu: por causa deles, meu maior sonho é continuar sendo professor – e, para tanto, preciso ser pesquisador. Agradeço à todas e todos que conheci em sala desde 2016, os que tenho o prazer de lecionar agora e a todos os que estão por vir. A razão de tudo isso, da pesquisa e da difusão do conhecimento científico, são eles.

À Carolina Nakamura, o maior presente que a Universidade de São Paulo me deu. Sem seu companheirismo, cuidado, humor, carinho, atenção e amizade desde o primeiro semestre, eu jamais teria conseguido terminar esse ciclo. Uma das primeiras perguntas de pesquisa do campo de Relações Internacionais foi “como manter a paz?”. Que me perdoem todos os teóricos idealistas e realistas, mas a resposta é “tendo Carolina Nakamura por perto”. Eu realmente desejo que todas as pessoas do mundo um dia conheçam alguém que seja tão maravilhosa quanto ela.

À Elze Rodrigues, Pedro Frazão e, mais uma vez, Priscila Villela, não apenas por todo o cuidado e amizade, mas também pela vizinhança. Com eles, divido meus melhores e meus piores momentos. Sem eles, os anos do doutorado teriam sido muito mais difíceis.

Parece exagero, mas preciso nominar várias amigas e amigos que ao longo desses anos me ajudaram muito e que jamais poderia esquecer: Alice Oliveira, Aline Matos, Ana Balbachevsky, Anna Beatriz, Anna Mariutti, Audir Marinho, Beatriz Melo, Beatriz Palmeira, Bruno Huberman, Caio Paz, Clarice Freire, Daniel Colom, Diana Amorim, Francesca Mercurio, Gabriel Marquim, Geórgia Albuquerque, João Guilherme, Laís Azeredo, Laura Donadelli, Lucianna Costa, Luiza Bodenmüller, Luiza Rodrigues, Maria Brant, Mariana Lucena, Nara Farias, Natália Leitão, Orion Noda, Rodrigo Amaral, Tainá Hita, Taís Fonseca e Teresa Perosa. Obrigado demais!

Por fim, agradeço à todas as professoras e professores que tive nesse longo ciclo que mencionei anteriormente. De alguma forma, todas e todos me ajudaram nesse contínuo e infinito processo de formação enquanto professor e pesquisador. Que seja apenas o começo.

“Os ventos do norte não movem moinhos” (SECOS & MOLHADOS, 1973)

“(...) en realidad, nuestro norte es el Sur. No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte” (TORRES GARCÍA, 1944).

RESUMO

SOARES, Arthur Felipe Murta Rocha. **A América do Sul importa? Percepções brasileiras sobre integração regional**. 2020. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

A crescente participação brasileira na arena internacional despertou, paulatinamente, um maior interesse da opinião pública para o debate sobre a elaboração e a execução da política externa do país. A discussão pública se fortaleceu com o início do governo Lula em 2003, que buscou na inserção internacional do Brasil e nas parcerias estrangeiras aumentar seu prestígio tanto no nível doméstico quanto no plano global. Contudo, desde o início do governo Dilma em 2011, verifica-se um esvaziamento do apoio advindo da opinião pública no que tange à ação externa do Brasil, que tem assumido um caráter cada vez mais instrumental, de manutenção de uma retórica e de uma atuação de baixo perfil regionalmente. A construção da América do Sul como espaço prioritário da ação externa brasileira durante o governo Lula deu lugar a um relativo afastamento, com a busca por outros parceiros estratégicos nos governos seguintes. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva analisar a interação entre a opinião pública nacional em assuntos de política externa e a formulação de tal política durante os governos Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), tanto no nível doméstico quanto em sua integração regional. A propositura metodológica dessa pesquisa toma por base o *survey* do projeto *Las Americas y el Mundo*, conduzido em sete países latino-americanos. Os bancos de dados do segmento brasileiro (2011, 2015 e 2019) do projeto possibilitaram analisar comparativamente as diferentes percepções da opinião pública quanto aos temas de política externa, nos governos Lula e Dilma e, no tema de migrações internacionais, também no governo Temer.

Palavras-chave: Opinião pública. Política Externa Brasileira. Integração Regional. América do Sul. Migrações internacionais;

ABSTRACT

SOARES, Arthur Felipe Murta Rocha. **Does South America matter? Brazilian perceptions of regional integration.** 2020. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Growing Brazilian participation in the international arena has gradually awakened a greater interest from public opinion in the debate about the development and implementation of foreign policy in Brazil. The public discussion was strengthened at the beginning of Lula's government in 2003, which sought a way to increase its prestige, both at domestic and global levels, through the insertion of Brazil in the international sphere and foreign partnerships. However, since the beginning of Dilma's government in 2011, there has been a draining of support due to public opinion regarding Brazil's external actions, which have assumed an ever more instrumental character, maintaining a certain rhetoric and the performance of a low regional profile. The construction of South America as a priority area for Brazilian foreign policy during the Lula government gave way to a relative absence, with the following governments searching for other strategic partnerships. In this sense, the research aims to analyse the interaction between national public opinion on foreign policy issues and the formulation of such a policy during both the governments of Lula da Silva (2003-2010) and Dilma Rousseff (2011-2016) at the domestic level as well as in their regional integration. The methodology proposed for this research is based on the survey of the project *Las Americas y el Mundo*, conducted in seven Latin American countries. The databases from the Brazilian segment of the project (2011, 2015 and 2019) made it possible a comparative analysis of the different perceptions of public opinion about foreign policy issues during Lula's and Dilma's governments and, in the theme of international migration, also in the Temer's government.

Keywords: Public opinion. Brazilian foreign policy. Regional Integration. South America. International migration.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quando assiste as notícias, quão interessado você está quanto às relações do Brasil com outros países?

Gráfico 2 - Em sua opinião, o que é melhor para o futuro do Brasil: ter participação ativa ou manter-se longe dos assuntos mundiais?

Gráfico 3 - Nos últimos 10 anos, qual país da América Latina foi o mais influente da região?

Gráfico 4 - E nos próximos 10 anos, qual país da América Latina terá mais influência na região?

Gráfico 5 - Se o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas pudesse ter um novo assento para representar a América Latina como um todo, que país deveria ocupar esse assento?

Gráfico 6 - Você diria que concorda totalmente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente com o desempenho do governo brasileiro em matéria de Política Exterior?

Gráfico 7 – Você se sente:

Gráfico 8 - Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Operações militares conjuntas

Gráfico 9 - Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Uma moeda comum sul-americana

Gráfico 10 - Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Uma política externa comum

Gráfico 11 – Em sua opinião, qual deveria ser a importância de cada um dos seguintes objetivos da política externa Brasileira: Fortalecer relações com a União de Nações Sul americanas (UNASUL)

Gráfico 12 – Que o Brasil lidere a região nos foros internacionais

Gráfico 13 – Que o Brasil ajude economicamente aos países menos desenvolvidos da região

Gráfico 14 – Que o Brasil não intervenha nos problemas da região

Gráfico 15 – Caso o exército ou um grupo armado de algum país latino-americano derrubasse um governo eleito democraticamente, você acredita que o Brasil deveria...

Gráfico 16 – Você concordaria ou não se o Brasil reduzisse as barreiras de entrada de produtos estrangeiros?

Gráfico 17 - Gostaria que o Sr(a) me dissesse qual a importância que acredita que cada um dos seguintes objetivos deve ter para a política exterior do Brasil, ou seja, se o Sr(a) os considera

muito importante, importante, pouco importante ou nada importante? Promover a integração regional

Gráfico 18 - De todos esses objetivos, qual é o mais importante?

Gráfico 19 - Analisando a resposta “promover a integração regional”

Gráfico 20 - Papel do Brasil na América Latina

Gráfico 21 - Na sua opinião, o Brasil deve prestar mais atenção em qual região do mundo?

Gráfico 22 - Você acredita que o Brasil terá mais ou menos importância internacional daqui a 10 anos comparando com hoje?

Gráfico 23 - Em relação ao número de estrangeiros que vivem no Brasil, você acha que são

Gráfico 24 - Em geral, qual sua opinião sobre os estrangeiros que vivem no Brasil?

Gráfico 25 - Qual a importância para o Brasil em investir mais recursos: Na concessão de refúgio a estrangeiros que estão em perigo em seu país

Gráfico 26 - Brasil autorize a entrada de estrangeiros ALTAMENTE qualificados para viver e trabalhar aqui

Gráfico 27 - Brasil autorize a entrada de estrangeiros POUCO qualificados para viver e trabalhar aqui

Gráfico 28 - Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Livre movimento de pessoas na região sem controles fronteiriços

Gráfico 29 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? América do Norte

Gráfico 30 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? América Central

Gráfico 31 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? América do Sul

Gráfico 32 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? Europa

Gráfico 33 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? Ásia

Gráfico 34 – EUA

Gráfico 35 – México

Gráfico 36 – Venezuela

Gráfico 37 – Argentina

Gráfico 38 – Haiti

Gráfico 39 – Alemanha

Gráfico 40 – Portugal

Gráfico 41 – Japão

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Em qual dos seguintes países você tem mais confiança para ser o líder da América Latina?

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	O DEBATE SOBRE OPINIÃO PÚBLICA E POLÍTICA EXTERNA NO BRASIL	26
2.1	O CONCEITO DE OPINIÃO PÚBLICA	28
2.2	ENCONTROS ENTRE OS DEBATES DE OPINIÃO PÚBLICA E DE POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA	30
2.3	O PARADIGMA DA CORDIALIDADE OFICIAL E A DIPLOMACIA PRESIDENCIAL BRASILEIRA	34
2.4	OPINIÃO PÚBLICA, POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA E SUA FORMULAÇÃO PARA A AMÉRICA DO SUL	40
3	A DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA DE REGIONALISMO: QUAL A INSERÇÃO DO BRASIL NA REGIÃO EM UM CENÁRIO DE CRISE E DE RUPTURAS?	45
3.1	A PRIORIDADE DA AMÉRICA DO SUL NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA	45
3.2	O DEBATE SOBRE REGIONALISMO ABERTO	50
3.3	MUDANÇAS POLÍTICAS NA REGIÃO	53
3.4	A ATUAÇÃO DO BRASIL NA PROMOÇÃO DOS PROJETOS DE INTEGRAÇÃO REGIONAL	56
3.5	INTEGRAÇÃO REGIONAL E LIDERANÇA COMPARTILHADA?	59
4	MUDANÇAS DE GOVERNO TRAZEM MUDANÇAS DE PERCEPÇÕES NA OPINIÃO PÚBLICA NACIONAL? ANALISANDO O DEBATE SOBRE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS	72
4.1	O DEBATE SOBRE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS	75
4.2	CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL PARA O CAMPO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS	86

4.3	POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA E OS FLUXOS MIGRATÓRIOS	89
5	CONCLUSÃO	91
	REFERÊNCIAS	93
	ANEXOS	98
	ANEXO A – Estatística descritiva e comparada dos três <i>surveys</i> analisados (2011, 2015, 2019)	99
	ANEXO B – Questionário aplicado em 2011	128
	ANEXO C – Questionário aplicado em 2015	144
	ANEXO D – Questionário aplicado em 2019	183

1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a política nacional e a internacional são abordadas como domínios distintos, ontológica e epistemologicamente. Isso explica porque a Ciência Política desenvolveu o campo da Política Comparada e das Relações Internacionais como especialidades distintas para lidar com seus respectivos fenômenos. Nessa perspectiva, o campo da Política Externa pode ser compreendido como uma área de intersecção, por ser, ao mesmo tempo, uma política pública desenvolvida no interior do Estado, mas que corresponde às suas diretrizes de inserção na política internacional (AMORIM NETO; MALAMUD, 2015).

Tem-se ainda que, na série histórica, a política externa não vem sendo abordada como um tema popular que, por sua vez, despertasse o interesse do grande público, exceto em momentos de exceção, nos quais se observam crises, rupturas ou conflitos, sejam elas de cunho territorial, comercial, migratória ou voltada aos direitos humanos e sociais. Assim, o foco do público mais amplo está na agenda interna do Brasil, pois os temas estão mais presentes no cotidiano sendo, portanto, mais relevantes à percepção dos indivíduos do que temas ligados à inserção internacional do país. Além disso, veículos como a televisão e o rádio, que atingem um público maior e mais diverso do que os meios impressos, acabariam conferindo menor grau de análise nos temas de política externa (SOARES, 2007). É importante também destacar que hoje, na era digital, a discussão pública em matéria de política externa ganha cada vez mais espaço em redes sociais.

Apesar da visão tradicional de que a sociedade não influi em assuntos internacionais, Holzhacker (2006) verifica um aumento na relevância do tema perante os tomadores de decisão por dois motivos: 1) a literatura, ainda que incipiente, vem insistindo que estes levem em conta as percepções da opinião pública na formulação da política externa; 2) os corriqueiros reajustes dos eventos inerentes ao cenário internacional aumentam a influência dos atores domésticos em temas externos. Há uma discussão cada vez mais extensa sobre o processo de “democratização” da política externa, no qual se identifica que o processo decisório começou a passar por mudanças, buscando incluir a participação de mais atores não governamentais (PINHEIRO; MILANI, 2011). Isso ocorre a partir da diversificação de temas que passam a ter interface direta com o plano internacional. Neste contexto, a opinião pública ganha espaço como variável relevante na explicação da política externa dos países.

Entretanto, ressalta-se que apesar do crescente interesse na literatura que versa pela participação de atores da sociedade civil na formulação e na implementação da política externa

brasileira, ainda é incipiente o número de estudos que objetivam analisar comparativamente a atuação de tais atores. Nesse sentido, faz-se necessário aprofundar os estudos que tratam de como a opinião pública interage na formulação da política externa, não só como contribuição ao debate acadêmico, como também para que a própria sociedade brasileira compreenda qual seu escopo de ação nesse processo de internacionalização do país. Enquanto nos chamados países do centro há uma crescente gama de estudos seguindo esse caminho, o número de investigadores no Brasil que se dedicam as problemáticas inerentes ao binômio “opinião pública-política externa” ainda é bastante reduzido (FARIA, 2008).

Essa pesquisa utilizou os bancos de dados das três grandes pesquisas de opinião pública coordenadas pelo Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP), parte do projeto *Las Americas y el Mundo* (LAM)¹, que toma por base *surveys* conduzidos em sete países latino-americanos – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru – compilando dados sobre a opinião pública e a cultura política no continente americano em questões-chave dentro dos temas de política externa e de relações internacionais. Destaca-se que os *surveys* têm se tornado uma ferramenta analítica crucial nos estudos que visam concatenar opinião pública e política externa. Ademais, os dados do LAM vêm sendo qualificados como fontes de alta qualidade, abarcando temas de política externa pouco estudados anteriormente em *surveys* similares (ONUKEI; MOURÓN; URDINEZ, 2016).

Os bancos de dados do segmento brasileiro do projeto é que possibilitaram analisar comparativamente as diferentes percepções da opinião pública quanto aos temas de política externa. “Brasil, as Américas e o Mundo: opinião pública e política externa” (FAPESP 2013/04495-4) conta com três edições realizadas, uma em 2010-2011², a segunda em 2014-2015³ e, por fim, a mais recente, realizada no ano de 2019. Ou seja, foram aplicadas em momentos cruciais para a análise aqui proposta: as informações do primeiro deles possibilitarão

¹ O principal objetivo do estudo é fornecer informação empírica, objetiva e precisa em uma área estratégica para a América Latina, região em que os dados confiáveis e independentes são escassos e dispersos. O conhecimento preciso das percepções dos cidadãos sobre como o mundo funciona e como ele deve funcionar é uma ferramenta essencial para avaliar o grau de legitimidade de instituições, normas e atores no desempenho do sistema internacional e do governo no instrumento de política externa. Portanto, esta informação fornece insumos para a pesquisa acadêmica e de tomada de decisão de atores e instituições públicas e privadas. No Brasil, os *surveys* são coordenados pelo IRI-USP, no projeto temático com apoio da FAPESP (2013/04495-4).

² “No Brasil, os questionários foram aplicados a uma amostra intencional de 200 líderes políticos e sociais e a uma amostra aleatória, de 2400 entrevistados, representativa da população urbana brasileira, entre o final de 2010 e 2011. Sua aplicação foi realizada pela Techné - Informática e Recursos Humanos, sob a direção de Amaury de Souza, para a amostra de líderes, e pela IPSOS Opinion para o público.” (INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2011).

³ Os questionários da edição 2014-2015 foram aplicados a uma amostra aleatória de 1800 entrevistados e não foi aplicada a pesquisa intencional com os líderes. Sua aplicação foi realizada pelo Instituto Olhar.

compreender as visões da opinião pública acerca da ação externa brasileira durante o governo Lula (2003-2010), enquanto que a segunda edição do *survey* possibilitará avaliar essa mesma percepção, porém já advinda do primeiro governo Dilma (2011-2014). Os bancos de dados do terceiro *survey* foram disponibilizados já recentemente, em dezembro de 2019, com importantes dados sobre migrações internacionais. Vale ressaltar que esse último *survey* traz as percepções da opinião pública brasileira ao final do governo Temer, já durante a transição para o governo Bolsonaro.

No que tange ao marco teórico em que se aloca a pesquisa, faz-se necessário apontar os conceitos básicos que norteiam o debate aqui proposto. Sinteticamente, pode-se definir conceitualmente a política externa como o conjunto de ações e de decisões de um ator específico em relação a outros atores externos, a partir de uma formulação gerada nas oportunidades e demandas domésticas e/ou internacionais. Deve-se observar que tais atores podem ser não só os Estados do sistema internacional, como também organizações (governamentais ou não), corporações multinacionais e demais atores transnacionais (PINHEIRO, 2004).

Alocadas fora da agenda pública de debates, a formulação e a execução da política exterior do Brasil sempre estiveram centradas na instância do Ministério de Relações Exteriores, em que se observa adquirir, ao longo dos anos, maior ou menor protagonismo por parte do Palácio do Planalto, na figura do chefe do Executivo. Ou seja, trata-se de uma política de Estado que veio sendo elaborada em uma situação de insulamento burocrático, adquirindo na série histórica traços de coerência, estabilidade, suprapartidarismo e pouca sensibilidade às mudanças de governo (INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2011).

Faz-se necessário, ainda, justificar o porquê de se adotar o termo “interação” nessa pesquisa para tratar do binômio “opinião pública-política externa” (OPPE): acredita-se, primariamente, que tal relação ocorre a partir de influências mútuas entre as partes ao longo do processo de tomada de decisão. O uso de outros termos pode trazer consigo problemas, como lembra Burstein (2003), ao afirmar que a adoção do termo “impacto” sugere que há uma relação de causalidade entre opinião pública e política externa. No entanto, o autor afirma que essa relação deve ser testada com cautela, dado que se trata de um debate ainda em andamento na academia – citando outros autores (HILL; HINTON-ANDERSON, 1995; MONROE, 1998 apud BURSTEIN, 2003), ele apresenta uma variedade de maneiras de entender o impacto nessa relação, algumas inclusive que defendem que não há lógica causal.

O estado da arte da área de opinião pública e política externa aponta que houve um fortalecimento do debate público no interior do espectro político com a subida de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência em 2003, por buscar na inserção internacional do Brasil e nas parcerias estrangeiras aumentar seu prestígio tanto no nível doméstico quanto no plano global. A reação midiática também não poderia ser diferente: percebe-se, durante o governo Lula (2003-2010), um aumento quantitativo das análises de política exterior, aproximando o até então distante tema das relações internacionais do Brasil para a discussão pública (CASARÕES, 2012).

Nesse sentido, o crescente interesse do público pelos temas internacionais estaria diretamente ligado a ênfase dada à pasta durante o governo Lula, que trouxe consigo uma política externa que considerava como elemento prioritário um novo ordenamento da América do Sul sob a liderança brasileira. Dessa maneira, os laços estabelecidos com os Estados vizinhos foram encarados como instrumental para concretizar a criação de um bloco de poder encabeçado pelo Brasil, capaz de exercer maior influência internacional. Nesse período, verifica-se que o Itamaraty direcionava seus esforços em construir um protagonismo na região a partir de um comportamento baseado na assistência bilateral e no reforço do multilateralismo, fortalecendo os processos de cooperação internacional e de integração regional, com incentivos para o desenvolvimento brasileiro (SARAIVA, 2013). Vale ressaltar que na literatura essa percepção não é consensual, já que, para alguns autores, o Brasil nunca teve insumos suficientes para encabeçar um bloco que careceria de uma identidade comum (TIBILETTI, 2014) e em temas específicos, como a Defesa, os documentos normativos apontariam para a criação de “um espaço pouco claro e quiçá esquizofrênico” (SOARES, 2015, p. 17).

Ademais de todo o exposto, destaca-se que a alvorada do governo Lula trouxe para o debate público o papel do Brasil ante seus vizinhos. Nesse sentido, duas perspectivas podem auxiliar a entender a concertação regional vigente na qual se insere o Brasil: a ideia de governança regional e o debate sobre a necessidade de um *paymaster* nos processos de integração (SARAIVA, 2013). A análise das duas perspectivas permite avaliar que, em ambas, o papel do Brasil seria central.

No caso da governança regional, segundo Saraiva (2013), almeja-se a criação de instituições que possam assegurar o futuro da região a partir da solução de controvérsias, facilitando a articulação dos países em uma concertação que garanta melhores níveis de relacionamento intrarregional. Para tanto, Nolte (2014) ressalta a necessidade de uma potência

regional para articular a governança regional a partir da existência de um organismo próprio da região e para ela. De acordo com a definição do autor (2014, p. 7):

A governança regional refere-se às instituições/organizações internacionais e às construções normativas/ideacionais, bem como para o processo que cria essas instituições e normas. A governança regional é essencialmente, mas não exclusivamente, baseada em organizações regionais intergovernamentais. Ela não está restrita a uma única organização, mas refere-se ao conjunto de organizações regionais relevantes e aos seus padrões de interação. (NOLTE, 2014, p. 7, tradução nossa).

A outra perspectiva afirma fazer-se necessário que exista um ator regional em caráter de protagonismo que leve a cabo os custos para a concretização do projeto integracionista, bem como o incentivo para que todo o espaço regional corrobore o projeto. No caso específico da América do Sul, seria de extrema importância que o Brasil assumisse o papel de *paymaster* “absorvendo os custos da integração e provendo o coletivo de bens públicos necessários para o sucesso de um processo de integração” (SARAIVA, 2013, p. 7). Nesse sentido, a mesma autora corrobora que o Brasil obteve sucesso enquanto *paymaster* regional durante a gestão de Lula da Silva, porém sustenta posteriormente que se vive hoje uma incerteza quanto ao papel e local da ação brasileira no continente sul-americano.

Para Saraiva (2013), na medida em que os projetos brasileiros de criação e de consolidação das instituições regionais não provocaram desconfiças nem reações de adversidade por parte de seus vizinhos sul-americanos, a aparente iniciativa do Brasil de projetar globalmente apoiando-se no plano regional foi claramente rechaçada pelo entorno regional. Ainda mais, tal iniciativa representou, para parte do grupo sul-americano, a emergência de reações defensivas contra a postura brasileira, por acreditarem que o protagonismo brasileiro não seria benéfico para a região, aumentando os custos nacionais do projeto de principal ator do continente. Como exemplo, têm-se os repetidos casos em que tradicionais parceiros de Brasília votaram contra o Brasil em suas candidaturas para cargos eletivos de organizações internacionais (MALAMUD, 2009 apud SARAIVA, 2013).

Gustavo Cotas (2008) afirma que o compromisso do governo brasileiro com um internacionalismo solidário, para que saia do plano retórico e conforme-se como política concreta, encontra nos seus vizinhos – Bolívia e Paraguai – a prova de fogo. Tendo em vista que a nacionalização das refinarias de petróleo em 2006, por parte do governo de Evo Morales⁴,

⁴ No caso específico boliviano, a visão defendida maciçamente pela mídia no período era a de que o Brasil deveria ter tomado uma posição mais enérgica contra a Bolívia acerca da nacionalização dos hidrocarbonetos, ao passo em que autores como Cepik e Carra (2006) contrapõem essa imagem, defendendo que não havia alternativa para o governo brasileiro quanto à importação do gás boliviano, já que o país depende diretamente de tal matriz

conseguiu bons resultados sem deteriorar a relação com Brasília, abriu-se margem para que o Paraguai pudesse sustentar pleito semelhante, em relação à Itaipu. Para o autor, os governos brasileiros do Partido dos Trabalhadores, por estarem juntos à esquerda no espectro político-partidário nacional, tinham o “dever e o compromisso de superar a herança maldita do ‘subimperialismo regional’” (CODAS, 2008, p. 8).

Nesse ponto, ressalta-se que parte da literatura tem discutido e encarado o papel desempenhado pelo Brasil na América do Sul como imperialista, a partir da concepção de que o relativo afastamento dos Estados Unidos da região na primeira década dos anos 2000 e a ação das empresas brasileiras no mercado financeiro representaria essa nova forma de imperialismo (FONTES, 2010; ZIBECHI, 2012 apud BERRINGER, 2013). Esse discurso vem sendo difundido maciçamente junto aos meios de comunicação de países parceiros há décadas, sendo a imprensa paraguaia uma das mais críticas quanto à ação regional brasileira⁵.

Assim, sistematicamente as ações regionais dos governos Lula e Dilma iniciaram um processo de desconstrução dessa imagem de Brasil imperialista e que a ação multilateral, por meio das instituições regionais, serviu como instrumento para alcançar esse fim, buscando concomitantemente aumentar o espaço de relevância do escopo político brasileiro na América do Sul (BERRINGER, 2013).

Com a transição do governo Lula para o governo Dilma, em 2011, ainda que naquele momento o tema da ação regional brasileira tenha permanecido em caráter de centralidade no debate, adquiriu-se outro tom. Com os governos Temer e Bolsonaro, aprofundou-se o afastamento do país com a região e hoje há uma crise sobre qual o papel do Brasil na conjuntura sul-americana. Se antes o Itamaraty buscava estabelecer uma governança regional assumindo os custos da integração, no papel de *paymaster*, ainda a administração Rousseff esvaziou ambos os processos, seja pela crise econômica interna e internacional, seja pela crise política. A ruptura com o *impeachment* em 2016 e os governos mencionados que a sucederam só agravaram o nível das relações prioritárias que o Brasil estabelecia com a América do Sul.

energética. Não menos importante naquela conjuntura, os “compromissos estratégicos com a integração da América do Sul” também impediram uma posição que levasse um caráter conflituoso com o país vizinho, uma vez que a diplomacia de Celso Amorim trabalhava com empenho na criação da então Comunidade Sul-Americana de Nações (BOLÍVIA, 2006; CEPIK; CARRA, 2006).

⁵ Um bom exemplo para entender a ação midiática paraguaia de deterioração da imagem do Brasil perante a população local, evocando a imagem do governo brasileiro como principal responsável pelo baixo grau de desenvolvimento econômico do país, pode ser encontrado na leitura do editorial intitulado “*Un canalla intelectual*”, publicado no dia 19 de abril de 2013 pelo periódico ABC Color. Nele, o jornal é enfático ao afirmar que “a hipocrisia é um elemento indissolúvel da Política Externa Brasileira”. O editorial, na íntegra, está disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-imprensa/editorial/un-canalla-intelectual-562466.html>>.

Assim, a atuação do Brasil regionalmente, que desde os anos 1990 já sinalizava uma preferência pelos mecanismos coletivos de ação multilateral, agora parece assumir o papel de ator coadjuvante no espaço aberto pelos fóruns regionais, afastando-se da ideia anterior de assumir uma posição de protagonista da região. Ademais, dadas as incertezas no cenário político sul-americano nessa segunda década dos anos 2000, nenhum país da região sinalizou claramente ter condições e vontade política para assumir as rédeas e os custos da integração regional (SARAIVA, 2015).

Entretanto, o debate público sobre política externa permaneceu: conforme suscitado anteriormente, a política exterior empreendida pela chancelaria liderada por Celso Amorim despertou maior interesse por parte da opinião pública, iniciando o processo que se averigua até hoje. Além disso, na medida em que se ampliou o grupo de atores envolvidos e interessados pela ação externa do país, diversificaram-se as opiniões sobre ela e, não raramente, emergiram opiniões divergentes quanto ao seu entendimento. Dessa maneira, os meios de comunicação de massa propiciaram o alargamento do debate informado sobre política exterior, impactando na percepção da opinião pública nacional (CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO, 2016).

Essa pesquisa busca, portanto, analisar as percepções do público nos três *surveys* aplicados a partir do já existente debate na literatura sobre a formulação da política externa, ou seja, concluída trará uma clara contribuição empírica a tal debate. Ademais, pretende-se discutir o argumento que sustenta que, desde a redemocratização do Brasil, a política externa viria passando por um processo de transformação no que tange a interação entre o Estado e a participação popular, transitando paulatinamente do modelo *top-down* para o *bottom-up* (HOLZHACKER, 2006; FARIA, 2008).

O objetivo central da pesquisa é analisar a interação entre a opinião pública e a política externa brasileira para o entorno regional, especialmente na formulação e consequente implementação de tal política durante os governos Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016). No que tange ao debate sobre migrações internacionais, analisa-se ainda as mudanças no governo Michel Temer (2016-2018). A comparação da reação do público em três momentos recentes do período democrático permitirá analisar o aprofundamento do conhecimento sobre temas internacionais, o interesse deste ator na formulação da política externa e sua capacidade de influenciar temáticas na agenda da política externa brasileira. Ao longo dos capítulos, tem-se ainda como objetivos específicos:

- a) Debater o conceito de opinião pública, buscando, a partir da literatura nacional e estrangeira, definir conceitualmente o binômio “opinião pública – política externa”;
- b) Reconstruir o cenário regional durante os dois governos visando compreender as questões e possíveis posições da opinião pública perante a ação externa do Brasil;
- c) Investigar como uma diplomacia presidencial ativa e uma pluralização de atores com interesses na política externa podem influenciar na opinião pública nacional;
- d) Averiguar como a opinião pública regional encara a atuação do Brasil nos processos políticos latino-americanos, dada a histórica percepção de subimperialismo brasileiro;

Acredita-se que o esforço engendrado pelo Itamaraty, durante o governo Lula (2003-2010), para assegurar ao Brasil um lugar de protagonismo regional, foi exitoso e recebeu o apoio da opinião pública devido ao momento economicamente positivo para o país. A crise política e econômica averiguada a partir do primeiro governo Dilma (2011-2014), por sua vez, esvaziou a aprovação da opinião pública nacional em temas de política externa, que passou a assumir um caráter cada vez mais instrumental, de manutenção de uma retórica, com uma ação regional de baixo perfil. Acredita-se, portanto, que a opinião pública se constitui como um determinante doméstico na formulação, na execução e na manutenção da política externa brasileira.

No que tange à metodologia da pesquisa, trata-se de um esforço qualitativo, de revisão bibliográfica, apoiado na análise descritiva dos dados advindos do projeto *Las Americas y el Mundo* (LAM). Tal projeto teve início em 2004 no México, país que capitaneia as pesquisas até hoje por meio do Centro de Ensino e Pesquisa em Economia (CIDE). A partir de 2008, o projeto converteu-se em uma pesquisa de alcance regional com base em amostras representativas da população nacional e, em alguns países, grupos de líderes e elites políticas. Constitui-se como uma ferramenta rigorosa para obter “informações originais e fiáveis sobre as opiniões, atitudes, avaliações, crenças, interesses, aspirações, sentimentos, valores e comportamentos sociais dos cidadãos em relação às questões internacionais” (LAS AMERICAS Y EL MUNDO, 2016, tradução nossa).

No que tange especificamente ao segmento brasileiro da pesquisa, a edição de 2010-2011 contou com questionários aplicados a 2000 entrevistados em uma amostra aleatória representativa da população urbana brasileira. Já na edição 2014-2015, os questionários foram aplicados a uma amostra aleatória de 1881 entrevistados. O último *survey*, de 2019, foi aplicado a uma amostra aleatória de 1849 entrevistados.

Os primeiros procedimentos metodológicos foram dedicados à seleção de questões que fossem pertinentes à investigação do objeto de pesquisa, voltadas para captar a percepção do público sobre o papel regional do Brasil, sua capacidade de liderança, e as prioridades da política externa brasileira recente. O questionário dos *surveys* contempla 46 questões comuns relativas a três conjuntos temáticos: 1) O grau de conhecimento e o interesse dos entrevistados; 2) A percepção sobre a inserção internacional do Brasil e a política externa brasileira; 3) A avaliação da capacidade de liderança do Brasil na região e no plano internacional.

Os dados estão compilados em bases de dados no formato *Excel* e SPSS, e disponibilizados integralmente aos pesquisadores envolvidos no projeto temático. Nessa pesquisa, os dados das perguntas escolhidas foram compilados nas tabelas disponíveis no Anexo A, possibilitando a análise comparada das percepções do público nos anos 2011, 2015 e 2019.

Por fim, destaca-se que todas as inferências realizadas a partir da análise descritiva dos resultados dos *surveys* foram analisadas à luz da bibliografia levantada sobre a interação entre opinião pública e política externa. A inserção no laboratório de pesquisa Caeni (Centro de Estudos de Negociações Internacionais) do IRI-USP ajudou na estruturação da pesquisa e análise de dados, a partir da interação sistemática com outras pesquisas de *surveys* conduzidas pelo centro e pesquisadores (docentes, doutorandos e pós-doutorandos) que trabalham com as mesmas bases.

2 O DEBATE SOBRE OPINIÃO PÚBLICA E POLÍTICA EXTERNA NO BRASIL⁶

Apesar do crescente interesse na literatura que versa pela participação de atores da sociedade civil na formulação e na implementação da política externa brasileira, ressalta-se que ainda é incipiente o número de estudos que objetivam analisar comparativamente a atuação de tais atores. Nesse sentido, faz-se necessário aprofundar os estudos que tratam de como a opinião pública interage na formulação da política externa, não só como contribuição ao debate acadêmico, como também para que a própria sociedade brasileira compreenda qual seu escopo de ação nesse processo de internacionalização do país. Enquanto nos chamados países do centro há uma crescente gama de estudos seguindo esse caminho, o número de investigadores no Brasil que se dedicam as problemáticas inerentes ao binômio “opinião pública-política externa” é bastante reduzido (FARIA, 2008).

Faz-se necessário, ainda, justificar o porquê de se adotar o termo “interação” nessa pesquisa para tratar do binômio “opinião pública-política externa” (OPPE): acredita-se, primariamente, que tal relação ocorre a partir de influências mútuas entre as partes ao longo do processo de tomada de decisão. O uso de outros termos pode trazer consigo problemas, como lembra Burstein (2003), ao afirmar que a adoção do termo “impacto” sugere que há uma relação de causalidade entre opinião pública e política externa. No entanto, o autor afirma que essa relação deve ser testada com cautela, dado que se trata de um debate ainda em andamento na academia – citando outros autores (HILL; HINTON-ANDERSON, 1995; MONROE, 1998 apud BURSTEIN, 2003), ele apresenta uma variedade de maneiras de entender o impacto nessa relação, algumas inclusive que defendem que não há lógica causal.

Costumeiramente, a forma mais comum de análise do papel da opinião pública em matéria de política externa ocorre por meio de *surveys*/pesquisas de opinião. Apesar das pesquisas de *survey* estarem se tornado uma ferramenta analítica crucial nos estudos que visam discutir opinião pública e política externa, nesse artigo busca-se realizar uma exploração qualitativa por meio de um levantamento bibliográfico – sem maiores pretensões quantitativas.

Ressalta-se que os dados aqui analisados fazem parte de uma pesquisa mais ampla, que envolve também a análise de três *surveys* aplicados em 2011, 2015 e 2019. Trata-se da pesquisa “Brasil, as Américas e o Mundo”, que analisa os bancos de dados das pesquisas de opinião pública coordenadas pelo Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

⁶ Esse capítulo foi submetido como artigo para a BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, da ANPOCS, e encontra-se em fase de análise.

(IRI-USP), parte do projeto *Las Americas y el Mundo* (LAM), que toma por base *surveys* conduzidos em sete países latino-americanos – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru – compilando dados sobre a opinião pública e a cultura política no hemisfério americano em questões-chave nos temas de política externa e de relações internacionais.

O principal objetivo do estudo é fornecer informação empírica, objetiva e precisa em uma área estratégica para a América Latina, região em que dados confiáveis e independentes são escassos e dispersos. O conhecimento preciso das percepções dos cidadãos sobre como o mundo funciona e como ele deve funcionar é uma ferramenta essencial para avaliar o grau de legitimidade de instituições, normas e atores no desempenho do sistema internacional e do governo no instrumento de política externa. Portanto, esta informação fornece insumos para a pesquisa acadêmica e de tomada de decisão de atores e instituições públicas e privadas. Ademais, os dados do LAM vêm sendo qualificados como fontes de alta qualidade, abarcando temas de política externa pouco estudados anteriormente em *surveys* similares (ONUKEI; MOURÓN; URDINEZ, 2016).

Sabe-se que os *surveys* corriqueiramente são aplicados de maneira isolada, sem uma série temporal que guie as respectivas aplicações. Nesse sentido, Holsti (1992) reforça que os *surveys* independentes acabam deixando lacunas entre si por não promover a construção de uma base comum – que, por sua vez, proporcionaria análises comparativas mais sólidas. Para o autor, a elaboração de padrões para as perguntas de política externa, que pudessem ser aplicadas em diversos *surveys*, levaria a um nível de excelência nos registros encontrados e, por consequência, na compreensão da opinião pública em matéria de política externa (HOLSTI, 1992). Nesse sentido, os bancos de dados do projeto *Las Americas y el Mundo*, por se tratarem de pesquisas aplicadas em uma série temporal constante, com as mesmas perguntas se repetindo, conformam-se como material empírico de alto nível para os objetivos da pesquisa aqui exposta.

Na primeira seção do texto, discute-se o difícil e não-consensual conceito de opinião pública e como o debate foi guiado para os estudos de política externa criando o supracitado binômio opinião pública-política externa (OPPE), bastante difundido nas escolas anglo-saxãs de Relações Internacionais e de Ciência Política.

Na segunda seção, busca-se trazer esse debate para a realidade brasileira, com autores locais, objetivando compreender quais as interações que ocorrem entre o debate de opinião pública e a política externa do Brasil, mais especificamente.

Um conceito central que surgiu durante o levantamento bibliográfico visando mapear esse debate foi o de diplomacia presidencial. Por esse motivo, na terceira seção desse capítulo, mobilizam-se os conceitos já produzidos pelos autores brasileiros em torno dessa forma de ação externa centralizada na figura do Presidente da República.

Por fim, na última seção, almeja-se debater como os conceitos mais tradicionais da Política Externa Brasileira – especialmente para o entorno regional – foram mobilizados durante os governos Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016). Espera-se que esse levantamento bibliográfico se constitua como um esforço inicial para a importante agenda de pesquisa – ainda incipiente no Brasil – em torno da inclusão da opinião pública como elemento central de análise para compreensão da formulação e implementação da Política Externa Brasileira.

2.1 O CONCEITO DE OPINIÃO PÚBLICA

Definir o marco zero do debate sobre a existência e relevância de uma “opinião pública” é uma tarefa tão árdua quanto encontrar um consenso em torno do seu conceito. Os primeiros relatos remontam à Grécia Antiga, com Protágoras referindo-se à “crença da maioria”, Heródoto à “opinião popular” e Demóstenes à “voz pública da pátria”, no entanto, foi com o advento do modelo liberal que se entendeu a Opinião Pública substantivada, como uma instância entre a sociedade civil e o Estado (MATEUS, 2008).

Sendo assim, com o advento das democracias liberais, o conceito de “opinião pública” vem sendo discutido de maneira mais extensa desde o início do século XX, quando começou a receber maior relevância. Seja em qual área do conhecimento for, o debate que visa conceituar o termo é extenso e inconcluso e, conforme sustentam Bardes e Oldendick (2012), não há um consenso generalizado sobre a definição de “opinião pública”. Tais autores conceituam opinião pública como “o agregado dos pontos de vista de adultos individuais em questões de interesse público” (2012, p. 5, tradução nossa).

Contudo, na série histórica, o conceito de opinião pública já foi definido de várias maneiras. Enquanto Key (1967, p. 14) o entende como “as opiniões sustentadas por entes privados que os governos julgam prudentes que se preste atenção”, Monroe (1975, p. 6) o define como “a distribuição das preferências individuais numa população”, ou seja, para o autor, a opinião pública seria a soma de todas as opiniões particulares em um assunto específico ou num conjunto deles. Já Noelle-Neumann (1984, p. 62-63, tradução nossa) acredita que o conceito

gira em torno de “opiniões sobre questões controversas que se podem expressar em público sem isolar-se”.

Simon (1974) acrescenta um ponto relevante à discussão, ao sustentar que os temas de interesse acabam sendo determinados pelos pesquisadores, que, por sua vez, elaboram as pesquisas de opinião. Sendo assim, o levantamento bibliográfico aponta que, em alguma medida, há um consenso entre autores de que o conceito gira em torno de um “sistema complexo de preferências e de atitudes” e de “temas de importância para o governo” (CUMMINGS & WISE, 1974; WEISSBERG, 1976; HENNESSY, 1981; ERIKSON & TEDIN, 2011).

No que tange à literatura brasileira recente em matéria do binômio “opinião pública-política externa”, vem-se buscando entender por que essa política esteve tão insulada e distante das massas. Na busca por entender melhor todo esse processo, Holzhacker (2006) faz parte do grupo de autores que sustenta que o fim da Guerra Fria –e sua consequente abertura de canais para a participação da sociedade civil em temas internacionais – trouxe consigo dois modelos que versam pela formulação e implementação da política externa. No primeiro modelo, *bottom-up*, os diversos interesses que permeiam o debate público seriam incorporados pela visão de mundo da diplomacia sobre o sistema internacional, interferindo, portanto, no processo decisório. Já no modelo *top-down* as elites e a opinião pública tenderiam a seguir as visões determinadas pelas instâncias máximas do corpo diplomático, assumindo as ideias e os valores já previamente estabelecidos durante o processo de tomada de decisão.

Por sua vez, analisando a interação entre opinião pública e política externa nos Estados Unidos, Turner (1995, p. 20) averiguou que “revisar o papel da opinião na formação de políticas é portanto útil num duplo sentido” já que erros poderiam ser cometidos em duas direções, quais sejam 1) o erro de “esperar decisões políticas específicas para debruçar-se sobre sondagens de opinião pública” e 2) o erro de não se levar em conta que as políticas devem ser formuladas de acordo com os conceitos, orientações e valores básicos do povo (TURNER, 1995).

Acredita-se que as elites sociais e econômicas têm um papel fulcral no processo de tomada de decisão em matéria de política externa. Nesse sentido, a opinião pública em massa, devido ao seu menor grau de articulação e de coerência, acaba assumindo um viés menos previsível no que tange às pesquisas. Já as elites apresentam o movimento inverso: seu alto grau de ação e de articulação tornam suas análises mais previsíveis a partir dos *surveys* (CONVERSE, 1964). Tal conceito dialoga com a ideia sustentada por Deutsch (1968) de que a opinião pública é formada a partir de certa “ordem”, conformando-se em “modelo de cascata”, em cinco níveis, quais sejam:

1. Elites econômicas e sociais

2. Organizações governamentais
3. Redes de comunicação de massa
4. Líderes de opinião
5. Massa

Assim, seguindo esse modelo, cada nível acaba acumulando a informação que será passada ao nível seguinte. De toda maneira, para Deustch (1968) a massa não se conforma como um grupo em que a informação chega de maneira pré-moldada e é apenas reproduzida, trata-se de um grupo que, mesmo na “cascata”, ainda é capaz de absorver informações e formar opiniões sobre os assuntos.

Os debates propostos por Converse (1964), Deustch (1968) e Turner (1995) dialogam com as ideias dos autores brasileiros apresentados na seção seguinte. Para eles, sustenta-se que, desde a redemocratização do Brasil, a política externa viria passando por um processo de transformação no que tange a interação entre o Estado e a participação popular, transitando paulatinamente do modelo *top-down* para o *bottom-up* (HOLZHACKER, 2006; FARIA, 2008).

2.2 ENCONTROS ENTRE OS DEBATES DE OPINIÃO PÚBLICA E DE POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

O estado da arte da área de opinião pública e política externa aponta que houve um fortalecimento do debate público dentro do espectro político com a subida de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência em 2003, por buscar na inserção internacional do Brasil e nas parcerias estrangeiras aumentar seu prestígio tanto no nível doméstico quanto no plano global. A reação midiática também não poderia ser diferente: percebe-se, durante o governo Lula (2003-2010), um aumento quantitativo das análises de política exterior, aproximando o até então distante tema das relações internacionais do Brasil para a discussão pública (CASARÕES, 2012).

Portanto, o crescente interesse do público pelos temas internacionais está diretamente ligado a ênfase dada à pasta durante o governo Lula, que trouxe consigo uma política externa que considerava como elemento prioritário um novo ordenamento da América do Sul sob a liderança brasileira. Dessa maneira, os laços estabelecidos com os Estados vizinhos foram encarados como instrumental para concretizar a criação de um bloco de poder encabeçado pelo Brasil, capaz de exercer maior influência internacional. Nesse período, verifica-se que o Itamaraty direcionava seus esforços em construir um protagonismo na região a partir de um comportamento baseado na assistência bilateral e no reforço do multilateralismo, fortalecendo

os processos de cooperação internacional e de integração regional, com incentivos para o desenvolvimento brasileiro (SARAIVA, 2013).

No gráfico abaixo, extraído dos bancos de dados do projeto *Las Americas* e compiladas as bases de 2011, 2015 e 2019, verifica-se um pico de interesse na ação externa do Brasil por parte do grande público no ano de 2015, com um relativo retorno no ano de 2019 aos patamares verificados em 2011:

Gráfico 1 - Quando assiste as notícias, quão interessado você está quanto às relações do Brasil com outros países?

Alocadas fora da agenda pública de debates, a formulação e a execução da política exterior do Brasil sempre estiveram centradas na instância do Ministério de Relações Exteriores, em que se observa adquirir, ao longo dos anos, maior ou menor protagonismo por parte do Palácio do Planalto, na figura do chefe do Executivo. Ou seja, trata-se de uma política

de Estado que veio sendo elaborada em uma situação de insulamento burocrático, adquirindo na série histórica traços de coerência, estabilidade, suprapartidarismo e pouca sensibilidade às mudanças de governo (INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2011).

A década de 1990 trouxe consigo uma mudança na interação da sociedade com a política externa, ademais da força com que se estabeleceu a opinião pública nacional. Advinda da emergência do novo cenário pós-redemocratização em 1988, a crescente participação brasileira nos temas internacionais despertou, paulatinamente, interesse dos meios de comunicação de massa, trazendo o meio internacional para o debate público (CASARÕES, 2012). Todavia, os dados compilados por Casarões (2012) permitem analisar que, durante o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), os meios de comunicação ainda tinham papel secundário em relação aos temas de política externa.

Os dados encontrados pelo autor nos dois maiores jornais em circulação do estado de São Paulo, entre os anos 1999 e 2002, apresentam que durante tal período do governo Cardoso, 50% dos editoriais publicados pela Folha de S. Paulo criticavam sua política externa e apenas 7,9% faziam um elogio claro. Já no jornal O Estado de S. Paulo, nesse mesmo recorte temporal, verifica-se um total de 12,5% dos editoriais criticando a política exterior, ao passo que 40,8% elogiavam o governo. Partindo do pressuposto de que a política externa de Lula teria sido uma ruptura à de Cardoso, a análise dos dois jornais deveria, portanto, fazer o caminho inverso: assim, a Folha assumiria maior papel de elogio ao governo, enquanto que o Estadão seria a clara oposição. Não foi o que aconteceu: no governo Lula, a Folha de S. Paulo manteve seu ritmo de publicação de editoriais de política externa; já O Estado de S. Paulo aumentou em quase 250% o ritmo de publicações e subiu o tom crítico (CASARÕES, 2012).

Holzhacker (2006, p. 11) corrobora essa ideia ao afirmar que:

“No Brasil, o aumento da interligação entre os temas domésticos e externos é um fenômeno que se expandiu a partir dos anos 80. Desde então, a sociedade brasileira tem vivido um intenso processo de internacionalização, tanto no âmbito político-econômico quanto social e cultural. O país, que mantinha uma política econômica fechada, passou, a partir de 1990, a aplicar políticas liberalizantes que propiciaram uma diversificação da agenda econômica externa brasileira. Temas como aumento da competitividade internacional dos produtos nacionais, novos métodos de gestão e acesso à tecnologia avançada passaram a fazer parte da agenda do Executivo, da diplomacia, assim como da discussão na sociedade civil. (HOLZHACKER, 2006, p. 11).

Nesse sentido, uma das principais conclusões de uma pesquisa conduzida pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) no final do governo Fernando Henrique Cardoso já identificava a percepção das elites de que o Brasil deveria envolver-se mais nas questões, temas e agendas da arena internacional, segundo Souza (2001, p. 3), “exercendo uma liderança compatível com seu imenso território e alicerçada sobre sua sofisticada tradição diplomática”. Essa pesquisa apontou ainda que, já em 2001, havia a ideia majoritária (74%) de que o Brasil desempenhava um papel mais importante internacionalmente do que no início dos anos 1990 e que, prospectivamente, desempenharia um papel ainda maior em 2010 (SOUZA, 2001).

Ainda que existisse o noticiário internacional, acredita-se que a discussão pública sobre política externa esteve fora de pauta anteriormente devido à tradição brasileira em não discutir as ações chanceladas pelo Ministério das Relações Exteriores (SOARES, 2007). Nesse sentido, o Itamaraty teve um papel central na consolidação da política externa como política de Estado, de modo que as opiniões do público ou até mesmo de lideranças partidárias eram pouco ou nada relevantes no processo de sustentação da ação externa brasileira. Ou seja, para entender a política externa, bastava olhar para o Ministério das Relações Exteriores, suas ideias predominantes, estratégias, cadeias de comando e consequente articulação com a Presidência da República, somando à análise os condicionantes externos da conjuntura vigente. Contudo, segundo o relatório “Brasil, as Américas e o Mundo: opinião pública e política externa, 2010 – 2011” (2011, p. 8):

Essa situação vem mudando nas últimas duas décadas. Embora o MRE continue ocupando o centro nervoso que comanda a política externa brasileira, ela já não pode mais ser pensada como um caso bem sucedido de insulamento burocrático, possibilitado pela indiferença das lideranças políticas e sociais e da opinião pública, ou daquela parcela mais envolvida na discussão política. (INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2011, p. 8).

Essa percepção, de que a imprensa trouxe o debate da ação externa brasileira para o debate público, também é sustentada por Soares (2007), ao afirmar que o principal ator que garante a visibilidade de um tema em uma democracia é a mídia, que apesar de suas imperfeições, difunde as visões de mundo e os projetos políticos das sociedades. Mais especificamente, o autor afirma que a mídia impressa influencia diretamente a opinião pública no que concerne à política externa, porém com um público bastante específico. Segundo o autor (2007, p. 74), o interesse da opinião pública pelos temas internacionais:

[...] aumenta em proporção direta com a faixa etária, a educação formal e o nível sócio-econômico. Quanto maior o centro urbano, também maior é o interesse de seus habitantes pelo noticiário internacional. Há um quase consenso entre estudiosos do tema e jornalistas entrevistados pelo autor de que os leitores de assuntos de política externa são minoria e situados nos estratos mais altos da população. O grande público não teria maior interesse pelo assunto, remoto e de difícil compreensão. Esse fato seria responsável pelo relativo escasso espaço dedicado pela imprensa ao noticiário ligado à política externa. (SOARES, 2007, p. 74).

Para Souza (2009), o aumento na inserção político-econômica do Brasil no sistema internacional potencializa a diluição da rígida separação entre as esferas interna e externa no que tange ao debate público sobre a ação internacional do país. Assim, temas como a intensidade e a extensão do envolvimento brasileiro no exterior – antes restritos ao interesse de uma comunidade especializada – passaram a despertar maior interesse entre os formadores de opinião e organizações sociais. Após uma pesquisa baseada em entrevistas com representantes do que foi designado como “comunidade brasileira de política externa”, o autor apontou que não se trata apenas de uma abstração em torno da opinião pública, mas de um engajamento social em torno da política externa empreendida pelo governo brasileiro, já que de tal maneira, o processo decisório sobre questões externas passaria pelos mais diversos fatores de pressão dos grupos de interesse domésticos. Sendo assim, a política externa é exposta aos mais diversos grupos que buscam moldá-la de acordo com seus interesses, desde a sua formulação até a implementação.

Com todo o exposto, tem-se que parte da bibliografia concorda que a importância que a figura do mandatário confere à inserção internacional do país estaria diretamente ligada à expansão e relevância do tema no debate público. Sendo assim, a seguir discute-se a ideia de diplomacia presidencial e como ela vem sendo trabalhada no *corpus* bibliográfico nacional.

2.3 O PARADIGMA DA CORDIALIDADE OFICIAL E A DIPLOMACIA PRESIDENCIAL BRASILEIRA

Dentro dos paradigmas que forjam a identidade da política exterior do Brasil, um deles remonta o porquê de o Brasil evitar o envolvimento em situações conflituosas, promovendo a chamada “cordialidade oficial” em sua diplomacia, especialmente com os vizinhos sul-americanos. Cervo (2008, p. 204) entende a cordialidade oficial como um “padrão de conduta aplicado ao trato conferido pelo governo a seus vizinhos” e afirma que ela “corresponde a uma invenção do pensamento diplomático brasileiro, cujas raízes foram lançadas em tempos

remotos”. Tal paradigma baseia-se no pensamento do próprio Barão do Rio Branco, que averiguava a grandeza territorial do Brasil como garantia por si só de respaldo regional e que o princípio basilar no trato com os vizinhos ser a “cordial simpatia” (GALVÃO, 2009, p. 72).

Dessa maneira, a cordialidade oficial construiu-se como um fator importante na conduta da política externa brasileira, já que as dimensões do Brasil, seja na superioridade econômica, tecnológica e, claro, territorial, poderiam gerar um aprofundamento das assimetrias regionais (CERVO, 2008). Inclusive, o chamado “baixo perfil” da diplomacia brasileira com os seus parceiros regionais advém do mesmo paradigma da cordialidade. Para o autor, o paradigma da cordialidade oficial faz com que o Brasil se mostre menor do que realmente é no trato com seus vizinhos, tornando a diplomacia brasileira “disposta a suportar gestos grandiloquentes ou a empáfia permanente de um ou outro governo” (CERVO, 2008, p. 205).

Cervo (2008) sustenta ainda que o posto de destaque no continente não é assumido pelo Brasil por não avançar em projetos inter-regionais, com alcance e interesse efetivo para seus vizinhos. O autor ressalta a importância da diplomacia presidencial para o país, mas ressalta que só a cordialidade com a vizinhança não garante o reconhecimento internacional nos níveis almejados pelo Itamaraty:

Hugo Chávez, fazendo valer os recursos do petróleo, toma a dianteira, na percepção de certos governos. Evo Morales nacionaliza o setor de hidrocarbonetos e surpreende a Petrobras e outras empresas brasileiras que lá investem. Nicanor Duarte aproveita para requisitar a revisão de preços da energia gerada em Itaipu. Tabaré Vázquez sonha com acordo de livre comércio entre Uruguai e Estados Unidos. Nestor Kirchner, enfim, ironiza a liderança procurada, porém vazia do Brasil na região. Lula compensa essa insuficiência brasileira com o capital político que pessoalmente representa perante os vizinhos, entretanto, apenas de simpatia não se fazem consistentes e duradouras relações regionais. (CERVO, 2008, p. 217).

Constata-se no pensamento do autor que a emergência sequencial de governos progressistas na América do Sul não criou ou aprofundou um espaço regional que viesse a consolidar o papel de protagonista almejado pelo Brasil. Ademais, Cervo (2008) sustenta ainda que os traços históricos específicos que os países da região carregam fizeram com que a esquerda adquirisse características particulares em cada Estado, de acordo com seus problemas e desafios, não se conformando como um apoio logístico uniformizador que pudesse vir a criar um polo regional de poder.

No gráfico a seguir, percebe-se que há um apoio majoritário da população brasileira no que diz respeito à participação ativa do Brasil nos assuntos mundiais. No entanto, como será

exposto no capítulo seguinte, esse processo não se consolida quando a população é questionada quanto ao papel do Brasil assumindo os custos desse processo. Ao longo dos anos, verifica-se ainda um declínio na taxa de respostas de que o Brasil deveria se manter longe dos assuntos mundiais.

Gráfico 2 - Em sua opinião, o que é melhor para o futuro do Brasil: ter participação ativa ou manter-se longe dos assuntos mundiais?

Recorda-se que os últimos anos do governo Lula foram marcados por duas crises de relevo internacional, as quais contaram com a ação enfática do Itamaraty, que pode ser justificada não só como forma de fomentar a cooperação Sul-Sul, bem como de dar prosseguimento ao projeto nacional que guiou, em certa medida, a chancelaria liderada por Celso Amorim (2003-2010), que visava garantir para o Brasil um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (BERTAZZO, 2012).

A primeira delas diz respeito à ação brasileira na crise política de Honduras em 2009, que levou à deposição do então presidente Manuel Zelaya. Nela, o papel brasileiro foi de manter abrigado o presidente destituído na Embaixada Brasileira em Tegucigalpa durante o desenrolar do golpe, além de romper relações diplomáticas com o novo governo hondurenho que assumiu o poder após a destituição (VISENTINI, 2013).

A segunda crise trata-se da Declaração Conjunta do Irã, Turquia e Brasil, assinada em 17 de maio de 2010, também conhecida como Declaração de Teerã. Na ocasião, Brasília e Ancara apresentaram ao regime iraniano um acordo para troca de energia nuclear, baseado em uma proposta similar apresentada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas seis meses antes, mas que, por sua vez, não tinha logrado êxito.

Tal gesto do governo brasileiro, em parceria com o governo turco, atraiu os olhares da opinião pública internacional, que se questionava porque o Brasil estava buscando mediar uma tensão fora de sua zona de influência, sobre um assunto pouco próximo de sua realidade doméstica e junto a um regime político controverso na arena internacional, o Irã (STEINER; MEDEIROS; LIMA, 2014).

No que diz respeito ao descrédito dado pelo Conselho de Segurança e, por conseguinte, pela comunidade internacional ao acordo tripartite, o próprio Celso Amorim (2010, p. 224) elencou as possíveis razões pelas quais os poderes ocidentais negligenciaram a Declaração de Teerã:

Em primeiro lugar, parece que eles estavam esperando um resultado negativo dos esforços turco-brasileiros, o que eles imaginavam que provaria suas afirmações sobre as intenções do Irã. Em segundo lugar, houve provavelmente uma mudança de opinião em algumas das potências ocidentais ao longo deste processo. [...] Por fim, como alguns críticos têm argumentado, algum dos P-5⁷ pode não ter gostado de ver duas nações emergentes como o Brasil e a Turquia desempenhando um papel essencial em uma questão crucial relativa à paz e à segurança no Oriente Médio, especialmente em um que eles já tinham falhado. (AMORIM, 2010, p. 224, tradução nossa).

Steiner, Medeiros e Lima (2014) enxergam pontos em comum entre a ação brasileira nas crises de Honduras e do Irã: em primeiro lugar, são dois países com os quais o Brasil já vinha, durante o governo Lula, sinalizando um desejo de estreitar laços mais sólidos – tal fato pode ser justificado pela visita oficial de Lula à Zelaya, a primeira visita oficial de um presidente

⁷ Sigla comumente utilizada para fazer referência aos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas: China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia.

brasileiro ao país centro-americano, bem como sua ida ao Irã, a primeira desde o século XIX. Soma-se a isso que ambas as situações tratavam-se de controvérsias sem um desfecho resolutivo satisfatório por outros atores internacionais, em que o Brasil propôs uma saída pela via da paz, da cooperação e da valorização das normas internacionais.

Para Visentini, “Lula abriu inúmeras janelas de oportunidade em todas as regiões do mundo, e agora a presidente busca selecionar as mais vantajosas nesse contexto de instabilidades e dificuldades globais” (VISENTINI, 2013, p.126). Saraiva (2013) acredita que, desde a ascensão do presidente em 2003, a vontade política exercida por meio da diplomacia presidencial deu o tom do comportamento brasileiro quanto ao contexto sul-americano. Lula conseguiu articular consigo os desenvolvimentistas, os autonomistas, os geopolíticos nacionalistas, além de uma comunidade epistêmica que defendia a integração sob os mesmos moldes encabeçados pelo presidente. Ao buscar diferenciar a ação do governo Lula com sua subsequente, a presidenta Dilma Rousseff, a autora acredita que esta, por sua vez, teria reforçado o elemento desenvolvimentista, porém toda a comunidade epistêmica que defendia os processos de integração perdeu força na tomada decisão. Além disso, para Saraiva, no governo Rousseff a Presidência da República teria deixado de assumir o posto de poder equalizador de dissonâncias quanto aos temas de política internacional, além de não mais demonstrar vontade política em relação ao plano sistêmico sul-americano (SARAIVA, 2013).

Já no que se concerne ao debate acerca da participação brasileira na gestão de crises políticas, Saraiva (2013) acredita que, em caso de novas tensões, os fóruns regionais continuarão sendo o *locus* prioritário para a ação coletiva, e afirma ainda que:

A rede de instituições e padrões de comportamento construída no decorrer dos mandatos de Lula não vem sendo posto em xeque e é considerado um instrumento importante no campo da cooperação regional e, em caso de crises políticas, segue sendo utilizado como mecanismo de busca de consensos. (SARAIVA, 2013, p. 17).

Dado todo o exposto, percebe-se que há certo consenso entre os autores que discutem a Política Externa Brasileira de que foram os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) os pioneiros a fazer e reconhecer a importância da diplomacia presidencial (DANESE, 1999; PRETO, 2006; BARNABÉ, 2009; CASON & POWERS, 2009). No entanto, no que tange às definições sobre o que é “diplomacia presidencial”, há discordâncias ao se analisar o estado da arte do tema.

Albuquerque (1996) conceitua a diplomacia presidencial como “a participação pessoal do chefe de governo nas relações internacionais, seja por meio de pronunciamentos, seja de participação em foros internacionais, seja atuando diretamente em negociações”. Para o autor, a mensuração do tamanho de ação da diplomacia presidência ocorreria a partir do número de pronunciamentos e de participações em foros internacionais. Trata-se de um conceito bastante aberto, que versa pela participação nas relações internacionais como um todo e não apenas no processo decisório da política externa do país.

Preto (2006) acredita que o conceito trata do nome que assume a “diplomacia de cúpula” em regimes presidencialistas, que, por sua vez, seria a “condução pessoal (do chefe de estado) de assuntos de política externa”.

Já Danese (1999), em sua vasta pesquisa sobre o tema, conceitua a diplomacia presidencial como “a condução pessoal de assuntos de política externa, fora da mera rotina ou das atribuições *ex-officio*, pelo presidente, ou, no caso de um regime parlamentarista, pelo chefe de estado e/ou pelo chefe de governo”. Assim, para o autor, tal modelo de diplomacia ocorreria quando o presidente se envolvesse diretamente no processo decisório de determinada ação em política externa, além dos limites do que seria protocolar e rotineiro de uma ação presidencial. O problema da definição de Danese está na dificuldade de se mensurar o tamanho dessa atividade do chefe de Estado.

Cerqueira (2005) traz um contraponto à todas as definições anteriores ao alegar que a diplomacia presidencial é, acima de tudo, voltada ao público interno. Ou seja, o Ministério das Relações Exteriores utilizar-se-ia da figura do presidente como ferramenta de promoção do tema (e do órgão) com a população em geral – dialogando e até se confundindo com a ideia de “diplomacia pública”. Aqui haveria, portanto, uma inversão: não seria mais o presidente utilizando-se da pauta externa para promover-se, senão um uso da figura presidencial pelo próprio Itamaraty para difundir internamente os temas internacionais.

Malamud (2010) acredita que se trata de um recurso – tradicional – para negociações diretas entre chefes de Estado e de governo, seja em decisões cruciais ou até em “conflitos críticos pendentes de resolução”. Nesse sentido, tal definição dialoga com a sustentada anteriormente por Preto (2006) ao referir-se à uma “diplomacia de cúpula”, excluindo-se a diplomacia “burocrática e profissional”. Trata-se, portanto, de uma ação muito pontual, em casos extremos, por fazer uma oposição (não necessariamente de conteúdo, mas de via de ação) em relação à burocracia do Itamaraty.

Por fim, Cason e Powers (2009) acreditam que a diplomacia presidencial trata do “engajamento direto do presidente nos assuntos internacionais”. Para os autores, a mensuração se daria a partir da comparação do número de viagens feitas pelos presidentes. Por conta disso, os autores sustentam o argumento de que Cardoso e Lula “inauguram” a diplomacia presidencial dado que os seus anteriores viajaram muito menos do que estes e se envolviam na diplomacia em contextos protocolares, quando os resultados já tinham sido negociados previamente.

2.4 OPINIÃO PÚBLICA, POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA E SUA FORMULAÇÃO PARA A AMÉRICA DO SUL

O Brasil carrega consigo o princípio-base de política externa de não intervenção em assuntos internos de outros países, porém, a alvorada do governo Lula inseriu o que Celso Amorim chamou de “não indiferença”. O estabelecimento dessa diretriz ajuda a compreender por que o país passou a exercer uma diplomacia mais ativa regionalmente, em que se pode destacar a busca pela mediação das crises – por exemplo, Bolívia 2008, Honduras 2009 e Paraguai 2012 – atraindo em grande medida a atenção do grande público para a ação do governo brasileiro em matéria de política externa.

O próprio Celso Amorim definiu a ideia de não-indiferença como uma combinação entre a solidariedade internacional com a defesa dos valores e dos interesses brasileiros. Para o então ministro das relações exteriores do Brasil, isso se aplicaria em grande medida aos países do entorno regional e os chamados “países amigos, já que, no longo prazo, seria de interesse do país que estes superassem o subdesenvolvimento, as convulsões sociopolíticas e os conflitos armados. No entanto, o tomador de decisão reforça que a ideia de não-indiferença não seria um princípio de política externa, mas uma diretriz humanista (AMORIM, 2010 apud RANGEL JR; FERREIRA, 2015).

As ações de “não indiferença” se justificam pelo interesse brasileiro em garantir presença constante e crescente no cenário internacional, além de uma participação mais ativa na agenda multilateral. Parte dessa estratégia configura-se a partir do aprofundamento de sua participação em ações de cooperação, bem como pela promoção e pelo apoio às democracias e à governança global. Nesse aspecto, compreende-se o esforço do Brasil em criar e consolidar os processos de integração regional durante todo o governo Lula.

O interesse da opinião pública em entender os caminhos que vinham sendo trilhados durante o governo Lula merece atenção porque, ao longo dos anos, o debate acerca da elaboração e dos rumos da política exterior não ocupou lugar de destaque ou sequer foi abordado nas campanhas eleitorais da região, bem como, não se constituiu como objeto de barganha nos momentos de formação das coalizões político-partidárias. Destarte, possíveis mudanças na seara de política externa dificilmente alterariam a preferência entre um ou outro candidato. Assim, mesmo que tópicos da agenda internacional sejam discutidos durante a campanha eleitoral, não se constituiriam como elemento determinante de voto. Essa conjuntura também explicaria a baixa relevância do tema no âmbito doméstico, percebida ainda pelo comportamento pacífico do Legislativo nas questões de política exterior (ONUKI; OLIVEIRA, 2006).

Seguindo a compreensão apontada por Amorim Neto e Malamud (2015), a política externa brasileira seria uma área relativamente propensa para que a retórica oficial se afastasse das ações, não só pelo baixo nível de acompanhamento pelo Legislativo, mas especialmente pelo seu distanciamento do debate público, por constituir-se como uma política de baixo impacto na vida quotidiana dos cidadãos. Os autores defendem ainda que o fenômeno da aparente ausência de influência da opinião pública sobre a política externa pode ser verificado em toda a América Latina, o que torna a região um excelente laboratório para analisar o grau em que a política externa pode estar atrelada as lutas domésticas ou se, em contraponto, ela seria compreendida regionalmente como uma política de Estado, expressando humores pessoais de seus líderes (AMORIM NETO; MALAMUD, 2015).

Ademais de todo o exposto, destaca-se que a alvorada do governo Lula trouxe para o debate público o papel do Brasil ante seus vizinhos. Nesse sentido, duas perspectivas podem auxiliar a entender a concertação regional vigente na qual se insere o Brasil: a ideia de governança regional e o debate sobre a necessidade de um *paymaster* nos processos de integração (SARAIVA, 2013). A análise das duas perspectivas permite avaliar que, em ambas, o papel do Brasil seria central.

No caso da governança regional, segundo Saraiva (2013), almeja-se a criação de instituições que possam assegurar o futuro da região a partir da solução de controvérsias, facilitando a articulação dos países em uma concertação que garanta melhores níveis de relacionamento intra-regional. Para tanto, Nolte (2014) ressalta a necessidade de uma potência

regional para articular a governança regional a partir da existência de um organismo próprio da região e para ela. De acordo com a definição do autor (2014, p. 7):

A governança regional refere-se às instituições/organizações internacionais e às construções normativas/ideacionais, bem como para o processo que cria essas instituições e normas. A governança regional é essencialmente, mas não exclusivamente, baseada em organizações regionais intergovernamentais. Ela não está restrita a uma única organização, mas refere-se ao conjunto de organizações regionais relevantes e aos seus padrões de interação. (NOLTE, 2014, p. 7, tradução nossa).

A outra perspectiva afirma fazer-se necessário que exista um ator regional em caráter de protagonismo que leve a cabo os custos para a concretização do projeto integracionista, bem como o incentivo para que todo o espaço regional corrobore o projeto. No caso específico da América do Sul, seria de extrema importância que o Brasil assumisse o papel de *paymaster* “absorvendo os custos da integração e provendo o coletivo de bens públicos necessários para o sucesso de um processo de integração” (SARAIVA, 2013, p. 7).

Especificamente no que tange ao incremento na inserção internacional do país, o governo Lula trouxe consigo um destaque evidente nos processos de integração regional que, por sua vez, converteram-se em espaço prioritário de ação da diplomacia brasileira como passo basilar em vias de conquistar maior respaldo internacional. Nesse sentido, Berringer (2015, p. 170) encontra duas explicações para compreender o destaque conferido ao plano regional:

(I) por entender que a integração regional é o melhor instrumento para o fortalecimento da posição política e econômica da região no âmbito internacional e, em especial, para a posição do Estado brasileiro; (II) em função das vantagens econômicas que a burguesia interna brasileira poderia obter com o aumento das exportações de produtos e capitais para essa região. (BERRINGER, 2015, p. 170).

Para Saraiva (2013), na medida em que os projetos brasileiros de criação e de consolidação das instituições regionais não provocaram desconfianças nem reações de adversidade por parte de seus vizinhos sul-americanos, a aparente iniciativa do Brasil de projetar-se globalmente apoiando-se no plano regional foi claramente rechaçada pelo entorno regional. Ainda mais, tal iniciativa representou, para parte do grupo sul-americano, a emergência de reações defensivas contra a postura brasileira, por acreditarem que o protagonismo brasileiro não seria benéfico para a região, aumentando os custos nacionais do projeto de principal ator do continente. Como exemplo, têm-se os repetidos casos em que

tradicionais parceiros de Brasília votaram contra o Brasil em suas candidaturas para cargos eletivos de organizações internacionais (MALAMUD, 2009 apud SARAIVA, 2013).

Gustavo Codas (2008) afirma que o compromisso do governo brasileiro com um internacionalismo solidário, para que saia do plano retórico e conforme-se como política concreta, encontra nos seus vizinhos – Bolívia e Paraguai – a prova de fogo. Tendo em vista que a nacionalização das refinarias de petróleo em 2006, por parte do governo de Evo Morales, conseguiu bons resultados sem deteriorar a relação com Brasília, abriu-se margem para que o Paraguai pudesse sustentar pleito semelhante, em relação à Itaipu.

Para o autor, os governos brasileiros do Partido dos Trabalhadores, por estarem juntos à esquerda no espectro político-partidário nacional, tinham o “dever e o compromisso de superar a herança maldita do ‘subimperialismo regional’” (CODAS, 2008, p. 8).

Nesse ponto, ressalta-se que parte da literatura tem discutido e encarado o papel desempenhado pelo Brasil na América do Sul como imperialista, a partir da concepção de que o famigerado relativo afastamento dos Estados Unidos da região na primeira década dos anos 2000 e a ação das empresas brasileiras no mercado financeiro representaria essa nova forma de imperialismo (FONTES, 2010; ZIBECCHI, 2012 apud BERRINGER, 2013). Esse discurso vem sendo difundido maciçamente junto aos meios de comunicação de países parceiros há décadas, sendo a imprensa paraguaia uma das mais críticas quanto à ação regional brasileira. Ainda que esteja fora do escopo proposto nesse artigo, o caso específico do Paraguai auxilia a compreensão do papel da mídia como ator central na ampliação do debate sobre política externa.

Berringer (2013), entretanto, não visualiza motivos suficientes para que a ação sul-americana do Brasil possa ser encarada como “subimperialista”, destacando que a gestão brasileira nas recentes tentativas de golpe e golpes de Estado que ocorreram no contexto latino-americano, desde 2002, sugerem um papel bem distinto:

Antes mesmo de assumir a Presidência (2002), Lula organizou o “Grupo de Amigos da Venezuela” em apoio a Chávez. Em 2008, o Estado brasileiro coordenou a intervenção da União Sul-Americana de Nações (Unasul) na Bolívia e no Equador, e abrigou Manuel Zelaya, presidente deposto de Honduras, na Embaixada Brasileira naquele país quando os Estados Unidos passaram a defender os golpistas. No ano de 2012, o Estado brasileiro também liderou a intervenção da Unasul no Paraguai no dia da deposição do presidente democraticamente eleito Fernando Lugo. Essas ações foram muito importantes. O Estado brasileiro, mesmo sem usar um discurso anti-imperialista – como Cuba e Venezuela –, atuou de maneira autônoma e diametralmente oposta aos interesses políticos dos Estados Unidos. (BERRINGER, 2013, p. 120).

A autora também analisa a revisão do Tratado da Usina Hidrelétrica de Itaipu, importante momento da política externa empreendida durante o governo Lula, como elemento que corrobora sua argumentação de que a classificação de subimperialismo não se encaixa no perfil de ação regional do Brasil.

A transição do governo Lula para o governo Dilma, em 2011, permite avaliar que, ainda que o tema da ação regional brasileira permaneça em caráter de centralidade no debate, adquiriu-se outro tom, dado que não se sabia qual o papel do Brasil na então conjuntura sul-americana. Se antes o Itamaraty buscava estabelecer uma governança regional assumindo os custos da integração, no papel de *paymaster*, a administração Rousseff iniciou um constante esvaziamento de ambos os processos, seja pela crise econômica interna e internacional, seja pela crise política que o governo brasileiro vivia durante seu governo – especialmente no segundo mandato, iniciado em 2015. As mudanças políticas advindas após o *impeachment* com o governo Temer e a total retirada de prioridade da América do Sul na política externa do governo Bolsonaro aprofundaram ainda mais esse processo.

3 A DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA DE REGIONALISMO: QUAL A INSERÇÃO DO BRASIL NA REGIÃO EM UM CENÁRIO DE CRISE E DE RUPTURAS?

3.1 A PRIORIDADE DA AMÉRICA DO SUL NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

A América Latina passou por um processo de mudanças políticas sequenciais na segunda década do século XXI, rompendo com modelos políticos instalados durante a chamada “onda rosa”. O preponderante papel do Brasil de *paymaster* e seus interesses de protagonismo regional deram lugar a uma ação externa de baixo perfil regional. No entanto, nenhum país da região vem buscando assumir o papel de financiador do regionalismo sul-americano. Nesse capítulo, por meio de uma revisão bibliográfica e de inferências a partir da análise descritiva e comparativa dos *surveys* de 2011, 2015 e 2019 do projeto “Brasil, as Américas e o Mundo”, questiona-se: qual o papel do Brasil na região e da região para o Brasil? Quais as possibilidades de concertação e integração regional em um cenário global de desintegração?

Em vias de iniciar o debate, analisa-se as três principais respostas quanto às perguntas “Nos últimos 10 anos, qual país da América Latina foi o mais influente da região” e uma segunda pergunta prospectiva, acerca do país que será mais influente no decênio que se segue. Como foi uma pergunta que também contou com respostas espontâneas, compilar todos os dados e respostas (apresentados no Anexo A) foi desafiador. Traz-se, portanto, as três principais respostas de cada uma das duas perguntas:

Gráfico 3 - Nos últimos 10 anos, qual país da América Latina foi o mais influente da região?

Gráfico 4 - E nos próximos 10 anos, qual país da América Latina terá mais influência na região?

Desde o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), o Brasil vem buscando um assento como membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). A política externa de Celso Amorim chegou a, por vários anos, ter essa meta como prioritária. Na pergunta a seguir, percebe-se uma relativa retirada de apoio dos respondentes sobre a presença

do Brasil no CSNU. A redução de 81% de apoio em 2011 para a casa dos 66% e 67% nos anos que se seguem podem ser verificadas a seguir.

Gráfico 5 - Se o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas pudesse ter um novo assento para representar a América Latina como um todo, que país deveria ocupar esse assento?

Outro dado importante para ser mapeado diz respeito a avaliação do público em relação à Política Externa de dois momentos bastante diferentes do país, em 2011, após a aclamada política externa do governo Lula, em um dos melhores momentos econômicos do país e, como

contraponto, em 2015, já após o término do primeiro mandato do governo Dilma, em um cenário bastante complicado devido à crise política doméstica que já ganhava grandes proporções. No gráfico a seguir, percebe-se um aumento importante na reprovação da Política Externa empreendida pelo governo Dilma.

Gráfico 6 - Você diria que concorda totalmente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente com o desempenho do governo brasileiro em matéria de Política Exterior?

Ressalta-se que o ano de 2015 o governo Dilma Rousseff passava pela sua maior crise até então, culminando na interrupção do seu mandato no ano seguinte. A reprovação em matéria

de política exterior pode representar uma tendência de desaprovação e baixos índices de popularidade como um todo do governo – não sendo necessariamente uma reprovação do público unicamente à Política Externa.

Ademais do exposto, outro ponto central analisado no *survey* é a percepção dos respondentes acerca de sua identidade.

Gráfico 7 – Você se sente:

No gráfico acima verifica-se que, como esperado, a maioria das pessoas identifica-se como brasileiro. No entanto, surpreende a segunda resposta mais observada: “cidadão do mundo”, em detrimento de latino-americano ou sul-americano. Também é digna de nota a análise de que não se pode falar em uma identidade “mercosulina” ou do cone sul, visto que dentre todas as possibilidades de resposta, “cidadão do Mercosul” é a que menos figura no gráfico, perdendo apenas para “Não respondeu” e ficando atrás, inclusive, de “Não sabe”:

3.2 O DEBATE SOBRE REGIONALISMO ABERTO

Na primeira década dos anos 2000, tem-se início o chamado ciclo progressista, no qual se considera que o mote canalizador ao poder das lideranças progressistas que emergiram sequencialmente como mandatários na América do Sul foram, em grande medida, os resultados pouco satisfatórios obtidos pelos governos com a implementação das políticas neoliberais dos anos 1990 na região, também conhecido como ciclo neoliberal. Não obstante, as plataformas que elegeram essa “nova classe política” versavam sobre alternativas às políticas globalizantes de privatização e liberalização dos mercados buscando minimizar as desigualdades sociais e os índices nacionais de pobreza. Tais propostas se concretizariam a partir da ênfase dada ao local e não mais ao global (DUPAS; OLIVEIRA, 2008).

Os governos sul-americanos antecessores seguiam o chamado regionalismo aberto, ou regionalismo neoliberal, que buscava fomentar o desenvolvimento de toda a América Latina, atuando como complemento à Organização Mundial do Comércio (OMC), ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) e ao Consenso de Washington. Porém, as sucessivas crises econômicas nos países da região minaram o crédito desse modelo, que ficou caracterizado como um projeto dos Estados Unidos que aprofundou os níveis de dependência da América Latina. Vale recordar que “o conceito de ‘regionalismo aberto’ foi elaborado pela CEPAL⁸ no decorrer da década de 1990, para pensar a inserção da América Latina no processo de globalização da economia mundial” (CORAZZA, 2006, p. 136).

Herz (2004) corrobora o argumento de que a proposta de abertura dos mercados, advinda do Mercado Comum do Sul (Mercosul), da Comunidade Andina (CAN) e da iniciativa da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA)⁹, foi causadora das crises econômicas regionais, bem como do fomento das assimetrias sociais internamente, sendo essas as principais razões que levam às críticas desse modelo de regionalismo. Nye (2009) avalia como complexa a interação entre a mudança nos níveis de desigualdade e suas possíveis consequências políticas. Contudo, auxilia a compreender o fracasso de tais políticas ao afirmar que:

Não existe uma relação automática entre desigualdade e reação política, mas a primeira pode ocasionar a segunda. Particularmente quando a desigualdade se combina com a instabilidade, como em crises e recessões financeiras que deixam as pessoas sem trabalho, tais reações podem acabar levando a

⁸ Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.

⁹ A proposta surgiu por iniciativa do então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, durante a Cúpula das Américas em Miami, no ano de 1994. Em suma, visava eliminar as barreiras alfandegárias entre todos os países do continente americano em um prazo de dez anos, porém a iniciativa não se concretizou.

restrições no ritmo da globalização da economia mundial. (NYE JR, 2009, p. 250).

Ademais, a construção histórica da região a partir de sua colonização exploratória garantiu um teor crítico para o pensamento social e político latino-americano, especialmente nos temas de dependência externa e distribuição desigual de riquezas. No plano econômico, as consequências do modelo de regionalismo aberto puderam ser sentidas diretamente pela população, que entre 1987 e 1998 viu a porcentagem do grupo que vivia com menos de um dólar por dia aumentar de 22% para 23,5%. Ainda que o aumento de 1,5% pareça pequeno, em números absolutos de população, significa um avanço de 91 para 110 milhões de pessoas. Assim, todo esse escopo conjuntural promoveu a livre associação do projeto neoliberal com o aprofundamento do subdesenvolvimento regional (AYERBE, 2002).

Quando o público foi questionado acerca dos limites dispostos pela opinião pública em matéria de integração regional, observam-se resultados por vezes contraditórios, o que apontaria para uma percepção distorcida ou seletiva acerca das possibilidades de inserção regional do país. Os gráficos a seguir buscam entender o nível de concordância em relação a temas importantes da política sul-americana:

Gráfico 8 - Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Operações militares conjuntas

Gráfico 9 - Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Uma moeda comum sul-americana

Gráfico 10 - Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Uma política externa comum

3.3 MUDANÇAS POLÍTICAS NA REGIÃO

Em linhas gerais, o acima exposto foi o cenário que possibilitou a emergência de novas alternativas políticas, de viés progressista¹⁰, assumindo as presidências da região. Sader (2012) tipifica os progressistas como:

[Aqueles] que lutam pela construção de um mundo multipolar, que enfraqueça a hegemonia imperial hoje dominante, que logre a resolução dos conflitos de forma política e pacífica, contemplando a todas as partes em conflito, ao invés da imposição da força e da guerra. O que significa fortalecer os processos de integração regional – como os latino-americanos – que priorizam o intercâmbio entre os países da região e os intercâmbios entre o Sul do mundo, em contraposição aos Tratados de Livre Comércio com os Estados Unidos. (SADER, 2012).

¹⁰ A opção por tratar nessa pesquisa os governos como progressistas, em detrimento do termo esquerdista, pauta-se no amplo debate acerca da real posição dos governos da região, sendo tratados, por vezes, como coalizões de centro ou de centro-esquerda.

Castañeda (2006) acredita que a consolidação das democracias na região, bem como das eleições gerais livres como único caminho para o poder traria, cedo ou tarde, a vitória para a esquerda, especialmente pela configuração social, demográfica e étnica da região. Portanto, o voto das massas em projetos que visavam minimizar as assimetrias sociais acabou por legitimar os novos rumos políticos da América do Sul na primeira década do século XXI.

No sistema internacional, tal reposicionamento político emergiu pela busca de uma postura regional mais ativa e menos dependente, especialmente nas relações hemisféricas, que contam com a grande influência política e econômica dos Estados Unidos, por meio de acordos bilaterais e de organismos internacionais, tais como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Fundo Monetário Internacional (FMI). No entanto, a longa e pouco coesa relação estadunidense com a América Latina iniciou um novo capítulo com a Doutrina Bush¹¹: após os ataques de 11 de setembro, a prioridade da agenda de política externa do país trasladou-se para o Oriente Médio.

No âmbito das relações com os Estados Unidos, Saraiva (2013) acredita que o não-enfrentamento no trato bilateral, por parte do governo brasileiro durante a era Lula da Silva, deve-se a falta de uma política específica estadunidense para a região; e não porque houve convergência nos temas regionais – a autora sustenta exatamente o oposto. Essa teria sido a principal razão pela qual o governo brasileiro obteve logros ao conseguir atuar de maneira autônoma – porém cooperativa – no continente.

Serbin (2012) ressalta que para além das questões de segurança internacional, podendo-se destacar as polêmicas intervenções no Iraque e no Afeganistão, os Estados Unidos tiveram de lidar, a partir de 2008, com uma crise financeira oriunda do setor imobiliário que desestabilizou parte de sua base econômica, fazendo com que o país não engendrasse maiores esforços visando maximizar sua projeção no ambiente latino-americano. Em concomitância, o governo brasileiro, a partir do seu crescimento econômico, e o venezuelano, a partir de sua estratégia militar, fortaleceram suas ações visando adquirir o status de protagonistas regionais (SERBIN, 2009).

Destaca-se que a imputação aqui feita aos chefes de Estado, pela mudança de orientação das políticas externas de alguns países do conjunto sul-americano, aconteceu devido

¹¹ Conjunto de princípios da política externa durante o governo de George W. Bush, após os ataques de 11 de setembro, envolvendo o combate a grupos terroristas, a política de guerra preventiva e a defesa e promoção da democracia mundialmente, ainda que por meio de intervenções militares.

ao recorrente baixo grau de envolvimento dos distintos grupos políticos de cada país em temas de política externa. Além disso, na série histórica, o debate acerca da elaboração e dos rumos da política exterior não ocupou lugar de destaque ou sequer foi abordado nas campanhas eleitorais da região, bem como não se constituiu como objeto de barganha nos momentos de formação das coalizões político-partidárias. Destarte, possíveis mudanças na seara de política externa dificilmente alterariam a preferência entre um ou outro candidato. Assim, mesmo que tópicos da agenda internacional sejam discutidos durante a campanha eleitoral, não se constituiriam como elemento determinante de voto. Por fim, a baixa relevância do tema no âmbito doméstico advém ainda do comportamento pacífico do Legislativo nas questões de política exterior (ONUKEI; OLIVEIRA, 2006).

O avanço na articulação das agendas de política externa concretizou-se a partir desse cenário de aproximação ideológica, repercutindo nas iniciativas de integração regional a partir da valorização do crescimento econômico como elemento adequado para amenizar os altos índices de desigualdade social, advindos das políticas neoliberais, conforme dito anteriormente. Contudo, tais diretrizes não romperam com o neoliberalismo, mas indicaram novas possibilidades de atuação individual e coletiva, ainda que em graus distintos. Nesse sentido, Betto (2014) afirma que:

Houve um deslocamento da submissão política à submissão econômica. A força de penetração e obtenção de lucros do grande capital não se reduziu com os governos progressistas, apesar das medidas regulatórias e dos impostos adotados por alguns desses países. Se de um lado se avança na introdução de políticas públicas favoráveis aos mais pobres, por outro não se reduz o poder de expansão do grande capital. (BETTO, 2014).

Nominalmente, observa-se que Argentina, Brasil e Chile não se afastaram do modelo neoliberal como fizeram Bolívia, Equador e Venezuela. Não obstante, os olhares dos países de fora da região imprimiram preocupação com os três últimos, tanto pela guinada mais clara à esquerda, como por serem detentores de grandes reservas de petróleo e de gás. Ainda que os

projetos nacionais sejam distintos, todos aderiram, em maior ou menor medida, aos princípios do neodesenvolvimentismo¹² e do neopopulismo¹³.

3.4 A ATUAÇÃO DO BRASIL NA PROMOÇÃO DOS PROJETOS DE INTEGRAÇÃO REGIONAL

A busca pela autonomia, conceito-chave na análise da política externa brasileira, tornou-se desejo regional, sobretudo a partir da criação de novos fóruns multilaterais encabeçados por nações sul-americanas, em que se destacam os projetos do Brasil e da Venezuela: respectivamente, a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) e a Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA). A primeira, dada sua relevância para a atual inserção regional do Brasil, será discutida no capítulo seguinte. Já a segunda iniciativa, em linhas gerais, caracteriza-se como um projeto alternativo de integração regional, em claro contraponto ao que viria a ser a ALCA, alicerçado em um discurso anti-globalizador e anti-estadunidense, no escopo do chamado *regionalismo pós-liberal*. Em suma, a ALBA tem como princípio norteador o desenvolvimento econômico dos setores sociais de todos os povos latino-americanos (ALTMANN, 2008).

Os dados da reação do público quanto ao papel e importância da Unasul são interessantes, visto que há um apoio bastante expressivo no *survey* de 2019 quanto à ação brasileira junto ao fórum regional, no entanto, sabe-se que hoje a Unasul vive um cenário de completo esvaziamento por parte dos governos sul-americanos. No gráfico seguinte, percebe-se o apoio aqui mencionado:

¹² O neodesenvolvimentismo é tido como uma “terceira via”, fora tanto do nacional-desenvolvimentismo quanto do neoliberalismo, dentro de um projeto de desenvolvimento que visa elevar ao mesmo padrão dos países desenvolvidos os patamares locais de consumo, renda, inovação e produção. A proposta almeja concretizar Estado e mercado fortes, identificando o período desenvolvimentista como falho por trazer a concepção de Estado forte e mercado fraco, bem como o período neoliberal, com mercado forte e Estado fraco (TRASPDINI; MANDARINO, 2013).

¹³ O neopopulismo tem como elemento fundamental a presença de um líder que permita uma identificação carismática com a população. Reforça-se a equidade social por meio da promoção dos setores básicos como educação, saúde e moradia. As lideranças que estão no poder não atuam como agentes dos interesses transnacionais, mas como atores prioritários do desenvolvimento interno (BAQUERO, 2010).

Gráfico 11 – Em sua opinião, qual deveria ser a importância de cada um dos seguintes objetivos da política externa Brasileira: Fortalecer relações com a União de Nações Sul americanas (UNASUL)

O debate acerca da denominação do momento do regionalismo na primeira década dos anos 2000 também é extenso. Assim como Altmann (2008), Veiga e Rios (2007) e Sanahuja (2009) também assumem a nomenclatura de regionalismo pós-liberal para designar tal modelo de regionalismo, que tem como características o afastamento da integração em termos puramente comerciais em detrimento de um espectro mais amplo, que abarca ainda a discussão política – almejando uma maior coordenação política regional, as assimetrias regionais e a integração física da região (VEIGA; RIOS, 2007).

Assim, esse regionalismo aumenta o peso da interação entre governos nacionais e a integração regional, à medida que as diferenças estruturais entre os países motivariam incentivos assimétricos para se avançar no âmbito integracionista, ou seja, os Estados adquirem maior margem de manobra regional por meio das iniciativas de integração que, por sua vez, assumem um peso mais relevante na implementação de suas estratégias de ação (SARAIVA, 2013).

Por sua vez, ao colocar na centralidade da sua análise a ascensão dos governos com projetos político-econômicos voltados ao desenvolvimento tendo o próprio Estado como agente

promotor, Gratius (2012) denomina esse ciclo como *regionalismo político-social*, enfatizando o componente político desses arranjos.

Já a denominação de *regionalismo pós-hegemônico* trazida por Riggiorozzi (2012) sugere a existência de um regionalismo que, por ser crítico ao elemento neoliberal que guiou as políticas regionais dos anos 1990, pode ser encarado como defensivo, que busca na ação coletiva promover o desenvolvimento de infraestrutura e de energia, além de trazer o componente social para o centro analítico.

Saindo um pouco dessa nova onda do regionalismo, Malamud e Gardini (2012) alertam para o risco presente na coexistência de vários arranjos de integração que se sobrepõem entre si, o que dificultaria as possibilidades de se atingir um só denominador comum regional. Os autores caracterizam esse processo como um conjunto de *subregionalismos segmentados* que, atuando simultaneamente na mesma região, poderiam vir a conformar um *regionalismo multi-nível*¹⁴. Nesse sentido, ainda que se trate de um fenômeno pouco frequente, o mesmo Estado poderia estar sujeito a normas distintas e, em uma situação extrema, poderia causar impasses entre a posição do ator nas respectivas instituições internacionais (MALAMUD; GIARDINI, 2012).

Em suma, dentre as denominações anteriores, as três mais recorrentes na literatura especializada – regionalismo pós-liberal, político-social e pós-hegemônico – coadunam em si explicações semelhantes para caracterizar o processo que vem vigorando nas iniciativas de integração regional sul-americanas. Contudo, mais duas perspectivas podem auxiliar a entender a concertação regional vigente na qual se insere o Brasil: a ideia de *governança regional* e o debate sobre a necessidade de um *paymaster* nos processos de integração (SARAIVA, 2013). A análise das duas perspectivas permite avaliar que, em ambas, o papel do Brasil seria central.

Considerando todo o exposto acerca dos rumos do regionalismo sul-americano e assumindo que o tema da governança regional poderia constituir-se como tema central da política exterior do Brasil, no item a seguir, buscar-se-á compreender como a política externa brasileira tem sido orientada no que tange à América do Sul, ademais de suas aspirações em converter-se no principal ator da região.

¹⁴ Miriam Saraiva (2013) também denomina esse processo como “regionalismo de sobreposição”.

3.5 INTEGRAÇÃO REGIONAL E LIDERANÇA COMPARTILHADA?

Os dados relativos à ação regional do Brasil começam a ficar contraditórios à medida que as perguntas se tornam mais específicas. Ou seja, quando o público é questionado sobre o Brasil ser líder, a resposta é maciçamente positiva, mas quando envolve assumir o “ônus” da liderança, há um espalhamento importante das respostas, como pode ser verificado nos gráficos a seguir. Todas as perguntas partiram da seguinte provocação: “Por seu tamanho territorial, demográfico e econômico, o Brasil é o país mais importante da América do Sul. Considerando isto, você concorda ou discorda que o Brasil: ”

Gráfico 12 – Que o Brasil lidere a região nos foros internacionais

Gráfico 13 – Que o Brasil ajude economicamente aos países menos desenvolvidos da região

Gráfico 14 – Que o Brasil não intervenha nos problemas da região

Gráfico 15 – Caso o exército ou um grupo armado de algum país latino-americano derrubasse um governo eleito democraticamente, você acredita que o Brasil deveria...

O aprofundamento dos processos de integração regional com os vizinhos é imperativo para o Brasil, como disposto no artigo 4º da Constituição Federal, parágrafo único: “[a] República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações” (BRASIL, 1988).

Especificamente no que tange aos vizinhos mais próximos, as relações brasileiras com a América do Sul foram marcadas por fases de isolamento, de boa vizinhança e de protagonismo regional, além de estarem sempre permeadas por afinidades e diferenças. Ademais, foram arquitetadas pela condição de engajamento da diplomacia brasileira, diante da concepção de que a presença estadunidense na região diluía o papel de relevo do Brasil. Assim, com a criação do Mercosul no início da década de 1990 e uma cooperação crescente com seu vizinho mais poderoso até então, a Argentina, traçava-se a estratégia de inserção brasileira no continente sul-americano (CERVO; BUENO, 2010).

Na tabela a seguir, verificam-se as respostas do público no que tange à liderança latino-americana. Como era de se esperar, a maior parte das respostas nos anos de 2015 e de 2019 se concentrou no Brasil, no entanto, vale destacar a quantidade de países mencionados, ainda que muitos deles com uma quantidade muito pequena de votos.

Tabela 1 – Em qual dos seguintes países você tem mais confiança para ser o líder da América Latina?

Em qual dos seguintes países você tem mais confiança para ser o líder da América Latina?				
	2015		2019	
Argentina	NA	NA	208	11,25%
Não sabe	NA	NA	156	8,44%
Não respondeu	NA	NA	6	0,32%
Cuba	43	2,29%	NA	NA
Venezuela	53	2,82%	NA	NA
Outro	84	4,47%	88	4,76%
Chile	94	5,00%	NA	NA
México	139	7,39%	127	6,87%
Nenhum	300	15,95%	27	1,46%
Brasil	1168	62,09%	1237	66,90%
Total	1881	100,00%	1849	100,00%

Sabe-se que dois eixos estratégicos importantes pautaram a política externa brasileira até o governo Dilma Rousseff: o eixo global, enfatizado no multilateralismo e nos novos arranjos mundiais, que almejava para o país a posição de potência emergente; e o eixo regional, voltado para a América do Sul, que visava aumentar sua projeção e presença ante seus vizinhos. O direcionamento a esses eixos aprofundou-se com a crise financeira de 2008, tendo em vista que o Brasil acabou por imprimir em sua política externa certo distanciamento da Europa e dos Estados Unidos, na busca de estreitar laços com os países latino-americanos e com as potências emergentes, em que se destaca o avanço do grupo dos BRICS – arranjo internacional conformado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul –, assinalando o que se conformaria como espectro de maior autonomia com relação às potências tradicionais, por meio da diversificação de parceiros e pelo fortalecimento das instituições regionais, como a Comunidade de Estados Latino-Americanos e do Caribe (Celac) ou o próprio Mercosul (PECEQUILO, 2008; PEDROSO, 2013).

A criação, formação e impulso para o pleno funcionamento da Unasul foi um bom exemplo da ação do governo brasileiro em vias de conquistar o reconhecido posto de protagonista regional. Para o país, a conformação da união sul-americana seria o ponto culminante de uma série de iniciativas que o levaria para a almejada posição de relevo, de modo que a ação com seus vizinhos, na gênese do “projeto Unasul”, versava pela obtenção de insumos para o desenvolvimento da economia doméstica; pela busca de apoio para o país em outros fóruns multilaterais; bem como pela promoção de um contrabalanceamento hemisférico com a ação imperialista dos Estados Unidos (SARAIVA, 2013).

Não obstante, ainda que a Unasul não se constituísse como um instrumento de integração comercial, ela ocupava um papel crucial nas linhas de ação do Itamaraty, tendo em vista que a União atuava na concertação político-estratégica sul-americana, o que auxiliaria Brasília no plano regional. Todavia, Saraiva (2013, p. 18) questiona os limites do Brasil em sua ação política na América do Sul:

A participação de recursos brasileiros em projetos da UNASUL e no FOCEM¹⁵, assim como a estrutura de assistência técnica e financeira estruturada pelo governo brasileiro para os países vizinhos representa um movimento importante que materializa a disposição brasileira de arcar com parte dos custos da cooperação regional. Neste caso, o conceito do *paymaster* pode ser utilizado, embora com limites e abre-se uma indagação sobre o peso do Brasil na estruturação da governança regional. (SARAIVA, 2013, p. 18).

Ainda que se conceda destaque ao fato de que o ano de 2008 foi marcado regionalmente pela conformação institucional da Unasul, não se pode deixar de mencionar o evento que marcou o plano global na mesma época, que diz respeito à crise financeira mundial, que despertou a atenção de todos os governos e arranjos internacionais. Vale recordar, todavia, alguns dos feitos do governo Lula da Silva (2003-2010) durante a crise global – porém, salienta-se que essa pesquisa não objetiva analisar a postura do Brasil ante a crise internacional ou mesmo seus reflexos na economia brasileira.

¹⁵ O Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul (FOCEM) entrou em operação em janeiro de 2007 e destina-se ao financiamento de programas que possam promover, especialmente no que diz respeito às economias menores e menos desenvolvidas do bloco, a convergência estrutural, desenvolver a competitividade e promover a coesão social, além de fomentar a estrutura institucional do Mercosul, bem como seu processo de integração. Destaca-se que o Brasil é o maior contribuinte do Fundo, aportando cerca de 70% dos recursos. No que se segue, a Argentina responsabiliza-se por 27% do total, enquanto que Uruguai contribui com 2% e o Paraguai com 1% do total (MERCOSUL, 2015). Para mais informações, recomenda-se acessar a página oficial do FOCESM: <<http://www.mercosur.int/focem/>>.

No que se segue, a crise financeira e econômica mundial, iniciada em 2008 nos Estados Unidos e posteriormente espalhada pela Europa, foi encarada por Visentini (2013) como uma plataforma de projeção internacional do Brasil, sendo o período descrito pelo autor como um dos que se verifica maior relevo da diplomacia “ativa e afirmativa” provinda do Itamaraty. A emergência de tal cenário, já em vias da conclusão do segundo mandato presidencial de Lula (2007-2010), fez com que o país conquistasse espaço e adquirisse postura de protagonista em eventos internacionais de grande significância, no que se exemplifica a atuação nacional no G-20 financeiro e no apaziguamento dos conflitos do Oriente Médio, a partir do caso específico de Teerã.

Gráfico 16 – Você concordaria ou não se o Brasil reduzisse as barreiras de entrada de produtos estrangeiros?

Dentro da pauta comercial, após a crise doméstica enfrentada pelo país desde meados do governo Dilma, descreve-se no gráfico acima um comportamento mais conservador do público, não mais apoiando com tanta veemência a entrada de produtos estrangeiros como fazia em 2011.

Recorda-se que os últimos anos do governo Lula foram marcados por duas crises de relevo internacional, as quais contaram com a ação enfática do Itamaraty, que pode ser justificada não só como forma de fomentar a cooperação Sul-Sul, bem como de dar prosseguimento ao projeto nacional que guiou, em certa medida, a chancelaria liderada por

Celso Amorim (2003-2010), que visava garantir para o Brasil um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (BERTAZZO, 2012).

Ainda no que tange às aproximações e dissonâncias entre os governos Lula e Dilma, Saraiva (2013) acredita que, desde a ascensão do presidente em 2003, a vontade política exercida por meio da diplomacia presidencial deu o tom do comportamento brasileiro quanto ao contexto sul-americano. Lula conseguiu articular consigo os desenvolvimentistas, os autonomistas, os geopolíticos nacionalistas, além de uma comunidade epistêmica que defendia a integração sob os mesmos moldes encabeçados pelo presidente. Dilma Rousseff, por sua vez, teria reforçado o elemento desenvolvimentista, porém toda a comunidade epistêmica que defendia os processos de integração perdeu força na tomada decisão. Além disso, a Presidência da República teria deixado de assumir o posto de poder equalizador de dissonâncias quanto aos temas de política internacional, além de não mais demonstrar vontade política em relação ao plano sistêmico sul-americano (SARAIVA, 2013).

Sustenta-se, portanto, que o primeiro governo Dilma manteve as linhas mestras de ação do governo antecessor, coadunadas com suas características próprias de governo. Assim, “a trajetória revisionista frente às instituições internacionais, a atuação nos foros multilaterais com o perfil de representante dos países do Sul e uma orientação regional para a dimensão sul-americana” (SARAIVA, 2013, p. 15) conformaram-se como o plano basilar da ação externa do Brasil, desde que a presidenta subiu ao poder em 2011 até o agravamento das crises política e econômica no âmbito doméstico, entre o final de 2014 e início de 2015.

Coadunando-se com os elementos expostos até aqui, observa-se, ainda no governo Dilma, um deslocamento na orientação prioritária da política externa brasileira. Conforme suscitado anteriormente, a organização da ação internacional brasileira pode ser pautada pelos eixos regional e global, nesse sentido, Saraiva (2013) afirma que algumas prioridades foram modificadas e o chamado “Sul global” ganhou força em relação à América do Sul. Ou seja, pode-se afirmar que, durante o primeiro mandato da presidenta, visualizou-se um deslocamento do eixo preferencial de ação externa, passando da ênfase na projeção regional, característica do governo Lula, para priorizar uma projeção do Brasil a nível global, por meio de arranjos internacionais como o BRICS e, em menor medida, usufruindo-se dos megaeventos esportivos sediados pelo Brasil, a saber, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Essa alteração do eixo preferencial nos primeiros anos após a era Lula, trouxe ainda mais incertezas acerca do papel do Mercosul, não só regionalmente, como também em face do

modus operandi da ação brasileira junto ao bloco. Acredita-se que a ação mercosulina, que já não era tida como prioridade máxima para a diplomacia de Celso Amorim, garante a sua relevância devido ao fato de que defender o bloco é fundamental na manutenção do relacionamento do Brasil com seus vizinhos. Contudo, recorda-se que os obstáculos impostos às exportações brasileiras intra-bloco não foram resolvidos e que, desde a ação do governo de Cristina Kirchner na Argentina, buscando implementar uma série de medidas estatizantes, afastou os investimentos brasileiros do país (SARAIVA, 2013).

Assim sendo, percebe-se uma crescente fragilidade na integração econômica entre os países do Mercosul e, por isso, questiona-se qual seria o real papel do bloco para os países-membros na atualidade, visto que o grupo parece se assemelhar cada vez mais à Unasul e seu componente político. Apesar disso, o cenário não chega a ser completamente pessimista, dado que o processo de adesão da Bolívia como membro-pleno está avançando, no que se somam ainda as recentes adesões de Guiana e Suriname como membros-associados. Tais adesões podem trazer um novo fôlego para a integração via Mercosul, se houver, claro, disposição dos países para possíveis concessões necessárias para o aprofundamento do bloco (SARAIVA, 2013).

Depreende-se, assim, que se o cenário logo à alvorada do século XXI era bastante positivo para a América do Sul, o mesmo não se pode dizer quanto à segunda década em que se vive. Em um breve balanço sobre os primeiros cinco anos do período (2011-2015), Saraiva (2015) averiguou alguns pontos que trouxeram alterações conjunturais para o cenário regional: 1) o preço das *commodities* exportadas pelos países da região caiu consideravelmente; 2) o avanço entre países de fora da região em acordos bilaterais ou em novos arranjos multilaterais de comércio, dificultando a inserção internacional dos sul-americanos – os governos de viés progressista vêm enfrentando sérias dificuldades no plano doméstico, especialmente no que tange à manutenção do financiamento das políticas sociais; 3) a política externa brasileira para a América do Sul recuou, deixando de ser elemento promotor da conformação de uma governança regional, em aquiescência ao que foi suscitado anteriormente – o financiamento de obras de infraestrutura regional, principal instrumento de apoio da política exterior à cooperação e à regionalização foi fortemente reduzido (SARAIVA, 2015).

Esse breve balanço dos rumos da ação brasileira na América do Sul durante o governo Dilma permite constatar que, por mais que linhas mestras fossem preservadas desde o governo

Lula, a conjuntura regional e doméstica trouxe incertezas e desafios quanto aos rumos da interação entre a política externa brasileira e o regionalismo sul-americano.

Por fim, um dos debates mais paradoxais dos *surveys* vem na leitura dos processos de integração regional. O público, quando questionado diretamente, tem uma postura bastante favorável à integração, a saber:

Gráfico 17 - Gostaria que o Sr(a) me dissesse qual a importância que acredita que cada um dos seguintes objetivos deve ter para a política exterior do Brasil, ou seja, se o Sr(a) os considera muito importante, importante, pouco importante ou nada importante? Promover a integração regional

No entanto, quando colocado em perspectiva com outros temas e agendas, o tema de integração regional basicamente desaparece:

Gráfico 18 - De todos esses objetivos, qual é o mais importante? =

Gráfico 19 - Analisando a resposta “promover a integração regional”

Percebe-se que o apoio aos processos de integração regional gira em torno de 1% do total, perdendo para outras prioridades vistas como ainda mais importantes, como proteger o meio ambiente, combater o narcotráfico e o crime organizado. Quando questionado diretamente sobre o papel do Brasil, o público:

Gráfico 20 - Papel do Brasil na América Latina

Gráfico 21 - Na sua opinião, o Brasil deve prestar mais atenção em qual região do mundo?

Com a análise dos dados acima, percebe-se que, majoritariamente, a opinião pública brasileira avalia a integração regional como um objetivo muito importante ou importante da Política Externa Brasileira.

Contudo, a questão seguinte coloca esse cenário em prova: quando os respondentes devem elencar, dentre todos, qual o mais importante, “promover a integração regional” aparece como o último item, tendo sido o que menos recebeu grau de importância, com apenas 1,1% do total de respostas. Os campeões foram, respectivamente, “proteger o meio-ambiente” (22,7%) e “combater o narcotráfico e o crime organizado” (22,55%).

Portanto, a análise aponta para um paradoxo: ao mesmo tempo em que os cidadãos acreditam que o país detém a liderança regional, eles não sustentam que o Brasil deva assumir o papel de *paymaster*.

4 MUDANÇAS DE GOVERNO TRAZEM MUDANÇAS DE PERCEPÇÕES NA OPINIÃO PÚBLICA NACIONAL? ANALISANDO O DEBATE SOBRE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS¹⁶

A mobilidade dos povos é inerente ao processo evolutivo da humanidade e, a partir do século XIX, verifica-se um aumento maciço nas migrações internacionais. Entre 1880 e 1930, as profundas mudanças na economia mundial – pelo desenvolvimento do capitalismo industrial – e consequente disseminação do modelo capitalista determinaram boa parte dos padrões migratórios internacionalmente. Dentre as características observadas nesse período, estão a necessidade de mão de obra nas economias ascendentes, declínio demográfico, concentração nos centros urbanos e ainda o povoamento do então Novo Mundo (Canadá, EUA, México, Brasil, Austrália etc.), sobretudo por europeus pobres do meio rural.

Nesse capítulo, então, propõe-se analisar as reações do público brasileiro quanto às ações de migrações internacionais nos três *surveys* aplicados em 2011, 2015 e 2019. Por conta de algumas mudanças nos questionários, houve incompatibilidade na comparação contínua de todos os dados nessa série histórica. Sendo assim, ainda que a análise descritiva prioritária buscasse comparar os três *surveys*, em alguns momentos os dados foram analisados comparativamente em apenas dois deles (sempre buscando compatibilidade). Por sua vez, os gráficos 34 a 41 dizem respeito unicamente aos dados de 2015.

Como ponto de partida, ressalta-se aqui a literatura de opinião pública e Economia Política Internacional, ao assinalar que i) aqueles com mais educação tendem a ser mais favoráveis à imigração e suas políticas do que aqueles com menor nível educacional; ii) a opinião pública mostra-se mais receptiva ao migrante com maior nível de qualificação para o trabalho; iii) grandes choques econômicos tendem a mudar a percepção da opinião pública quanto às formas de imigração aceitáveis (PETERS, 2017).

Dado que quanto mais inserido nas dinâmicas globais, mais sujeito aos diferentes fluxos migratórios, inicia-se, portanto, com a análise descritiva da percepção dos respondentes sobre o nível de inserção internacional do país:

¹⁶ Um texto modificado do capítulo foi publicado no livro “Governança Global: conexões entre políticas domésticas e internacionais”, São Paulo: EDUC, 2019.

Gráfico 22 - Você acredita que o Brasil terá mais ou menos importância internacional daqui a 10 anos comparando com hoje?

Percebe-se um ligeiro decréscimo na análise positiva de aumento da influência brasileira, enquanto, na série histórica, aumenta a percepção de que o Brasil será menos influente em temas internacionais. Dois outros dados interessantes que sejam mobilizados no início desse capítulo dizem respeito a percepção dos brasileiros em relação aos migrantes que aqui vivem. No primeiro deles, abaixo, percebe-se que os brasileiros acreditam majoritariamente que há muitos estrangeiros vivendo em solo nacional. Tal percepção parece consolidada junto às massas, visto que não houve mudança nessa percepção entre os anos de 2015 e de 2019. No entanto, segundo os dados mais recentes da Organização Internacional para as Migrações (OIM), o Brasil possui apenas 807 mil migrantes internacionais, que representam 0,4% da população brasileira. Para fins de comparação, o Brasil possui mais do que o dobro desse número de nacionais no exterior, ou seja, 1.7 mi de brasileiros está espalhado pelo mundo (OIM, 2019).

Gráfico 23 - Em relação ao número de estrangeiros que vivem no Brasil, você acha que são

Gráfico 24 - Em geral, qual sua opinião sobre os estrangeiros que vivem no Brasil?

Ainda sobre as ações do Brasil no plano global, conforme discutido no capítulo anterior, a ação como ator de relevo traz custos. Sendo assim, o público foi questionado nos anos de 2015 e de 2019 sobre a importância de o país conceder refúgio a todos aqueles que estivessem passando por riscos em seu país de origem. Considerando que nesse período de quatro anos entre os *surveys* houve um aumento expressivo de refugiados no país por conta da crise venezuelana, acredita-se que essa possa ter sido uma das razões para essa mudança de comportamento do público. Como pode-se verificar no gráfico abaixo, houve uma diminuição entre as pessoas que acreditavam se tratar de uma política “muito importante” e houve um aumento expressivo dentre as pessoas que acreditam se tratar de uma política “razoavelmente importante”.

Gráfico 25 - Qual a importância para o Brasil em investir mais recursos: Na concessão de refúgio a estrangeiros que estão em perigo em seu país

4.1 O DEBATE SOBRE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

O entendimento da imigração como um problema não é uma novidade. A presença de um indivíduo, com características distintas e com costumes diferentes, representa, de forma geral, um incômodo à sociedade receptora, que compreende essa chegada como uma quebra em

sua idealizada homogeneidade. No cenário da última década, caracterizado pela maior crise de deslocamento forçado desde a II Guerra Mundial, o que se observa é um aprofundamento desse entendimento dos fluxos migratórios como um problema: de incômodo, o fenômeno passou a ser visto como uma ameaça existencial aos Estados e às sociedades de destino (BIGO, 2002; HUYSMANS, 2006).

No âmbito nacional, a temática migratória ganha contornos notórios no que concerne dois grandes aspectos: a segurança pública, relacionada à percepção de que o aumento dos fluxos representaria um aumento nos números de criminalidade; e, às pautas econômicas, especialmente concernentes às capacidades gerenciais dos Estados de acolher esses indivíduos - o que envolve oferta de emprego e disponibilidade de serviços públicos-. Na esfera internacional, por sua vez, observa-se a associação desses fluxos com outras práticas já securitizadas (ou seja, já inseridas na agenda de segurança), como o tráfico de drogas, de armas, de pessoas e a possibilidade que esse espaço de fronteira permita a entrada de grupos que praticam atos terroristas.

É importante notar que nem todos os fluxos são percebidos dessa forma. Há grupos de desejáveis e de indesejáveis e os critérios que determinam essas categorias são mutáveis, a depender do contexto histórico, econômico, político e social. É o caso, por exemplo, dos asiáticos nos EUA e na Austrália. Se no século XIX, esse grupo era visto como a “ameaça amarela”, incapazes de se integrar e menos civilizados, nas últimas décadas, passaram a ser considerados o tipo modelo de imigrante, que ascende economicamente e que, portanto, auxilia no desenvolvimento do país (WEINER, 2004).

Há, todavia, determinados grupos e características que são prevalecentes, especialmente quando se trata da indesejabilidade. A presença de nacionais do norte global no Brasil, por exemplo, não é tratada da forma como a de haitianos, sírios, venezuelanos e congoleses. Reportagens noticiaram, inclusive, que a chegada dos haitianos¹⁷ e venezuelanos¹⁸ representava uma “invasão”, o que incentivou o estabelecimento de um pânico moral e de ataques xenófobos.

Historicamente, é possível observar que a chegada de pessoas com baixo poder aquisitivo é vista como um tema sensível para as elites dos países de destino. Desde o feudalismo, a figura representada pelo ideário de “vagabundo” era compreendida como um

¹⁷ CARVALHO, Cleide. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/acre-sofre-com-invasao-de-imigrantes-do-haiti-3549381>>. O Globo, 01 jan. 2012

¹⁸ ROXO, Sérgio. Invasão de venezuelanos em Roraima. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/invasao-venezuelana-em-roraima-20420079>>.

problema a ser evitado e como uma ameaça ao bem-estar daquela comunidade. Com o advento do mercantilismo e a necessidade de produção e de gerar lucros, a ideia de fardo, atrelada à presença desses indivíduos, encontrava-se relacionada com o entendimento de que eles não serviriam para melhorar e desenvolver as economias locais. Assim, o controle de fronteiras, de modo a evitar esse tipo de entrada, ocorria e ainda ocorre como uma estratégia (ou uma tentativa) de manter determinada ordem pré-existente (WEBER; BOWLING, 2008).

Dessa forma, especialmente com a formação dos Estados Nacionais no século XVII, foram criadas medidas mais rígidas para evitar a entrada de indesejados. Enquadrava-se nessa categoria quem fosse visto como possível dependente de assistência social e que não fosse produtivo. Essa categorização não era, todavia, estática e sofreu ampliações e reduções ao longo dos anos. No século XIV, por exemplo, eram considerados como vagabundo além dos nômades, não produtivos, marinheiros, videntes, prostitutas e até professores (WEBER; BOWLING, 2008). Nesse sentido, é possível perceber a prevalência de alguns desses padrões, especialmente os que são concernentes à inaptidão para o trabalho e aos que poderia gerar custos ao Estado, como os doentes, criminosos e subversivos (DOMENECH, 2015).

O fato é que não se trata apenas do choque externo de um evento isolado, em termos de quantidade ou de surpresa. A percepção da mobilidade humana como um problema de segurança se baseia em um repertório coletivo de memórias compartilhadas, discursos de segurança e hábitos institucionais; que, por sua vez, podem criar uma predisposição dos atores de entender determinado evento em termos de crise, por meio da gramática de segurança (ROBINSON, 2017). A chegada de alemães provenientes da parte oriental da Alemanha no território ocidental, após a queda do muro de Berlim, não foi, por exemplo, tratada como uma ameaça. Do mesmo modo, o Canadá, reconhecido internacionalmente como um país acolhedor e humanitário, rejeitou o pedido de refúgio de milhares de nacionais do Sri Lanka que chegaram de navio ao país. A resposta canadense foi de deslegitimar o pedido acusando as pessoas de pertencerem ao grupo Tigres do Tâmeis, reconhecido pelo uso de táticas de terror (CANADIAN COUNCIL FOR REFUGEES, 2015).

Nos gráficos a seguir, percebe-se uma diferença expressiva entre as respostas quando se trata da entrada do migrante altamente qualificado para o migrante sem qualificação. No entanto, como se observa nos gráficos por grupo, não há mudanças tão expressivas em torno dos grupos populacionais de migrantes no Brasil.

Gráfico 26 - Brasil autorize a entrada de estrangeiros ALTAMENTE qualificados para viver e trabalhar aqui

Gráfico 27 - Brasil autorize a entrada de estrangeiros POUCO qualificados para viver e trabalhar aqui

Gráfico 28 - Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Livre movimento de pessoas na região sem controles fronteiriços

Gráfico 29 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? América do Norte

Gráfico 30 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? América Central

Gráfico 31 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? América do Sul

Gráfico 32 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? Europa

Gráfico 33 - Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho? Ásia

Para obter as respostas a seguir, foi questionado: “O senhor/senhora concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho”. A distribuição das respostas ocorreu por país e não se verifica uma mudança no padrão de comportamento do brasileiro médio quanto a entrada de trabalhadores estrangeiros – a não ser, como dito anteriormente, que sejam migrantes altamente qualificados.

Gráfico 34 – EUA

Gráfico 35 – México

Gráfico 36 - Venezuela

Gráfico 37 - Argentina

Gráfico 38 – Haiti

Gráfico 39 - Alemanha

Gráfico 40 – Portugal

Gráfico 41 – Japão

4.2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL PARA O CAMPO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Um dos maiores mitos da globalização econômica é a liberdade absoluta de circulação, sendo essa uma das liberdades com pior nível de distribuição do mundo. Se por um lado, a cada ano, um bilhão de pessoas viaja a turismo ou negócios, tem-se que 2/3 do planeta não podem circular livremente. As pessoas mais pobres continuam sem meios e sem redes que permitam um deslocamento, submetendo-se, por vezes, a situações de alto risco. A dualidade persiste ao se analisar que a migração pode proporcionar novas oportunidades para melhorar a vida, escapar de relações sociais e políticas opressivas e apoiar aqueles que são deixados para trás, mas também pode expor as pessoas a novas vulnerabilidades como resultado do seu estatuto jurídico precário: condições de trabalho abusivas, a discriminação com base na etnia/raça/religião/gênero e exposição a riscos para a saúde.

Segundo Grugel e Piper (2007), há uma bifurcação entre trabalhadores altamente qualificados e trabalhadores menos qualificados. Aos migrantes mais qualificados são normalmente dados um estatuto preferencial e mais direitos e benefícios, como a reunificação familiar – o que não acontece com o outro grupo. Assim, as políticas de países desenvolvidos muitas vezes criam padrões estratificados de migração: abrem seletivamente as suas rotas

econômicas de entrada; concedem direitos de acordo com a utilidade aparente do migrante para a economia e seu status social. Com relação aos direitos trabalhistas no destino, quando os possuem, os trabalhadores menos qualificados e não qualificados (maioria dos migrantes), são mais vulneráveis a violações de direitos em oposição a trabalhadores qualificados, sendo assim, tendem a trabalhar nos setores informais do mercado de trabalho ou em setores onde normas de trabalho não são aplicadas, mesmo para os trabalhadores locais.

Tal bifurcação dialoga com a Teoria do Mercado Dual de Trabalho¹⁹ (PIORE, 1983; FUSCO, 2005; PATARRA, 2006 apud BRZOZOWSKI, 2012), em que o principal fator de deslocamento internacional deriva das forças de atração nos mercados de trabalho dos países receptores. Sustenta-se que, nos países desenvolvidos, essa bifurcação cria um mercado de trabalho secundário pouco atrativo para os cidadãos nacionais, dado que conta com remunerações baixas, instabilidade e condições de trabalho pouco desejáveis. Sendo assim, os imigrantes ocupam vagas rejeitadas pelos nativos – vale ressaltar que tais empregos precarizados também não seriam objetos de interesse dos imigrantes em seus países de origem. A mudança ocorre porque, nos países de destino, os salários tornam-se muito atrativos quando comparados àqueles praticados em seus países de origem.

No entanto, a Teoria do Mercado Dual está longe de ser uma voz uníssona, visto que existem vários debates que norteiam os estudos sobre migrações internacionais e Economia Política Internacional. Uma das perspectivas mais conhecidas nos estudos da Economia da Migração é a Neoclássica, que trata da desigualdade na distribuição internacional de capital e mão-de-obra como um dos principais fatores que geram mobilidade populacional. Nesse caso, o deslocamento ocorre via fluxos que saem dos países com pouco capital – e consequentemente salários mais baixos – para as áreas abundantes de capital (HARRIS & TODARO, 1970; MASSEY et al., 1998). Para os neoclássicos, a migração também é resultado de um cálculo que objetiva melhoria na qualidade de vida: a pessoa se desloca, com certo custo, na espera de obter um retorno financeiro maior do que o investimento – em capital financeiro e capital humano. Um exemplo desse fluxo migratório pode ser observado pelo caso do Brasil nas décadas de 1980 e 1990, em que se observou constantes fluxos de emigração para os Estados Unidos, sempre associando-se migrar com a obtenção de um padrão de vida mais alto (FUSCO, 2005).

¹⁹ Também chamada de Teoria da Segmentação do Mercado.

Para a chamada Nova Economia da Migração, a análise sobre os deslocamentos internacionais – com fluxos advindos dos países em desenvolvimento – deve ser feita a partir do contexto das assimetrias existentes no mercado de trabalho, de capitais, de produtos rurais ou até educacionais. Nessa perspectiva, as decisões migratórias não são tomadas por um ator isolado, mas por unidades – agrupamentos familiares ou não – que agem coletivamente visando não apenas maximizar a renda, mas a minimalização do risco econômico. O principal recurso da unidade é o trabalho e seus bens podem ser disponibilizados para diversificar o recurso – movimento que ocorre, por exemplo, quando alguns membros de uma família emigram com o fim de estabelecer envios constantes de remessas para aqueles que permaneceram no país de origem, gerando renda para toda a unidade. Conforme destacam os pesquisadores da nova economia da migração, tais movimentos são investimentos que não estão disponíveis para todas as unidades familiares, sendo assim, pressupõe-se que tais migrantes não ocupam as classes mais baixas da sociedade – tratam-se de grupos que estão em situação de privação relativa, também nomeada como “classe média empobrecida”. Geralmente, tais grupos migram após uma recente redução do nível de renda, enxergando a migração como um veículo que levará toda a unidade familiar a uma ascensão no seu padrão de vida (STARK & BLOOM, 1985; SASAKI & ASSIS, 2000; BRZOZOWSKI, 2012).

Por fim, uma das abordagens mais utilizadas para explicar a manutenção dos fluxos migratórios está nas Teorias das Redes Sociais (BOYD, 1986; MASSEY, 1990; TILLY, 1990; FUSCO, 2005) ou de Redes Migratórias. As redes derivam de laços que conectam os migrantes pioneiros e os migrantes potenciais nas áreas de origem e de destino, com relações que podem ser familiares ou apenas derivadas da origem comum. O estabelecimento de conexões facilita o fluxo de informações e de capitais sobre condições de vida, de emprego e do deslocamento em si. Ademais, ao auxiliar os novos migrantes na adaptação ao destino, fomentam a consolidação do fluxo específico, tornando a migração muito mais provável e constante. De igual modo, tais redes também podem servir como elementos que levam à interrupção dos fluxos – ao sinalizarem que o país de destino já não se conforma mais como uma opção interessante. Essa abordagem explica porque determinados fluxos migratórios não ocorrem de modo uniforme por todo o território nacional – seja na origem ou seja no destino – concentrando os grupos migratórios em regiões, cidades ou até bairros específicos.

4.3 POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA E OS FLUXOS MIGRATÓRIOS

Nos últimos anos observaram-se diversas mudanças nos padrões de comportamento dos fluxos migratórios. Por muito tempo, a migração econômica era vista como uma ação que visava o envio de remessas dos migrantes para pessoas que permaneciam nos países de origem, de modo que o desenvolvimento econômico daquela região levaria a uma cessão dos fluxos (BRZOZOWSKI, 2012). Nesse sentido, boa parte das políticas migratórias de países desenvolvidos – em que se destacam os membros da União Europeia – tratava-se de programas de ajuda externa (ou Assistência Oficial para o Desenvolvimento) para os países emissores dos maiores fluxos, em que visava a criação de empregos nos países de origem, desestimulando a chegada dos imigrantes na Europa. Ocorre que, conforme as teorias anteriormente citadas sustentam, não são os mais pobres que caracterizam os principais fluxos de migrações econômicas. A construção imagética do migrante pobre é um recurso perigoso cada vez mais utilizado por grupos extremistas, veículos de comunicação e até determinados governos para sustentar políticas de segurança agressivas. Ao criar um problema inexistente, pautado em um entendimento equivocado sobre os fluxos migratórios, os países não só agravam a situação de vulnerabilidade dessas populações, como também não administram em nenhuma medida os fluxos migratórios.

Ademais, de acordo com Haas (2007), as políticas de ajuda externa para o desenvolvimento dos países emissores, como é de senso comum afirmar, não reduz a emigração. Para o autor, se países pobres enriquecerem, a saída de seus nacionais deve aumentar e isso decorre do aumento das capacidades e aspirações dos indivíduos, que são decorrentes dessa melhora na economia. Outro elemento fundamental é o desenvolvimento nos níveis de educação e o acesso a meios de comunicação mais modernos, como a televisão e a internet, que mostram outras possibilidades de modos de vida, o que influencia nos anseios de saída.

Existe uma discussão econômica liberal otimista acerca da presença dos imigrantes como agentes de desenvolvimento nos países receptores, que tem dominado os debates não só acadêmicos, como também em organizações internacionais e não-governamentais. Os imigrantes seriam responsáveis por diversificar a atividade econômica dos países, trazendo diversos ativos que outrora não eram presentes e que não seriam sem a chegada de tais grupos. Por sua vez, uma abordagem mais pessimista pode ressaltar que, em geral, emigram os indivíduos mais jovens, em idade economicamente ativa, com qualificação profissional – ou

que emigram visando qualificar-se e permanecer no país de destino. Nessa perspectiva, a emigração é um fenômeno altamente agressivo para os países emissores, agravando os níveis de pobreza e dificultando as possibilidades de desenvolvimento daquele país (BRZOZOWSKI, 2012).

Para além de todo o debate teórico, é explícito que o impacto econômico mais mensurável das migrações internacionais versa pelo envio de remessas. Quando os trabalhadores emigram para encontrar emprego em outro país, muitas vezes enviam dinheiro para casa para sustentar suas famílias. Em conjunto, estas enormes somas de dinheiro podem ter profundos efeitos políticos e econômicos no país de origem. Para Mosley e Singer (2015), no debate sobre remessas internacionais, os trabalhadores migrantes são vistos como agentes de mudança – devido aos significativos impactos políticos, seja para o país que envia, seja para o país que recebe os recursos.

Em todos os países, o debate sobre a formulação de políticas públicas que regulam a entrada, saída e permanência de migrantes está no centro da agenda dos governos. Entre mobilidades voluntárias e deslocamentos forçados, nunca na história da humanidade tantos fluxos distintos ocorreram simultaneamente. Tal verificação contrasta com a ascensão de governos populistas e altamente despreparados para lidar com a delicada questão migratória. A compreensão holística de todos os elementos que estão no debate sobre migrações – algumas delas mencionadas nesse capítulo – é indispensável para qualquer agente público ou privado que objetive atuar nesse campo. Pensar as migrações passa indiscutivelmente pela compreensão de todas as forças políticas, sociais, econômicas e até ambientais que atuam naquele fluxo específico.

5 CONCLUSÃO

A atuação do Brasil regionalmente, que desde os anos 1990 já sinalizava uma preferência pelos mecanismos coletivos de ação multilateral, começou a assumir, durante o governo Dilma, o papel de ator coadjuvante no espaço aberto pelos fóruns regionais, afastando-se da ideia anterior de assumir uma posição de protagonista da região. Ademais, dadas as incertezas no cenário político sul-americano nessa segunda década dos anos 2000, nenhum país da região sinaliza claramente ter condições e vontade política para assumir as rédeas e os custos da integração regional.

No entanto, o debate público sobre política externa permaneceu: conforme suscitado anteriormente, a política exterior empreendida pela chancelaria liderada por Celso Amorim despertou maior interesse por parte da opinião pública, iniciando o processo que se averigua até hoje. Além disso, na medida em que se ampliou o grupo de atores envolvidos e interessados pela ação externa do país, diversificaram-se as opiniões sobre ela e, não raramente, emergiram opiniões divergentes quanto ao seu entendimento. Dessa maneira, os meios de comunicação de massa propiciaram o alargamento do debate informado sobre política exterior, impactando na percepção da opinião pública nacional.

Percebe-se que o fim da era Lula deixou para o governo de Dilma Rousseff uma política externa ativa e não-indiferente, buscando galgar cada vez mais espaço nos planos regional e global. Contudo, o cenário conjuntural que veio em consonância com a transição de poder não favoreceu em nada os novos rumos da política exterior do Brasil. A transição de governo no Brasil trouxe incertezas quanto aos caminhos que tomaria a política externa. Recordar-se que as eleições presidenciais de 2010 foram marcadas pela radicalização do discurso da oposição, inclusive acerca da projeção internacional do país, permeados sob uma percepção ideológica e polarizadora de direita e esquerda – dinâmicas que ganharam relevos incontestáveis nas eleições presidenciais de 2014 e, principalmente, 2018.

Entretanto, a alvorada do século XXI consolidou a presença da discussão dos temas internacionais junto à opinião pública, especialmente por conta da efetiva inserção internacional do Brasil. Dessa maneira, a discussão sobre as preferências de ação da política externa do Brasil, que costumeiramente se restringia aos acadêmicos, ultrapassou os muros das universidades e centros de pesquisa, começando a atingir o grande público e ganhando mais força no debate. A análise da bibliografia aqui mobilizada aponta que a ação externa centralizada na figura do presidente, conceituada como diplomacia presidencial, seria uma das principais responsáveis

por trazer o tema ao debate público nacional. Assim, o avanço de uma diplomacia presidencial ativa seria o principal elemento por atrair a atenção da opinião pública, politizando a percepção sobre a ação externa do Brasil.

No que tange ao último capítulo, que versa pela inserção do debate das migrações internacionais, faz-se necessário também pensar políticas migratórias não apenas atreladas às dinâmicas do comércio internacional e da globalização, mas sim visando a proteção dos direitos humanos, levando em consideração todos os diferentes níveis de vulnerabilidade social que os fluxos enfrentam. Sendo assim, a elaboração das políticas nacionais e internacionais – regionais ou normativas globais – que sofre pressão de diversos grupos de interesse durante sua formulação, deve ser guiada por tomadores de decisão capazes de articular o aparente paradoxo global que o modelo capitalista difundiu no que tange às migrações: se por um lado as dinâmicas globais da economia são responsáveis pela criação de fluxos cada vez maiores e mais diversos nos países desenvolvidos, também criam as condições dentro dos países que levam a implementação de políticas cada vez mais restritivas para os migrantes. O debate hoje parece apontar para uma bifurcação: guiamo-nos para um conjunto de forças políticas que promoverão as restrições às migrações internacionais ou para um conjunto que nos guia para a expansão das mesmas?

Por ora, os empecilhos econômicos impostos pelos países visando desestimular os fluxos migratórios tem se mostrado tanto ineficazes quanto danosos. Trata-se de políticas repressivas que explicitam o fracasso do sistema de Estados em compreender as migrações como um fenômeno complexo e multicausal que os antecede historicamente.

Por fim, ainda que o escopo dessa tese tenha sido de mapear a discussão da literatura sobre opinião pública e política externa brasileira nos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff, acredita-se que essa agenda de pesquisa segue conformando-se como prioritária para analisar como tem ocorrido a interação entre a opinião pública e os governos Temer e Bolsonaro.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. A. G. A presidência na linha de frente da diplomacia. *Carta Internacional*, n. 35, p. 10, jan. 1996.
- AMORIM NETO, O; MALAMUD, A. What determines foreign policy in Latin America? Systemic versus domestic factors in Argentina, Brazil, and Mexico, 1946-2008. *Latin American Politics and Society*, University of Miami, 2015.
- BARDES, B; OLDENDICK, R. Public opinion: measuring the American mind. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As consequências humanas. Tradução Marcus Penchel. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BERRINGER, T. A tese do imperialismo brasileiro em questão. *Crítica Marxista*, n. 36, p. 115-127, 2013
- _____. A burguesia brasileira e a política externa nos governos FHC e Lula. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2015.
- BOLÍVIA ocupa Petrobras e nacionaliza exploração de petróleo e gás. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u95508.shtml>
- BOYD, Monica – Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda, in *International Migration Review*, 23(3):638-670, fall, 1989
- BRZOZOWSKI, Jan. (2012). Migração internacional e desenvolvimento econômico. *Estudos Avançados*, 26(75), 137-156.
- BURSTEIN, P. The Impact of Public Opinion on Public Policy: A Review and an Agenda. *Political Research Quarterly*, Vol. 56, No. 1 (Mar., 2003), pp. 29-40
- CANADIAN COUNCIL FOR REFUGEES. Sun Sea: Five years later- August 2015. Disponível em: <http://ccrweb.ca/sites/ccrweb.ca/files/sun-sea-five-years-later.pdf>
- CASARÕES, G. S. P. Media and Foreign Policy In Lula's Brazil. In: *Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, [S.l.], v. 1, n. 2, p. p. 201-224, sep. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/32661/20524>>. Acesso em: 17 abr. 2016.
- CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. Observatório de Política Externa na Imprensa. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://cebrap.org.br/v3/index.php?r=observatorios/index&id=8>>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- CEPIK, M; CARRA, M. Nacionalização Boliviana e Desafios da América do Sul. In: *Análise de Conjuntura OPSA* (nº. 4, abril de 2006). Disponível em: <http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/analise/17_analises_Nacionalizacao_boliviana_de_safios_America_do_Sul.pdf>.

CERVO, A. L. Inserção internacional: formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2008.

CODAS, G. (org.) O direito do Paraguai à Soberania: a questão da energia hidrelétrica. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

CUMMINGS, M; WISE, D. Democracy under pressure. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1974.

DANESE, S. Diplomacia Presidencial: história e crítica. Rio de Janeiro, 1999.

DAVITTI, Daria. The Rise of Private Military and Security Companies in European Union Migration Policies: Implications under the UNGPs. Business and Human Rights Journal, 2018, 1–21.

ERIKSON, R; TEDIN, K. American Public Opinion: Its Origin, Contents and Impact. Nova York: Longman, 2011.

FARIA, C. A. P. Opinião pública e política externa: insulamento, politização e reforma na produção da política exterior do Brasil. Revista Brasileira de Política Internacional. vol.51 no.2 Brasília July/Dec. 2008.

FUSCO, W. Capital cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

GRUGEL, Jean; PIPER, Nicola. Critical Perspectives on Global Governance: Rights and regulation in governing regimes. London and New York: Routledge, 2007.

HAAS, Hein de. Turning the tide? Why development will not stop migration. 2007. Disponível em: <<https://heindehaas.files.wordpress.com/2015/05/de-haas-2007-turning-the-tide.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2019

HARRIS, J. R. & TODARO, M. P. – Migration, unemployment and development: a two sector analysis, in American Migration Review, vol.60 nº1, pg.126-142, march 1970.

HENNESY, B. Public Opinion. Monterey: Brooks Cole Publishing, 1981.

HOLZHACKER, Denilde Oliveira. Atitudes e percepções das elites e da população em geral sobre a política externa brasileira nos anos 90. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-22062007-133857/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

HUYSMANS, Jeff. The Politics of Insecurity- Fear Migration and asylum in the EU. Routledge, 2006.

INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Brasil, as Américas e o mundo: opinião pública e política externa, 2010 – 2011. São Paulo,

2011. Disponível em: <http://www.usp.br/iri/documentos/brasil_americas_mundo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

KEY, V. Public Opinion and American Democracy. Nova York: Knopf, 1967.

LAS AMERICAS Y EL MUNDO. Quienes somos. 2016. Disponível em: <<http://www.lasamericasyelmundo.cide.edu/quienes-somos/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

MASSEY, D. (2009). The Political Economy of Migration in an Era of Globalization. In

MARTÍNEZ S. (Ed.), International Migration and Human Rights: The Global Repercussions of U.S. Policy (pp. 25-43). University of California Press.

MASSEY, D. S. et al. Worlds in Motion. Understanding International Migration at the End of the Millennium. Oxford: Clarendon Press, 1998.

MASSEY, Douglas et al. – The social organization of migration, in Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico, Berkeley, University of California Press, 1990, pg.139-171.

MATEUS, S. A estrela (de)cadente: uma breve história da opinião pública. Estudos em Comunicação, no. 4 (nov. 2008), pp. 59-80

MONROE, A. Public Opinion in America. Nova York: Dodd Mead, 1975.

MORENO, Karina; PRICE, Byron E. The social and political impact of the new (private) National Security: private actors in the securitization of immigration in the U.S. post 9/11. In: Crime Law and Social Change, November 2016.

MOSLEY, Layna; SINGER, David. Migration, Labor, and the IPE. Annual Review of Political Science, Review in Advance, February 2015.

NOELLE-NEUMANN, E. The Spiral of Silence. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

NOLTE, D. Latin America's New Regional Architecture: a Cooperative or Segmented Regional Governance Complex? Disponível em: <http://cadmus.eui.eu/bitstream/handle/1814/32595/RSCAS_2014_89.pdf?sequence=1>.

ONUJI, J.; MOURÓN, F.; URDINEZ, F. Latin American perceptions of regional identity and leadership in comparative perspective. Contexto Internacional. Rio de Janeiro, vol. 38, n.1, january/april 2016, p. 45-77.

ONUJI, J.; OLIVEIRA, A. J. S. N. Eleições, Política Externa e Integração Regional. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 27, p. 145-155. São Paulo, 2006.

PETERS, M. (2017, May 24). Immigration and International Political Economy. Oxford Research Encyclopedia of Politics.

PINHEIRO, L. Política Externa Brasileira, 1889-2002. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PINHEIRO, Leticia e MILANI, Carlos (orgs.). Política externa brasileira. A política das práticas e as práticas da política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

RANGEL JR, A. G.; FERREIRA, C. E. R. Celso Amorim e a Nova Política Externa Brasileira. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/celso-amorim-e-a-nova-politica-externa-brasileira-1980.html>>.

ROBINSON, W. I. (2006). 'Aqui estamos y no nos vamos!' Global capital and immigrant rights. *Race & Class*, 48(2), 77–91.

SARAIVA, M. G. Novas abordagens para análise dos processos de integração na América do Sul: o caso brasileiro. *Carta Internacional*. Vol. 8, n. 1, jan-jun. 2013 (p. 3 a 21). Publicação da Associação Brasileira de Relações Internacionais.

_____. Quatro desafios do entorno regional. *Mundorama – Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais*. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/2015/12/30/quatro-desafios-do-entorno-regional-por-miriam-gomes-saraiva/>>.

SASAKI, E. M; ASSIS, G. O. Teorias das Migrações Internacionais. In: XII Encontro Nacional da ABEP 2000 Caxambu, outubro de 2000 GT de Migração Sessão 3 – A migração internacional no final do século.

SIMON, R. *Public Opinion in America: 1936-1970*. Chicago: Rand McNally, 1974.

SOARES, Rodrigo de Lima Baena. Política Externa e mídia em um Estado democrático: o caso brasileiro. 2007. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto Rio Branco, Brasília, 2007.

SOARES, Samuel Alves. Por uma nova ontologia da defesa. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*. v. 2, n. 2. Jul/Dez 2015.

SOUZA, Amaury de. *A agenda Internacional do Brasil: de FHC a Lula*, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2009.

_____. *A agenda internacional do Brasil: um estudo sobre a comunidade de política externa*. Rio de Janeiro: CEBRI, 2001.

STARK, Oded & BLOOM, David E. – The new economics of labour migration, in *American Economic Review*, vol. 75, pg.173-8, 1985

STUMPF, Juliet. The Crimmigration Crisis: Immigrants, Crime, and Sovereign Power. *American University Law Review*, v. 56, Issue 2. Disponível em: <<https://digitalcommons.wcl.american.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1274&context=aulr>>. Acesso 02 jan. 2018

TIBILETTI, Luis. Identidades estratégicas en los países de UNASUR y su impacto en la búsqueda de uma identidade de defesa suramericana. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 1, n. 1, Jul/Dez 2014

TILLY, Charles – Transplanted Networks, in YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), Virginia, Immigration Reconsidered, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, pg.79-95.

TORRES GARCÍA, J. Universalismo Constructivo, Buenos Aires: Poseidón, 1944.

TURNER, F. C. América Latina: Política Externa e Opinião Pública. Opinião Pública vol. III(1), 1995.

UNRIC - United Nations Regional Information Centre. Migration - mankind's oldest poverty management strategy. Disponível em: <https://www.unric.org/en/latest-un-buzz/30501-migration-mankinds-oldest-poverty-management-strategy>

WEBER, Leanne; BOWLING, Benjamin. Valiant beggars and global vagabonds: Select, eject, immobilize. Theoretical Criminology, 2008 SAGE Publications, Los Angeles, London, New Delhi and Singapore.

WEINER, Myron. Security, Stability, and International Migration. In: New global dangers: changing dimensions of International Security. Brown, Michael E.; COTÉ JR, Owen R.; LYNN-JONES, Sean M.; MILLER, Steven E. (ed.), MIT Press, Cambridge, Massachusetts; London, England, 2004.

WEISSBERG, R. Public Opinion and Popular Government. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1976.

ANEXOS

**ANEXO A – Estatística descritiva e comparada dos três *surveys* analisados
(2011, 2015, 2019)**

Elaboração própria

(as perguntas na íntegra podem ser encontradas nos questionários dos Anexos B, C e D)

2011, 2015 e 2019

1 q1

Quando assiste as notícias, quão interessado você está quanto às relações do Brasil com outros países?						
	2011		2015		2019	
Muito	437	21,85%	545	28,97%	503	27,20%
Interessado	673	33,65%	744	39,55%	578	31,26%
Pouco	495	24,75%	335	17,81%	488	26,39%
Nada	326	16,30%	178	9,46%	242	13,09%
Não sigo notícias	58	2,90%	42	2,23%	17	0,92%
Indiferente (espontân	NA	NA	NA	NA	8	0,43%
NR	7	0,35%	13	0,69%	2	0,11%
NS	4	0,20%	24	1,28%	11	0,59%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

2 q2

Em sua opinião, o que é melhor para o futuro do Brasil: ter participação ativa ou manter-se longe dos assuntos mundiais?						
	2011		2015		2019	
Participacao ativa	1378	68,90%	1439	76,50%	1609	87,02%
Manter-se longe dos	356	17,80%	298	15,84%	191	10,33%
Nem um nem outro	110	5,50%	19	1,01%	5	0,27%
Nao sabe	153	7,65%	109	5,79%	41	2,22%
Nao respondeu	3	0,15%	16	0,85%	1	0,05%
Indiferente	NA	NA	NA	NA	2	0,11%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

3 q3_1

exterior do Brasil, ou seja, se o Sr(a) os considera muito importante, importante, pouco importante ou nada importante?						
	2011		2015		2019	
Muito importante	472	23,60%	645	34,29%	507	27,42%
Importante	802	40,10%	948	50,40%	1008	54,52%
Pouco importante	355	17,75%	76	4,04%	167	9,03%
Nada importante	167	8,35%	51	2,71%	50	2,70%
Nao sabe	203	10,15%	131	6,96%	109	5,90%

Nao respondeu	1	0,05%	30	1,59%	7	0,38%
Indiferente	NA	NA	NA	NA	1	0,05%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

4 q3_2

relações com a União de Nações Sul americanas (UNASUL)						
	2011		2015		2019	
Muito importante	-	-	-	-	433	23,42%
Importante	-	-	-	-	949	51,33%
Pouco importante	-	-	-	-	250	13,52%
Nada importante	-	-	-	-	93	5,03%
Nao sabe	-	-	-	-	117	6,33%
Nao respondeu	-	-	-	-	4	0,22%
Indiferente	-	-	-	-	3	0,16%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

5 q4

E de todos esses objetivos, qual é o mais importante?						
	2011		2015		2019	
Fortalecer relações c	57	2,85%	55	2,92%	87	4,71%
Fortalecer relações c	25	1,25%	7	0,37%	15	0,81%
Combater o terrorism	132	6,60%	108	5,74%	134	7,25%
Ajudar a levar a dem	40	2,00%	31	1,65%	53	2,87%
Promover a venda de	110	5,50%	53	2,82%	NA	NA
Ajudar a melhorar o n	100	5,00%	180	9,57%	292	15,79%
Prevenir a proliferaçã	164	8,20%	64	3,40%	35	1,89%
Combater o narcotráf	451	22,55%	608	32,32%	324	17,52%
Proteger os interesse	146	7,30%	39	2,07%	63	3,41%
Atrair investimentos e	116	5,80%	56	2,98%	70	3,79%
Proteger as fronteiras	100	5,00%	64	3,40%	NA	NA
Proteger o meio-amb	454	22,70%	587	31,21%	363	19,63%
Promover a integraca	22	1,10%	25	1,33%	13	0,70%

Nao sabe	69	3,45%	NA	NA	20	1,08%
Nao respondeu	14	0,70%	4	0,21%	2	0,11%
Nenhum (espontânea)	NA	NA	NA	NA	5	0,27%
Outro (espontânea)	NA	NA	NA	NA	15	0,81%
Alinhar a política exte	NA	NA	NA	NA	112	6,06%
Diversificar os parceir	NA	NA	NA	NA	36	1,95%
Definir a política exte	NA	NA	NA	NA	132	7,14%
Fortalecer relações c	NA	NA	NA	NA	8	0,43%
Promover a proteção	NA	NA	NA	NA	54	2,92%
Todos	NA	NA	NA	NA	16	0,87%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

6 q5

Você acredita que o Brasil terá mais ou menos importância internacional daqui a 10 anos comparando com hoje?						
	2011		2015		2019	
Mais	1502	75,10%	1246	66,24%	1316	71,17%
Menos	104	5,20%	282	14,99%	335	18,12%
Igual	259	12,95%	194	10,31%	24	1,30%
Nao sabe	121	6,05%	146	7,76%	168	9,09%
Nao respondeu	14	0,70%	13	0,69%	6	0,32%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

7 q6

Você concordaria ou não se o Brasil reduzisse as barreiras de entrada de produtos estrangeiros?						
	2011		2015		2019	
Concordaria muito	485	26,58%	513	27,27%	478	25,85%
Concordaria um pouco	788	43,18%	565	30,04%	540	29,20%
Discordaria um pouco	289	15,84%	440	23,39%	348	18,82%
Discordaria muito	263	14,41%	277	14,73%	408	22,07%
NR	NA	NA	16	0,85%	4	0,22%
NS	NA	NA	70	3,72%	64	3,46%
Nem concordo nem d	NA	NA	NA	NA	7	0,38%
Total	1825	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

8 q7

Latina como um todo, que país deveria ocupar esse assento?						
	2011		2015		2019	
Argentina	125	6,25%	150	7,97%	182	9,84%
Brasil	1621	81,05%	1249	66,40%	1248	67,50%
Mexico	44	2,20%	119	6,33%	139	7,52%
Nao sabe	194	9,70%	262	13,93%	193	10,44%
Nao respondeu	5	0,25%	16	0,85%	12	0,65%
EUA	6	0,30%	NA	NA	NA	NA
Canada	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
Alemanha	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
Japao	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
Chile	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
Bolivia	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
Outro	NA	NA	85	4,52%	75	4,06%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

9 q8

Qual das seguintes informações se aproxima mais do que você pensa sobre o papel do Brasil na América Latina?						
	2011		2015		2019	
O Brasil deveria proce	989	49,45%	635	33,76%	568	30,72%
O Brasil deveria colab	637	31,85%	757	40,24%	746	40,35%
O Brasil deveria mant	208	10,40%	325	17,28%	372	20,12%
Nao sabe	159	7,95%	150	7,97%	157	8,49%
Nao respondeu	7	0,35%	14	0,74%	6	0,32%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

10 q9

Nos últimos 10 anos, qual país da América Latina foi o mais influente da região?						
	2011		2015		2019	
Argentina	207	10,35%	280	14,89%	231	12,49%
Brasil	1239	61,95%	598	31,79%	734	39,70%
Chile	71	3,55%	97	5,16%	120	6,49%

Colombia	25	1,25%	19	1,01%	28	1,51%
Cuba	26	1,30%	54	2,87%	47	2,54%
Guatemala	2	0,10%	6	0,32%	8	0,43%
Mexico	36	1,80%	52	2,76%	60	3,24%
Peru	7	0,35%	16	0,85%	22	1,19%
Venezuela	35	1,75%	81	4,31%	77	4,16%
China	3	0,15%	NA	NA	NA	NA
EUA	3	0,15%	NA	NA	NA	NA
Italia	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
Nao sabe	343	17,15%	555	29,51%	420	22,71%
Nao respondeu	2	0,10%	25	1,33%	13	0,70%
Nenhum	NA	NA	59	3,14%	26	1,41%
Outro	NA	NA	39	2,07%	63	3,41%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

11 q10

E nos próximos 10 anos, qual país da América Latina terá mais influência na região?						
	2011		2015		2019	
Argentina	127	6,35%	232	12,33%	184	9,95%
Brasil	1254	62,70%	725	38,54%	1010	54,62%
Chile	64	3,20%	87	4,63%	81	4,38%
Colombia	33	1,65%	26	1,38%	23	1,24%
Cuba	47	2,35%	45	2,39%	33	1,78%
Guatemala	15	0,75%	9	0,48%	7	0,38%
Mexico	40	2,00%	53	2,82%	60	3,24%
Peru	8	0,40%	9	0,48%	14	0,76%
Venezuela	23	1,15%	69	3,67%	60	3,24%
China	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
EUA	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
Japao	1	0,05%	NA	NA	NA	NA
Nao sabe	381	19,05%	519	27,59%	311	16,82%
Nao respondeu	5	0,25%	15	0,80%	9	0,49%

Nenhum	NA	NA	35	1,86%	7	0,38%
Outro	NA	NA	57	3,03%	50	2,70%
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

12 q11

Na sua opinião, o Brasil deve prestar mais atenção em qual região do mundo?						
	2011		2015		2019	
America do Norte	235	12,29%	180	9,57%	346	18,71%
America Latina	480	25,10%	300	15,95%	316	17,09%
Europa	227	11,87%	245	13,02%	204	11,03%
Asia	195	10,20%	130	6,91%	113	6,11%
Oriente Medio	226	11,82%	162	8,61%	107	5,79%
Africa	205	10,72%	458	24,35%	335	18,12%
Oceania	344	17,99%	22	1,17%	101	5,46%
NR	NA	NA	41	2,18%	12	0,65%
NS	NA	NA	343	18,23%	282	15,25%
Nenhuma (espontânea)	NA	NA	NA	NA	33	1,78%
Total	1912	100,00%	1881	100,00%	1849	100,00%

2011 e 2015

13 q12_1

governo brasileiro em matéria de... Política Economica						
	2011		2015		2019	
Concorda	817	40,85%	302	16,06%	-	-
Concorda em parte	766	38,30%	771	40,99%	-	-
Discorda em parte	177	8,85%	385	20,47%	-	-
Discorda	114	5,70%	282	14,99%	-	-
Não sabe	124	6,20%	122	6,49%	-	-
Não respondeu	2	0,10%	19	1,01%	-	-
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	-	-

14 q12_2

governo brasileiro em matéria de... Política de Segurança Pública						
	2011		2015		2019	
Concorda	601	30,05%	381	20,26%	-	-
Concorda em parte	721	36,05%	617	32,80%	-	-
Discorda em parte	287	14,35%	409	21,74%	-	-
Discorda	283	14,15%	373	19,83%	-	-
Não sabe	106	5,30%	82	4,36%	-	-
Não respondeu	2	0,10%	19	1,01%	-	-
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	-	-

15 q12_3

governo brasileiro em matéria de... Política Exterior						
	2011		2015		2019	
Concorda	675	33,75%	248	13,18%	-	-
Concorda em parte	763	38,15%	665	35,35%	-	-
Discorda em parte	214	10,70%	412	21,90%	-	-
Discorda	132	6,60%	251	13,34%	-	-
Não sabe	214	10,70%	273	14,51%	-	-
Não respondeu	2	0,10%	32	1,70%	-	-
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	-	-

16 q12_4

governo brasileiro em matéria de... Política Educacional						
	2011		2015		2019	
Concorda	620	31,00%	521	27,70%	-	-
Concorda em parte	721	36,05%	533	28,34%	-	-
Discorda em parte	305	15,25%	333	17,70%	-	-
Discorda	235	11,75%	385	20,47%	-	-
Não sabe	117	5,85%	86	4,57%	-	-
Não respondeu	2	0,10%	23	1,22%	-	-
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	-	-

17 q13

acredita que o Brasil deveria:						
	2011		2015		2019	
Romper relacoes dipl	358	17,90%	200	10,63%	-	-
Condenar as atitudes	673	33,65%	528	28,07%	-	-
Esperar a reacao inte	593	29,65%	664	35,30%	-	-
Nao fazer nada	181	9,05%	300	15,95%	-	-
Nao sabe	189	9,45%	166	8,83%	-	-
Nao respondeu	6	0,30%	23	1,22%	-	-
Total	2000	100,00%	1881	100,00%	-	-

2015 e 2019

18 q14

Em qual dos seguintes países você tem mais confiança para ser o líder da América Latina?						
	2011		2015		2019	
Brasil	-	-	1168	62,09%	1237	66,90%
Chile	-	-	94	5,00%	NA	NA
Cuba	-	-	43	2,29%	NA	NA
México	-	-	139	7,39%	127	6,87%
Nenhum	-	-	300	15,95%	27	1,46%
Outro	-	-	84	4,47%	88	4,76%
Venezuela	-	-	53	2,82%	NA	NA
Argentina	-	-	NA	NA	208	11,25%
Não sabe	-	-	NA	NA	156	8,44%
Não respondeu	-	-	NA	NA	6	0,32%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

19 q15_1

sem controles fronteiriços						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	308	16,37%	266	14,39%

Concordo totalmente	-	-	189	10,05%	187	10,11%
Discordo em parte	-	-	347	18,45%	326	17,63%
Discordo totalmente	-	-	734	39,02%	953	51,54%
NR	-	-	24	1,28%	3	0,16%
NS	-	-	171	9,09%	109	5,90%
Nem concordo nem discordo	-	-	108	5,74%	5	0,27%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Operações militares conjuntas						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	601	31,95%	574	31,04%
Concordo totalmente	-	-	653	34,72%	655	35,42%
Discordo em parte	-	-	166	8,83%	165	8,92%
Discordo totalmente	-	-	160	8,51%	323	17,47%
NR	-	-	28	1,49%	4	0,22%
NS	-	-	170	9,04%	117	6,33%
Nem concordo nem discordo	-	-	103	5,48%	11	0,59%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Uma moeda comum sul-americana						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	434	23,07%	392	21,20%
Concordo totalmente	-	-	331	17,60%	368	19,90%
Discordo em parte	-	-	269	14,30%	266	14,39%
Discordo totalmente	-	-	430	22,86%	628	33,96%
NR	-	-	34	1,81%	8	0,43%
NS	-	-	237	12,60%	179	9,68%
Nem concordo nem discordo	-	-	146	7,76%	8	0,43%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja: Uma política externa comum

	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	574	30,52%	648	35,05%
Concordo totalmente	-	-	383	20,36%	403	21,80%
Discordo em parte	-	-	212	11,27%	276	14,93%
Discordo totalmente	-	-	207	11,00%	330	17,85%
NR	-	-	46	2,45%	5	0,27%
NS	-	-	300	15,95%	183	9,90%
Nem concordo nem d	-	-	159	8,45%	4	0,22%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

23 q16

Você se sente:						
	2011		2015		2019	
Brasileiro	-	-	1493	79,37%	1490	80,58%
Cidadão do Mercosul	-	-	15	0,80%	11	0,59%
Cidadão do Mundo	-	-	254	13,50%	210	11,36%
Latino-americano	-	-	70	3,72%	78	4,22%
NR	-	-	4	0,21%	1	0,05%
NS	-	-	26	1,38%	11	0,59%
Sul-americano	-	-	19	1,01%	38	2,06%
Outra	-	-	NA	NA	10	0,54%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

Migrações

24 q17_1

trabalho? America do Norte						
	2011		2015		2019	
Concorda	472	26,35%	425	22,59%	-	-
Discorda	1319	73,65%	1415	75,23%	-	-
NR	NA	NA	5	0,27%	-	-

NS	NA	NA	36	1,91%	-	-
Total	1791	100,00%	1881	100,00%	-	-

25 q17_2

trabalho? America Central						
	2011		2015		2019	
Concorda	490	27,39%	428	22,75%	-	-
Discorda	1299	72,61%	1393	74,06%	-	-
NR	NA	NA	7	0,37%	-	-
NS	NA	NA	53	2,82%	-	-
Total	1789	100,00%	1881	100,00%	-	-

26 q17_3

trabalho? America do Sul						
	2011		2015		2019	
Concorda	559	31,26%	552	29,35%	-	-
Discorda	1229	68,74%	1258	66,88%	-	-
NR	NA	NA	12	0,64%	-	-
NS	NA	NA	59	3,14%	-	-
Total	1788	100,00%	1881	100,00%	-	-

27 q17_4

trabalho? Europa						
	2011		2015		2019	
Concorda	440	24,72%	409	21,74%	-	-
Discorda	1340	75,28%	1400	74,43%	-	-
NR	NA	NA	13	0,69%	-	-
NS	NA	NA	59	3,14%	-	-
Total	1780	100,00%	1881	100,00%	-	-

28 q17_5

trabalho? Asia						
	2011		2015		2019	
Concorda	422	23,81%	349	18,55%	-	-
Discorda	1350	76,19%	1455	77,35%	-	-

NR	NA	NA	14	0,74%	-	-
NS	NA	NA	63	3,35%	-	-
Total	1772	100,00%	1881	100,00%	-	-

29 q17_6

visto de trabalho: EUA						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	-	-	201	10,87%
Concordo totalmente	-	-	-	-	187	10,11%
Discordo em parte	-	-	-	-	323	17,47%
Discordo totalmente	-	-	-	-	1092	59,06%
Nem concordo nem discordo	-	-	-	-	5	0,27%
NR	-	-	-	-	2	0,11%
NS	-	-	-	-	39	2,11%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

30 q17_7

visto de trabalho: México						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	-	-	231	12,49%
Concordo totalmente	-	-	-	-	154	8,33%
Discordo em parte	-	-	-	-	346	18,71%
Discordo totalmente	-	-	-	-	1070	57,87%
Nem concordo nem discordo	-	-	-	-	8	0,43%
NR	-	-	-	-	1	0,05%
NS	-	-	-	-	39	2,11%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

31 q17_8

visto de trabalho: Venezuela						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	-	-	229	12,39%
Concordo totalmente	-	-	-	-	190	10,28%
Discordo em parte	-	-	-	-	329	17,79%

Discordo totalmente	-	-	-	-	1057	57,17%
Nem concordo nem discordo	-	-	-	-	5	0,27%
NR	-	-	-	-	1	0,05%
NS	-	-	-	-	38	2,06%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

31 q17_9

visto de trabalho: Argentina						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	-	-	225	12,17%
Concordo totalmente	-	-	-	-	173	9,36%
Discordo em parte	-	-	-	-	330	17,85%
Discordo totalmente	-	-	-	-	1076	58,19%
Nem concordo nem discordo	-	-	-	-	5	0,27%
NR	-	-	-	-	2	0,11%
NS	-	-	-	-	38	2,06%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

32 q17_10

visto de trabalho: Haiti						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	-	-	254	13,74%
Concordo totalmente	-	-	-	-	220	11,90%
Discordo em parte	-	-	-	-	338	18,28%
Discordo totalmente	-	-	-	-	999	54,03%
Nem concordo nem discordo	-	-	-	-	5	0,27%
NR	-	-	-	-	1	0,05%
NS	-	-	-	-	32	1,73%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

33 q17_11

visto de trabalho: Alemanha						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	-	-	218	11,79%

Concordo totalmente	-	-	-	-	167	9,03%
Discordo em parte	-	-	-	-	320	17,31%
Discordo totalmente	-	-	-	-	1100	59,49%
Nem concordo nem d	-	-	-	-	5	0,27%
NR	-	-	-	-	1	0,05%
NS	-	-	-	-	38	2,06%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

34 q17_12

visto de trabalho: Portugal						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	-	-	255	13,79%
Concordo totalmente	-	-	-	-	221	11,95%
Discordo em parte	-	-	-	-	315	17,04%
Discordo totalmente	-	-	-	-	1016	54,95%
Nem concordo nem d	-	-	-	-	6	0,32%
NR	-	-	-	-	1	0,05%
NS	-	-	-	-	35	1,89%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

35 q17_13

visto de trabalho: Japão						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	-	-	243	13,14%
Concordo totalmente	-	-	-	-	191	10,33%
Discordo em parte	-	-	-	-	326	17,63%
Discordo totalmente	-	-	-	-	1046	56,57%
Nem concordo nem d	-	-	-	-	6	0,32%
NR	-	-	-	-	NA	NA
NS	-	-	-	-	37	2,00%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

37 q18

Em relação ao número de estrangeiros que vivem no Brasil, você acha que são:

	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	56	2,98%	48	2,60%
Muito negativa	-	-	46	2,45%	76	4,11%
Muito positiva	-	-	60	3,19%	60	3,24%
NR	-	-	18	0,96%	6	0,32%
NS	-	-	151	8,03%	162	8,76%
Negativa	-	-	464	24,67%	480	25,96%
Positiva	-	-	1086	57,74%	1017	55,00%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

41 q20_3

Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil: Bolivianos						
	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	55	2,92%	50	2,70%
Muito negativa	-	-	61	3,24%	80	4,33%
Muito positiva	-	-	33	1,75%	61	3,30%
NR	-	-	30	1,59%	7	0,38%
NS	-	-	230	12,23%	172	9,30%
Negativa	-	-	606	32,22%	587	31,75%
Positiva	-	-	866	46,04%	892	48,24%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

42 q20_4

Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil: Chineses						
	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	41	2,18%	35	1,89%
Muito negativa	-	-	55	2,92%	78	4,22%
Muito positiva	-	-	67	3,56%	82	4,43%
NR	-	-	30	1,59%	6	0,32%
NS	-	-	178	9,46%	125	6,76%
Negativa	-	-	471	25,04%	480	25,96%
Positiva	-	-	1039	55,24%	1043	56,41%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

43 q20_5

Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil: Coreanos						
	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	49	2,60%	50	2,70%
Muito negativa	-	-	41	2,18%	78	4,22%
Muito positiva	-	-	49	2,60%	66	3,57%
NR	-	-	25	1,33%	4	0,22%
NS	-	-	212	11,27%	197	10,65%
Negativa	-	-	531	28,23%	534	28,88%
Positiva	-	-	974	51,78%	920	49,76%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

44 q20_6

Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil: Haitianos						
	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	-	-	52	2,81%
Muito negativa	-	-	-	-	85	4,60%
Muito positiva	-	-	-	-	73	3,95%
NR	-	-	-	-	10	0,54%
NS	-	-	-	-	157	8,49%
Negativa	-	-	-	-	481	26,01%
Positiva	-	-	-	-	991	53,60%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

45 q20_7

Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil: Japoneses						
	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	-	-	30	1,62%
Muito negativa	-	-	-	-	56	3,03%
Muito positiva	-	-	-	-	134	7,25%
NR	-	-	-	-	4	0,22%
NS	-	-	-	-	108	5,84%
Negativa	-	-	-	-	329	17,79%

Positiva	-	-	-	-	1188	64,25%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

46 q20_8

Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil: Nigerianos						
	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	-	-	56	3,03%
Muito negativa	-	-	-	-	89	4,81%
Muito positiva	-	-	-	-	63	3,41%
NR	-	-	-	-	12	0,65%
NS	-	-	-	-	199	10,76%
Negativa	-	-	-	-	521	28,18%
Positiva	-	-	-	-	909	49,16%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

47 q20_9

Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil: Portugueses						
	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	-	-	37	2,00%
Muito negativa	-	-	-	-	39	2,11%
Muito positiva	-	-	-	-	110	5,95%
NR	-	-	-	-	6	0,32%
NS	-	-	-	-	123	6,65%
Negativa	-	-	-	-	292	15,79%
Positiva	-	-	-	-	1242	67,17%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

48 q20_10

Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil: Venezuelanos						
	2011		2015		2019	
Indiferente	-	-	-	-	44	2,38%
Muito negativa	-	-	-	-	103	5,57%
Muito positiva	-	-	-	-	65	3,52%
NR	-	-	-	-	8	0,43%

NS	-	-	-	-	151	8,17%
Negativa	-	-	-	-	590	31,91%
Positiva	-	-	-	-	888	48,03%
Total	-	-	-	-	1849	100,00%

49 q21

Para você, o quanto o Brasil é afetado pelos seguintes assuntos mundiais: A migração internacional						
	2011		2015		2019	
-1	-	-	915	48,64%	-	-
Muito	-	-	463	24,61%	-	-
Médio	-	-	245	13,02%	-	-
NR	-	-	13	0,69%	-	-
NS	-	-	79	4,20%	-	-
Nada	-	-	34	1,81%	-	-
Pouco	-	-	132	7,02%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

50 q22_1

Brasil autorize a entrada de estrangeiros ALTAMENTE qualificados para viver e trabalhar aqui.						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	599	31,84%	-	-
Concordo totalmente	-	-	700	37,21%	-	-
Discordo em parte	-	-	217	11,54%	-	-
Discordo totalmente	-	-	243	12,92%	-	-
NR	-	-	13	0,69%	-	-
NS	-	-	49	2,60%	-	-
Nem concordo nem discordo	-	-	60	3,19%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

51 q22_2

Brasil autorize a entrada de estrangeiros POUCO qualificados para viver e trabalhar aqui.						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	498	26,48%	-	-
Concordo totalmente	-	-	300	15,95%	-	-

Discordo em parte	-	-	346	18,39%	-	-
Discordo totalmente	-	-	574	30,52%	-	-
NR	-	-	13	0,69%	-	-
NS	-	-	56	2,98%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	94	5,00%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

52 q23

país						
	2011		2015		2019	
Muito importante	-	-	691	36,74%	496	26,83%
NR	-	-	37	1,97%	5	0,27%
NS	-	-	160	8,51%	39	2,11%
Nada importante	-	-	211	11,22%	126	6,81%
Pouco importante	-	-	316	16,80%	257	13,90%
Razoavelmente impo	-	-	466	24,77%	926	50,08%
Total	-	-	1881	100,00%	1849	100,00%

53 q24

responsabilidade de investir recursos para o desenvolvimento da região.						
	2011		2015		2019	
-1	-	-	941	50,03%		
Concordo em parte	-	-	280	14,89%	-	-
Concordo totalmente	-	-	374	19,88%	-	-
Discordo em parte	-	-	81	4,31%	-	-
Discordo totalmente	-	-	77	4,09%	-	-
NR	-	-	10	0,53%	-	-
NS	-	-	64	3,40%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	54	2,87%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

54 q25

nenhuma responsabilidade de investir recursos para o desenvolvimento da região.						
	2011		2015		2019	

-1	-	-	940	49,97%	-	-
Concordo em parte	-	-	216	11,48%	-	-
Concordo totalmente	-	-	135	7,18%	-	-
Discordo em parte	-	-	190	10,10%	-	-
Discordo totalmente	-	-	234	12,44%	-	-
NR	-	-	15	0,80%	-	-
NS	-	-	88	4,68%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	63	3,35%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

55 q26_1

você concorda ou discorda que o Brasil: Ajude economicamente aos países menos desenvolvidos da região.						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	635	33,76%	-	-
Concordo totalmente	-	-	752	39,98%	-	-
Discordo em parte	-	-	168	8,93%	-	-
Discordo totalmente	-	-	166	8,83%	-	-
NR	-	-	17	0,90%	-	-
NS	-	-	81	4,31%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	62	3,30%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

56 q26_2

você concorda ou discorda que o Brasil: Lidere a região nos foros Internacionais.						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	563	29,93%	-	-
Concordo totalmente	-	-	735	39,07%	-	-
Discordo em parte	-	-	141	7,50%	-	-
Discordo totalmente	-	-	107	5,69%	-	-
NR	-	-	29	1,54%	-	-
NS	-	-	185	9,84%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	121	6,43%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

57 q26_3

você concorda ou discorda que o Brasil: Não intervenha nos problemas da região.						
	2011		2015		2019	
Concordo em parte	-	-	582	30,94%	-	-
Concordo totalmente	-	-	428	22,75%	-	-
Discordo em parte	-	-	317	16,85%	-	-
Discordo totalmente	-	-	252	13,40%	-	-
NR	-	-	31	1,65%	-	-
NS	-	-	146	7,76%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	125	6,65%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

58 q27

Um país vizinho decidiu não assinar o acordo. O Brasil deveria liderar a região no sentido de fechar o comércio exterior com						
	2011		2015		2019	
-1	-	-	1283	68,21%	-	-
Concordo em parte	-	-	168	8,93%	-	-
Concordo totalmente	-	-	111	5,90%	-	-
Discordo em parte	-	-	115	6,11%	-	-
Discordo totalmente	-	-	113	6,01%	-	-
NR	-	-	4	0,21%	-	-
NS	-	-	40	2,13%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	47	2,50%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

59 q28

Brasil deveria liderar as negociações de criação de uma instituição regional que vai ajudar na implementação do tratado.						
	2011		2015		2019	
-1	-	-	1250	66,45%	-	-
Concordo em parte	-	-	253	13,45%	-	-
Concordo totalmente	-	-	173	9,20%	-	-
Discordo em parte	-	-	45	2,39%	-	-
Discordo totalmente	-	-	45	2,39%	-	-

NR	-	-	6	0,32%	-	-
NS	-	-	58	3,08%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	51	2,71%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

60 q29

Brasil não liderou esse processo.						
	2011		2015		2019	
-1	-	-	1229	65,34%	-	-
Concordo em parte	-	-	177	9,41%	-	-
Concordo totalmente	-	-	81	4,31%	-	-
Discordo em parte	-	-	128	6,80%	-	-
Discordo totalmente	-	-	113	6,01%	-	-
NR	-	-	5	0,27%	-	-
NS	-	-	65	3,46%	-	-
Nem concordo nem d	-	-	83	4,41%	-	-
Total	-	-	1881	100,00%	-	-

	2011	
Concordaria muito	485	24,25%
Concordaria um p	788	39,40%
Discordaria um po	289	14,45%
Discordaria muito	263	13,15%
NA	175	8,75%
Total	2000	100,00%

	2011	
America do Norte	235	11,75%
America Latina	480	24,00%
Europa	227	11,35%
Asia	195	9,75%
Oriente Medio	226	11,30%
Africa	205	10,25%
Oceania	344	17,20%
NA	88	4,40%
Total	2000	100,00%

	2011	
Concorda	472	23,60%
Discorda	1319	65,95%
NA	209	10,45%

Total	2000	100,00%

	2011	
Concorda	490	24,50%
Discorda	1299	64,95%
NA	211	10,55%
Total	2000	100,00%

	2011	
Concorda	559	27,95%
Discorda	1229	61,45%
NA	212	10,60%
Total	2000	100,00%

	2011	
Concorda	440	22,00%
Discorda	1340	67,00%
NA	220	11,00%
Total	2000	100,00%

	2011	
Concorda	422	21,10%
Discorda	1350	67,50%

NA	228	11,40%
Total	2000	100,00%

ANEXO B – Questionário aplicado em 2011

Sexo (anotar sem perguntar)		Qual a sua idade: _____				Instrução				Estado Civil (est_civ)	
		(faixa)				(instru)				1	Solteiro(a)
1	Masculino	1	16 a 24 anos	4	40 a 49 anos	1	Analfabeto/ Primário incomp.	5	Colegial incomp.	2	Casado(a)/ mora junto
		2	25 a 29 anos	5	50 a 59 anos	2	Primário completo	6	Colegial completo.	3	Viúvo(a)
2	Feminino	3	30 a 39 anos	6	60 ou mais	3	Ginásio incomp.	7	Univers. Incomp	4	Desquitado(a)/ Divorciado(a)
						4	Ginásio compl	8	Universitário Completo ou +	5	Separado(a)

PE1) O Sr(a). poderia me dizer se trabalha, mesmo que não tenha carteira assinada, ou mesmo que o pagamento não seja em dinheiro? **(SE SIM, CIRCULE CÓDIGO 1 ABAIXO)**

PE2) **(SE NÃO)** Mas o Sr(a). por acaso trabalha, mesmo sem receber pagamento, pelo menos 15 horas por semana, em alguma instituição religiosa, beneficente, de cooperativismo, ou então como aprendiz, ou mesmo ajudando em algum negócio da sua família? **(SE SIM, CIRCULE CÓDIGO 2 ABAIXO)**

PE3) **(SE NÃO)** E o Sr(a). chegou a trabalhar em algum momento durante a última semana, ou chegou a tomar alguma providência para conseguir trabalho na última semana? **(SE SIM, CIRCULE CÓDIGO 3 ABAIXO)**

PE4) **(SE NÃO, LEIA OS ITENS A SEGUIR QUE SE APLIQUEM)** E o Sr(a). é... [desempregado(a) / dona de casa / aposentado(a) / estudante]? **(CIRCULE CÓDIGO ABAIXO, DE 4 A 7, CONFORME A RESPOSTA)**

(pea)			4	Desempregado(a)	(NÃO PEA)
1	Trabalha, mesmo sem carteira assinada (PEA)		5	Dona de casa que não trabalha	(NÃO PEA)
2	Trabalha como aprendiz, ajudante, etc. (PEA)		6	Aposentado(a) / no seguro	(NÃO PEA)
3	Trabalhou ou tentou na última semana (PEA)		7	Estudante que não trabalha	(NÃO PEA)

SE PEA PERGUNTAR: D5b) O(a) Sr.(a) diria que seu trabalho é

1	Com carteira assinada ou formal	2	Sem carteira assinada, ou informal	9	NR
---	---------------------------------	---	------------------------------------	---	----

CB1) O(A) Sr(a). tem em sua casa ...	Não tem	Um	Dois	Três	4 ou +	SOMA PONTOS
Televisão em cores	0	1	2	3	4	
Rádio	0	1	2	3	4	
Banheiro	0	4	5	6	7	
Automóvel	0	4	7	9	9	
Empregada diarista	0	3	4	4	4	
Máquina de lavar	0	2	2	2	2	
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2	
Geladeira	0	4	4	4	4	
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2	

CB2) Qual a instrução do chefe da família?	Pontos	Pontos _ _ _ _ _	Classe	
1 Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental/ Até 3ª série 1º. Grau	0		A1 (42 a 46 pontos)	1
2 Até 4ª série Fundamental / Até 4ª série 1º. Grau	1		A2 (35 a 41 pontos)	2
3 Fundamental completo/ 1º. Grau completo	2		B1 (29 a 34 pontos)	3
4 Médio completo/ 2º. Grau completo	4		B2 (23 a 28 pontos)	4
5 Superior completo	8		C1 (18 a 22 pontos)	5
			C2 (14 a 17 pontos)	6
			D (8 a 13 pontos)	7
			E (0 a 7 pontos)	8

RF) O Sr(a). poderia me dizer qual é aproximadamente a renda mensal do seu domicílio, isto é, a soma da renda mensal de todos os membros do seu domicílio? **(SE NÃO RESPONDER ESPONTANEAMENTE APRESENTE O CARTÃO DE RENDA)**

(#)	Anote o valor: (#) _ _ _ . _ _ _ _ _ , 00
1	Até R\$ 545,00 (até 1 SM)
2	De R\$ 545,01 a R\$ 1.090,00 (1 a 2 SM)
3	De R\$ 1.090,01 a R\$ 1.635,00 (2 a 3 SM)
4	De R\$ 1.635,01 a R\$ 2.725,00 (3 a 5 SM)
5	De R\$ 2.725,01 a R\$ 5.450,00 (5 a 10 SM)
6	De R\$ 5.450,01 a R\$ 10.900,00 (10 a 20 SM)
7	De R\$ 10.900,01 a R\$ 16.350,00 (20 a 30 SM)
8	Acima de R\$ 16.350,01
98	Não sabe
99	Não respondeu

RP) O Sr(a). poderia me dizer qual é aproximadamente a sua renda mensal pessoal? **(SE NÃO RESPONDER ESPONTANEAMENTE, APRESENTE O CARTÃO DE RENDA)**

(#)	Anote o valor: (#) _ _ _ . _ _ _ _ _ , 00
1	Até R\$ 545,00 (até 1 SM)
2	De R\$ 545,01 a R\$ 1.090,00 (1 a 2 SM)
3	De R\$ 1.090,01 a R\$ 1.635,00 (2 a 3 SM)
4	De R\$ 1.635,01 a R\$ 2.725,00 (3 a 5 SM)
5	De R\$ 2.725,01 a R\$ 5.450,00 (5 a 10 SM)
6	De R\$ 5.450,01 a R\$ 10.900,00 (10 a 20 SM)
7	De R\$ 10.900,01 a R\$ 16.350,00 (20 a 30 SM)
8	Acima de R\$ 16.350,01
98	Não sabe
99	Não respondeu
999	Não tem renda

ATENÇÃO, ENTREVISTADOR: OS CÓDIGOS NS (NÃO SABE) E NR (NÃO RESPONDEU) SÃO SEMPRE ESPONTÂNEOS.

INTERESSE

(1). Quando assiste às notícias, quão interessado você está quanto às relações do Brasil com outros países: muito interessado, um razoavelmente interessado, pouco interessado ou nada interessado?,

	Muito	Médio	Pouco	Nada	Não sigo as notícias - (Esp)	NS	NR
As relações do PAÍS com outros países	1	2	3	4	5	8	9

(2). Diga-me, por favor, quantas vezes você já viajou para fora do Brasil? (ENTREVISTADOR, ANOTE): _____

NS	8	NR	9
----	---	----	---

(3). Algum parente seu mora fora do Brasil?

Sim	1	NS	8
Não	2	NR	9

(4). Você tem parentes que moravam aqui e que agora moram fora do Brasil?

Sim	1	NS	8
Não	2	NR	9

(5). Você ou sua família recebem dinheiro de parentes que trabalham fora do país?

Sim	1	NS	8
Não	2	NR	9

(5_1) (Sim 1), De qual país? _____

CONFIANÇA E SEGURANÇA

(6_1). Em geral, você acredita que o mundo melhorou ou piorou nos últimos 10 anos? (ANOTE NA TABELA (6) 7)

(6_2). Em geral, você acredita que o mundo estará melhor ou pior nos próximos 10 anos? (ANOTE NA TABELA (6) 7)

Tabela (6) 7	(6_1) 7_1 Últimos 10 anos	(6_2) 7_2 Próximos 10 anos
Melhor	1	1
Pior	2	2
Igual	3	3
NS	98	98
NR	99	99

[CARTÃO (7_1)] (7_1) Agora vou ler uma lista de assuntos que podem ou não afetar os interesses mais importantes do Brasil nos próximos 10 anos. Diga-me, para cada um, se você considera **(LEIA CADA OPÇÃO E ENTREGUE O CARTÃO)**... como uma ameaça grave; uma ameaça importante mas não grave; ou como uma ameaça pouco importante para o Brasil:

(LER A CHAMADA NOVAMENTE APÓS A LEITURA DE CADA 4 FRASES)

[CARTÃO (7_1)]	Ameaça grave	Ameaça importante, mas não muito grave	Ameaça pouco importante	Não é uma ameaça (espontâneo)	NS	NR
O surgimento da China como potência mundial	1	2	3	4	8	9
O terrorismo internacional	1	2	3	4	8	9
O aquecimento global	1	2	3	4	8	9
O narcotráfico e o crime organizado	1	2	3	4	8	9

[CARTÃO (7_1)]	Ameaça grave	Ameaça importante, mas não muito grave	Ameaça pouco importante	Não é uma ameaça (espontâneo)	NS	NR
As epidemias como a AIDS	1	2	3	4	8	9
As armas nucleares	1	2	3	4	8	9
As guerrilhas	1	2	3	4	8	9
Os cortes no suprimento de energia / apagões	1	2	3	4	8	9

[CARTÃO (7_1)]	Ameaça grave	Ameaça importante, mas não muito grave	Ameaça pouco importante	Não é uma ameaça (espontâneo)	NS	NR
A pobreza e a fome no mundo	1	2	3	4	8	9
Os conflitos fronteiriços e as disputas territoriais	1	2	3	4	8	9
As lideranças populares	1	2	3	4	8	9
A escassez e a falta de alimentos	1	2	3	4	8	9

IDENTIDADE

(9) Você considera a entrada de idéias e costumes de outros países no Brasil um fato positivo ou negativo?

Positivo	1
Negativo	2
Depende (espontânea)	3
NS	8
NR	9

(10) Você concorda ou discorda que um estrangeiro nacionalizado possa... (LER FRASE ABAIXO)

	Concorda	Não concorda	NS	NR
Ser eleito deputado ou senador	1	2	8	9

(11) E agora, diga-me se você concorda ou discorda que alguém com dupla nacionalidade possa... (LER A PRIMEIRA OPÇÃO, ANOTAR A RESPOSTA). E você concorda ou discorda que alguém com dupla nacionalidade possa (LER A SEGUNDA OPÇÃO, ANOTAR A RESPOSTA) - RODIZIAR

	Concorda	Não concorda	NS	NR
Ser eleito deputado ou senador	1	2	8	9
Ser eleito Presidente	1	2	8	9

CONHECIMENTO

[CARTÃO (12)] (12) Por favor, diga-me o significado das siglas que você vê no seguinte cartão: (MOSTRAR CARTÃO)

	Correto	Incorreto	NS	NR
(OEA) Organização dos Estados Americanos	1	2	8	9
(ONU) Organização das Nações Unidas	1	2	8	9
(MRE) Ministério das Relações Exteriores	1	2	8	9
(FIFA) Federação Internacional de Futebol	1	2	8	9

PAPEL DO BRASIL E POLÍTICA EXTERIOR

(13) Em sua opinião, o que é melhor para o futuro do Brasil, ter participação ativa em assuntos mundiais, ou manter-se longe dos assuntos mundiais? **(LEIA OPÇÕES)**

Participação ativa	1
Manter-se longe dos assuntos mundiais	2
Nem um nem outro (Espontâneo)	3
NS	8
NR	9

[CARTÃO (14)] (14) Gostaria que o Sr(a) me dissesse qual a importância que acredita que cada um dos seguintes objetivos deve ter para a política exterior do Brasil, ou seja, se o Sr(a) os considera muito importante, importante, pouco importante ou nada importante? **(LEIA 4 OPÇÕES DE RESPOSTA. RELEIA A CHAMADA APÓS A LEITURA DE CADA 4 FRASES)**

[CARTÃO (14)]	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	NS	NR
Fortalecer a Organização das Nações Unidas (ONU) (CÓD.1)	1	2	3	4	8	9
Fortalecer a Organização dos Estados Americanos (OEA) (CÓD.2)	1	2	3	4	8	9
Combater o terrorismo internacional (CÓD.3)	1	2	3	4	8	9
Ajudar a levar a democracia a outros países (CÓD.4)	1	2	3	4	8	9

[CARTÃO (14)]	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	NS	NR
Promover a venda de produtos brasileiros em outros países (CÓD.5)	1	2	3	4	8	9
Ajudar a melhorar o nível de vida nos países menos desenvolvidos (CÓD.6)	1	2	3	4	8	9
Prevenir a proliferação de armas nucleares (CÓD.7)	1	2	3	4	8	9
Combater o narcotráfico e o crime organizado (CÓD.8)	1	2	3	4	8	9

[CARTÃO (14)]	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	NS	NR
Proteger os interesses dos brasileiros em outros países (CÓD.9)	1	2	3	4	8	9
Atrair investimentos estrangeiros para o Brasil (CÓD.10)	1	2	3	4	8	9
Proteger as fronteiras terrestres e marítimas (CÓD.11)	1	2	3	4	8	9
Proteger o meio-ambiente (CÓD.12)	1	2	3	4	8	9
Promover a integração regional (CÓD.13)	1	2	3	4	8	9

(14. 2) E de todos esses objetivos, qual é o mais importante? [ENTREVISTADOR, LEIA APENAS OS ITENS AOS QUAIS O ENTREVISTADO RESPONDEU CÓD 1 – MUITO IMPORTANTE NA 14. SE NÃO RESPONDEU Q1, CONSIDERE CÓD 2 – IMPORTANTE, E ASSIM POR DIANTE] **RU**

ANOTE O CÓDIGO CORRESPONDENTE À ALTERNATIVA (CÓD 1-13)	<input type="text"/>
NS	8
NR	9

(15) O que você acha que o Brasil deve fazer com relação a um país no qual os direitos humanos não são respeitados? **(LEIA AS OPÇÕES)**

Deve romper relações diplomáticas com esse país	1
Deve procurar que organismos, como a ONU, que critiquem esse país	2
Não deve se envolver em assuntos internos desse país	3
NS	8
NR	9

(16_1) No plano internacional, qual é a importância do Brasil: muito importante, razoavelmente importante, pouco importante ou nada importante?

Muito	1
Razoavelmente	2
Pouco	3
Nada	4
NS	8
NR	9

(16_2) Você acredita que o Brasil tem maior ou menor importância internacional do que tinha há 10 anos?

(16_3) Você acredita que o Brasil terá mais ou menos importância internacional daqui a 10 anos comparando com hoje?

	Há 10 anos	Próximos 10 anos
Mais	1	1
Menos	2	2
Igual	3	3
NS	98	98
NR	99	99

[MOSTRAR CARTÃO (17)] (17) Você diria que concorda totalmente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente com o desempenho do governo brasileiro em matéria de...?

	Concorda	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda	NS	NR
Política Econômica	1	2	3	4	98	99
Política de Segurança Pública	1	2	3	4	98	99
Política Exterior	1	2	3	4	98	99
Política Educacional	1	2	3	4	98	99

(18) Na África existem 53 países e o Brasil tem 25 embaixadas. Você acredita que o Brasil deveria: aumentar, reduzir ou manter o número de embaixadas que tem na África?

Aumentar	1
Reduzir	2
Manter	3
NS	8
NR	9

REGRAS DO JOGO INTERNACIONAL

[MOSTRAR CARTÃO (19_1)] (19_1) Qual dos seguintes países lhe inspira maior confiança para manter a paz no mundo?

[MOSTRAR CARTÃO (19_2)] (19_2) E qual é o país que lhe inspira menor confiança para manter a paz no mundo?

	(19_1) Maior confiança	(19_2) Menor confiança
China	1	1
Estados Unidos	2	2
França	3	3
Grã-Bretanha	4	4
Rússia	5	5
Outro (especificar _____)	6	6
Nenhum (espontâneo)	7	7
NS	8	8
NR	9	9

(20_1) Por favor, diga-me se você concorda ou não com as seguintes informações.

	Concorda	Discorda	Depende (ESP)	NS	NR
Para resolver problemas internacionais, o Brasil deve aceitar as decisões das Nações Unidas (ONU), mesmo que não goste	1	2	3	8	9
Os acordos e tratados internacionais devem estar por cima das leis nacionais	1	2	3	8	9

(21). Você acredita que o maior contato de nossa economia com outras economias do mundo, fato conhecido como globalização, é, de modo geral, algo bom ou ruim para o Brasil?

Bom	1
Ruim	2
Depende (espontâneo)	3
NS	8
NR	9

(22). Quanto você acredita que a atração de investimentos beneficia o Brasil?

Muito	1
Mais ou menos	2
Pouco	3
Nada	4
NS	8
NR	9

(23) Em geral, você acredita que o livre comércio é bom ou ruim para...? **(LEIA A PERGUNTA COMPLETA EM CADA OPÇÃO. RODIAR)**

	Bom	ruim	Depende (espont.)	NS	NR
A economia dos países desenvolvidos	1	2	3	8	9
O meio-ambiente	1	2	3	8	9
A economia brasileira	1	2	3	8	9
O nível de vida de pessoas como você	1	2	3	8	9
As empresas brasileiras	1	2	3	8	9
A agricultura brasileira	1	2	3	8	9
Os trabalhadores brasileiros	1	2	3	8	9

[MOSTRAR CARTÃO (24)] (24) Você concordaria ou não se o Brasil reduzisse as barreiras de entrada de produtos estrangeiros?

Concordaria muito	1
Concordaria um pouco	2
Discordaria um pouco	3
Discordaria muito	4
NS	8
NR	9

(25B_1) O Conselho de Segurança é um dos órgãos mais importantes da ONU e, em certos casos, autoriza o uso da força. Você acredita que o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas deveria ou não ter o direito de autorizar o uso da força militar para... ?

	Deve	Não deve	Depende - (Esp)	NS	NR
Evitar violações graves dos Direitos Humanos, como assassinatos em massa	1	2	3	8	9
Restabelecer um governo democrático que tivesse sido derrubado	1	2	3	8	9

(26) Você concorda ou discorda que um brasileiro acusado de crime contra a humanidade (como a tortura), e que não tenha sido julgado no Brasil, possa ser julgado por um tribunal internacional?

Concorda	1
Discorda	2
Depende	3
NS	8
NR	9

RELAÇÕES COM A AMÉRICA LATINA

(27_1) De modo geral, você acredita que a América Latina está melhor ou pior do que estava há 10 anos?

(27_2) De modo geral, você acredita que a América Latina estará melhor ou pior daqui a 10 anos?

	(27_1) Há 10 anos	(27_2) Próximos 10 anos
Melhor	1	1
Pior	2	2
Igual (ESP)	3	3
NS	98	99
NR	98	99

(28) Se o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas pudesse ter um novo assento para representar a América Latina como um todo, que país deveria ocupar esse assento? **(RODIZIAR)**

Argentina	1
Brasil	2
México	3
Outro (ESPONT. especificar) :	4
NS	8
NR	9

(29) Qual das seguintes informações se aproxima mais do que você pensa sobre o papel do Brasil na América Latina? **(LEIA AS OPÇÕES)**

O Brasil deveria procurar ser o líder na região	1
O Brasil deveria colaborar com outros países latino-americanos sem pretender ser líder	2
O Brasil deveria manter-se afastado dos esforços latinoamericanos	3
NS	8
NR	9

(30) Caso o exército ou um grupo armado de algum país latino-americano derrubasse um governo eleito democraticamente, você acredita que o Brasil deveria... ? **(LEIA OPÇÕES 1,2,3 E 4)**

Romper relações diplomáticas com o novo governo	1
Condenar as atitudes tomadas de forma pública, mas sem romper relações diplomáticas	2
Esperar a reação internacional e então agir	3
Não fazer nada	4
NS	8
NR	9

(31) Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho?

	Concorda	Discorda	NS	NR
América do Norte	1	2	8	9
América Central	1	2	8	9
América do Sul	1	2	8	9
Europa	1	2	8	9
Ásia	1	2	8	9

[MOSTRAR CARTÃO (32)] (32_1) Nos últimos 10 anos, qual país da América Latina foi o mais influente da região?

[MOSTRAR CARTÃO (32)] (32_2) E nos próximos 10 anos, qual país da América Latina terá mais influência na região?

	32_1 Últimos 10 anos	32_2 Próximos 10 anos
Argentina	2	2
Brasil	5	5
Chile	7	7
Colômbia	9	9
Cuba	11	11
Guatemala	16	16
México	20	20
Peru	21	21
Venezuela	22	22
Outro – ESPONT. Especifique: _____	999	999
NS	98	98
NR	99	99

(33) Comparando com os últimos 10 anos, você acredita que há maior ou menor possibilidade de haver um conflito armado na América Latina?

Maior	1
Menor	2
Igual (espontâneo)	3
NS	8
NR	9

[CARTÃO (34)] (34) Em caso de conflito armado na América Latina, quem você acredita que deve atuar para resolvê-lo?

A Organização das Nações Unidas (ONU)	1
A Organização dos Estados Americanos (OEA)	2
Estados Unidos	3
Um grupo de países da região	4
Um grupo de países de fora da região	5
Outro – Espontâneo (especificar: _____)	6
Ninguém (espontâneo)	7
NS	98
NR	99

[CARTÃO (35)] (35_1) Nos últimos 10 anos, qual país da América Latina você acredita que gerou mais conflitos na região?

[CARTÃO (35)] (35_2) E nos próximos 10 anos, qual país você acredita que poderá gerar mais conflitos na região?

	35_1 Últimos 10 anos	35_2 Próximos 10 anos
Argentina	2	2
Bolívia	4	4
Brasil	5	5
Chile	7	7
Colômbia	9	9
Cuba	11	11
Equador	12	12
Guatemala	16	16
México	20	20
Peru	21	21
Venezuela	22	22
Outro (qual)	999	999
NS	98	98
NR	99	99

(36_1) Comparando com os últimos 10 anos, você acha que as relações do Brasil com o resto da América Latina estão melhores ou piores?

(36_2) E em 10 anos, você acha que as relações de seu país com o resto da América Latina estarão melhores ou piores?

	36_1 Últimos 10 anos	36_2 Próximos 10 anos
Melhor	1	1
Pior	2	2
Igual (esp.)	3	3
NS	8	8
NR	9	9

(37) Agora vou lhe pedir sua opinião sobre alguns líderes políticos. Você pode dar uma nota de 0 a 100, sendo que 100 é a nota mais favorável sobre esse líder na sua opinião. Se você não tem opinião sobre esse líder ou nunca ouviu falar sobre ele, por favor, me diga.

	Nota	NS	NR	Nunca ouviu falar
Cristina Kirchner		998	999	997
Raúl Castro		998	999	997
Luís Inácio "Lula" da Silva		998	999	997
Michelle Bachelet		998	999	997
Hugo Chávez		998	999	997
George Bush		998	999	997
Álvaro Colón		998	999	997
Alan García		998	999	997
Evo Morales		998	999	997
Miguel Ángel López		998	999	997
Álvaro Uribe		998	999	997
Felipe Calderón		998	999	997
José Luis Rodríguez Zapatero		998	999	997

RELAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS

(38_1) Das seguintes palavras, qual descreve melhor seus sentimentos em relação aos Estados Unidos? **(LER LINHA 1 E LER LINHA 2) (RU POR LINHA)**

LINHA 1	Confiança (1)	Desconfiança (2)	Indiferença (esp.) (3)	NS (8)	NR (9)
LINHA 2	Admiração (1)	Desprezo (2)	Indiferença (esp.) (3)	NS (8)	NR (9)

[MOSTRAR CARTÃO (39)] (39) Quão de acordo você está com que os criminosos que se escondem no Brasil ou nos Estados Unidos para fugir da justiça sejam levados de volta ao país em que cometeram o crime para que então sejam julgados e castigados? **Você diria que concorda muito, concorda um pouco, discorda um pouco ou discorda muito?**

Concorda muito	1
Concorda pouco	2
Discorda pouco	3
Discorda muito	4
NS	8
NR	9

[CARTÃO (42)] (42) Na sua opinião, o Brasil deve prestar mais atenção em qual região do mundo? **(LEIA OPÇÕES, RODIZIE)**

América do Norte	1
América Latina	2
Europa	3
Ásia	4
Oriente Médio	5
África	6
Oceania	7
NS	8
NR	9

[MOSTRAR CARTÃO (43)] (43) Agora vou pedir que você me diga sua opinião sobre alguns países, dando uma nota de 0 a 100 onde 0 significa uma opinião muito desfavorável, e 100 uma opinião muito favorável em sua opinião sobre esse país. Se você não tem opinião a respeito ou nunca ouviu falar desse país, por favor, me diga.

(43_19) 60_20

	Nota	NS	NR	Nunca ouviu falar
Alemanha (1)		998	999	9999
Argentina (2)		998	999	9999
Austrália (3)		998	999	9999
Canadá (6)		998	999	9999
Chile (7)		998	999	9999
China (8)		998	999	9999
Colômbia (9)		998	999	9999
Coréia do Sul (10)		998	999	9999
Cuba (11)		998	999	9999
El Salvador (13)		998	999	9999
Espanha (14)		998	999	9999
Estados Unidos (15)		998	999	9999
Guatemala (16)		998	999	9999
Japão (17)		998	999	9999
Índia (18)		998	999	9999
Irã (19)		998	999	9999
México (20)		998	999	9999
Peru (21)		998	999	9999
Venezuela (22)		998	999	9999

(44) E na mesma escala de 0 a 100, sendo 0 uma opinião muito desfavorável, 100 uma opinião muito favorável e 50 uma opinião nem favorável nem desfavorável, qual seria sua opinião sobre as seguintes organizações internacionais? Se você não tem opinião a respeito ou nunca ouviu falar dessa organização, por favor, me diga. **(MOSTRAR CARTÃO) (44_7)** 61_7

	Nota	NS	NR	Nunca ouviu falar
A Organização das Nações Unidas (ONU)		998	999	9999
As empresas multinacionais		998	999	9999
O Fundo Monetário Internacional		998	999	9999
As organizações não governamentais internacionais		998	999	9999
A Organização dos Estados Americanos (OEA)		998	999	9999
O Tratado de Livre Comércio da América do Norte (TLCAN)		998	999	9999
O MERCOSUL (Mercado Comum do Sul)		998	999	9999

(45) Na sua opinião, se a economia da China crescesse até ser tão grande quanto a dos Estados Unidos, você acha que esse fato seria positivo ou negativo para o mundo?

Negativo	1
Positivo	2
Igualmente positivo ou negativo (Espont)	3
NS	8
NR	9

(46) Diga-me, como você descreveria a relação do Brasil com os seguintes países? **(LEIA PARA CADA PAÍS)**... é de amizade, sociedade, rivalidade ou uma ameaça?

	Amizade	Sociedade	Rivalidade	Ameaça	NS	NR
Argentina (2)	1	2	3	4	8	9
Canadá (6)	1	2	3	4	8	9
Chile (7)	1	2	3	4	8	9
China (8)	1	2	3	4	8	9
Colômbia (9)	1	2	3	4	8	9
Cuba (11)	1	2	3	4	8	9
Espanha (14)	1	2	3	4	8	9
Estados Unidos (15)	1	2	3	4	8	9
Guatemala (16)	1	2	3	4	8	9
Japão (17)	1	2	3	4	8	9
Peru (21)	1	2	3	4	8	9
Venezuela (22)	1	2	3	4	8	9

DADOS SOCIOECONÔMICOS

S1 – Sexo (ANOTE SEM PERGUNTAR)

Homer	1
Mulher	2

S2 – Quantos anos completos você tem? _____

NR	(99)
----	------

S3- Até que série você estudou (série completa)?

Nenhum	1
Fundamental Incompleto	2
Fundamental Completo	3
Médio Incompleto	4
Médio Completo	5
Profissionalizante Incompleto	6
Profissionalizante Completo	7
Universidade Incompleta	8
Universidade Completa	9
NS	98
NR	99

S4 – Independentemente do partido que você tenha votado, normalmente você se considera mais apoiador do DEM, do PSDB, do PT, do PV ou de outro partido?

DEM	1
PSDB	2
PT	3
PV	4
Outro partido	5
Não se identifica com nenhum partido (ESP)	6
NS	8
NR	9

S5- Para qual partido você votou na eleição presidencial passada?

DEM	1
PSDB	2
PT	3
PV	4
Outro partido	5
Não votou	6
NS	8
NR	9

S6- Em relação ao ano passado, você acha que a situação econômica do país está melhor, igual ou pior?

Melhor	1
Igualmente boa	2
Igualmente ruim	3
Pior	4
NS	8
NR	9

S7- E como você acha que será sua situação econômica pessoal no ano que vem: melhor, igual ou pior?

Melhor	1
Igualmente boa	2
Igualmente ruim	3
Pior	4
NS	8
NR	9

S8- Você fala algum idioma estrangeiro?

Sim	1
Não	2
NS	8
NR	9

S8_2- Você fala alguma língua indígena?

Sim. Qual? (ANOTE) _____	1
Não	2
NS	8
NR	9

S9- Qual foi sua atividade principal na semana passada? **(ESCREVA A RESPOSTA ESPONTÂNEA)**

Trabalhou	1
Trabalha, mas não trabalhou (férias, incapacidade ou doença)	2
Dona de casa	3
Estudante	4
Aposentado ou pensionista	5
Desempregado (não trabalhou mas procurou trabalho)	6
Está incapacitado permanentemente	7
Outro (ANOTE) _____	8
NS	98
NR	99

S10- (APENAS PARA CÓD 1 OU 2 NA Q9) E o que você faz no local em que trabalha?

Empregado assalariado de escritório, gerente, vendedor (não faz trabalho manual)	1
Trabalhador (que faz trabalho manual)	2
Agricultor	3
Trabalhador autônomo (não assalariado)	4
Empregada doméstica	5
Outro	6
NS	98
NR	99

S11- Em que tipo de instituição, organismo ou empresa você trabalha? (LEIA OPÇÕES 1 A 7)

Governo (Federal, Estadual, Municipal)	1
Empresa do governo ou organismo descentralizado/ estatal	2
Empresa privada	3
Negócio próprio	4
Associação, sociedade ou instituição não lucrativa	5
Exercício ou prática independente	6
Misto	7
Outro	8
NS	98
NR	99

S13- A que tipo de atividade se dedica a instituição ou empresa em que você trabalha? (LEIA OPÇÕES 1 A 7)

Agricultura	1
Pesca, granja, etc	2
Indústrias (todo tipo)	3
Comércio (todo tipo)	4
Construção	5
Educação	6
Serviços (exceto comércio)	7
NS	98
NR	99

[MOSTRAR CARTÃO] S12- Em uma escala de 0 a 10, em que 0 significa politicamente associado à esquerda e 10 à direita, onde você se encontra?

										NS	NR
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12

S14- Quantos cômodos sua casa tem?

ANOTAR _____ / _____ 99=NS/NR

S15- Somando a renda de todas as pessoas que trabalham em sua casa, qual seria a renda familiar total?

Aberta: _____

S16- Com o total da renda familiar, você diria que... (LEIA OPÇÕES E MARQUE UMA RESPOSTA)

É boa e vocês conseguem poupar	1
É justa, vocês não enfrentam grandes dificuldades	2
Não é suficiente e vocês têm dificuldades	3
Não é suficiente e vocês têm grandes dificuldades	4
NS	8
NR	9

S17- Você tem telefone na sua casa?

Sim	1
Não	2
Apenas telefone celular	3
NR	9

S18- Você utiliza Internet? (LEIA OPÇÕES)

Sim	1
Não	2
NR	9

(SE UTILIZAR INTERNET, PERGUNTAR) Com que frequência?

Diariamente, várias vezes ao dia	1
Diariamente, uma vez ao dia	2
De três a cinco vezes por semana	3
Ocasionalmente	4
NR	9

S18_1- E onde você acessa a Internet: em sua casa ou fora de sua casa?

Em sua casa	1
Fora de sua casa	2
Ambas (espontâneo)	3
NR	9

Hora de término: _____:

Nome do entrevistador: _____

AGRADEÇA E ENCERRE.

Informações relevantes: esta pesquisa de opinião pública está sendo realizada sem a finalidade de divulgação dos seus resultados através dos meios de comunicação.

A pesquisa está sendo conduzida rigorosamente de acordo com o código de ética da ABEP (Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa) e da ESOMAR (European Society of Opinion and Market Research) destinando-se exclusivamente à coleta de informações, desta forma:

- O entrevistador deve coletar as informações dadas pelo entrevistado sem realizar qualquer ato de venda ou de convencimento.
- 20% do material será verificado em campo por equipe independente para controle de qualidade e autenticidade das informações coletadas
- As instruções de amostragem devem ser seguidas rigorosamente para que o Universo pesquisado seja adequadamente representado
- O questionário e os resultados da pesquisa são de propriedade do contratante, sendo vedada sua divulgação ou reprodução sem a sua autorização

TERMO DE RESPONSABILIDADE DO ENTREVISTADOR - Declaro que as informações por mim coletadas atendem ao padrão de qualidade exigido pela (EMPRESA DE CAMPO) e pela Ipsos Public Affairs ou seja:

- o entrevistado enquadrar-se dentro do perfil exigido pelas cotas
- as informações são verdadeiras e foram corretamente anotadas no questionário
- o questionário foi revisado cuidadosamente e todos os campos estão devidamente preenchidos
- tenho conhecimento que pelo menos 20% do material por mim coletado será verificado em campo para controle de qualidade
- Estou ciente das informações incluídas acima sob a denominação de informação relevante

Ass. do entrevistador:

RG:

ANEXO C – Questionário aplicado em 2015

PROJETO USP

Organization : **institutoohar**
Report Date: **15/01/2015 16:18:06**

CARACTERIZAÇÃO

Question ID	Question	Answer
1	Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite. Meu nome é (nome do entrevistador), eu trabalho para o Instituto Olhar. Nós estamos realizando um estudo de opinião que durará aproximadamente 30 minutos e gostaríamos de contar com a sua colaboração. Suas respostas farão parte de um estudo confidencial e sua identidade será preservada. O Sr(a). poderia participar do nosso estudo, respondendo algumas perguntas?	Sim Não
2	O Instituto Olhar agradece a sua atenção.	Finalizar
3	Nós estamos procurando algumas pessoas com características específicas. O(a) Sr(a), ou alguém da sua família, trabalha em:	Pesquisa de mercado Ag. Propaganda/Marketing Rádio/TV/Jornal/Revista NDA (Nenhuma das alternativas)
4	O Instituto Olhar agradece a sua colaboração.	Finalizar
5	Estado:	Alagoas Bahia Espírito Santo Mato Grosso Mato Grosso do Sul Minas Gerais Pará Paraná Pernambuco Rio de Janeiro Rio Grande do Norte Rio Grande do Sul Santa Catarina São Paulo
6	Município:	Capela Maceió
7	Município:	Dias d'Ávila Muritiba Salvador Santo Estêvão Taperoá Varzedo
8	Município:	Aracruz Brejetuba Vitória
9	Município:	Cuiabá
10	Município:	Aquidauana Bandeirantes Campo Grande
11	Município:	Belo Horizonte Bonfim Contagem Nova Era

		Pedro Leopoldo
12	Município:	Belém Castanhal Primavera Vigia
13	Município:	Curitiba Fazenda Rio Grande
14	Município:	Camaragibe Ilha de Itamaracá Jaboatão dos Guararapes Olinda
15	Município:	Armação dos Búzios Guapimirim Nova Friburgo Nova Iguaçu São Gonçalo
16	Município:	Natal
17	Município:	Bom Princípio Porto Alegre Santo Antônio da Patrulha
18	Município:	Itapema São Bento do Sul
19	Município:	Arujá Guarulhos Laranjal Paulista Sorocaba Suzano
20	Você não selecionou o município correto. O questionário irá retorna para que você possa marcar o Município correto.	
21	Sexo	Feminino Masculino
22	Qual sua idade?	16 a 24 anos 25 a 29 anos 30 a 39 anos 40 a 49 anos 50 a 59 anos 60 anos ou mais
23	Qual é a sua principal condição profissional atual?	Funcionário de Empresa Privada Funcionário Público Federal Funcionário Estadual Funcionário Municipal Profissional liberal ou autônomo Empresário Estudante Aposentado ou pensionista Atividades do lar Desempregado Está incapacitado permanentemente
24	Apenas para questão de controle	PEA
25	Apenas para questão de controle	NÃO PEA
26	Qual o seu grau de instrução?	Não alfabetizado Somente alfabetizado Até o 5º ano incompleto do Ensino Fundamental (antiga 4ª série) 5º ano completo do Ensino Fundamental

		Do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental incompleto (antiga 5ª à 8ª série) Ensino Fundamental completo Ensino Médio incompleto Ensino Médio completo Superior incompleto Superior completo Pós-graduação Mestrado Doutorado NS NR
27	O Sr(a). poderia me dizer qual é aproximadamente a renda mensal do seu domicílio, isto é, a soma da renda mensal de todos os membros do seu domicílio?	Até R\$724,00 (até 1 SM) De R\$724,01 até R\$1.448,00 (de 1 a 2 SM) De R\$1.448,01 até R\$3.620,00 (de 2 a 5 SM) De R\$3.620,01 até R\$7.240,00 (de 5 a 10 SM) De R\$7.240,01 até R\$14.440,00 (de 10 a 20 SM) Mais que R\$14.440,00 (20 ou mais SM) Não possui renda NS NR
28	O Sr(a). poderia me dizer qual é aproximadamente a SUA renda mensal pessoal?	Até R\$724,00 (até 1 SM) De R\$724,01 até R\$1.448,00 (de 1 a 2 SM) De R\$1.448,01 até R\$3.620,00 (de 2 a 5 SM) De R\$3.620,01 até R\$7.240,00 (de 5 a 10 SM) De R\$7.240,01 até R\$14.440,00 (de 10 a 20 SM) Mais que R\$14.440,00 (20 ou mais SM) Não possui renda NS NR
29	O(a) Sr(a). tem em sua casa:	
	Televisão em cores	
	Rádio	
	Banheiro	
	Automóvel	
	Empregada diarista	
	Máquina de lavar	
	Videocassete e/ou DVD	
	Geladeira	
	Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	
30	SETOR	
31	Endereço Rua:	
32	Número:	
33	Bairro:	
34	CEP:	
35	Telefone(s)	
	DDD:	

	<i>Residencial:</i>	
	<i>Comercial</i>	
	<i>Celular:</i>	
36	Qual o seu estado civil?	Solteiro(a) Casado(a)/ Mora junto Viúvo(a) Desquitado(a)/ Divorciado(a) Separado(a)

Chapter 2

Question ID	Question	Answer
37	Quando assiste às notícias, quão interessado você está quanto às relações do Brasil com outros países: muito interessado, razoavelmente interessado, pouco interessado ou nada interessado?	Muito Médio Pouco Nada NS NR Não sigo as notícias (ESPONTÂNEA)
38	Diga-me, por favor, quantas vezes você já viajou para fora do Brasil?	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Outro. Quantas? NS NR
39	Algum parente seu mora fora do Brasil?	Sim Não NS NR
40	Você ou sua família recebem dinheiro de parentes que trabalham fora do país?	Sim Não NS NR
41	De qual país?	
42	Em geral, você acredita que o mundo melhorou ou piorou nos últimos 10 anos?	Melhorou Está igual Piorou NS NR
43	E nos próximos 10 anos, você acredita que o mundo vai melhorar ou piorar?	Melhorar Continuara igual Piorará NS NR
44	Você considera a entrada de ideias e costumes de outros países no Brasil um fato positivo ou negativo?	Positivo Negativo NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
45	Por favor, diga-me o significado das	

	siglas que você vê no seguinte cartão:	
	<i>OEA (Organização dos Estados Americanos)</i>	<i>Correto</i> <i>Incorreto</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>ONU (Organização das Nações Unidas)</i>	<i>Correto</i> <i>Incorreto</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>MRE (Ministério das Relações Exteriores)</i>	<i>Correto</i> <i>Incorreto</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>FIFA (Federação Internacional de Futebol)</i>	<i>Correto</i> <i>Incorreto</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul)</i>	<i>Correto</i> <i>Incorreto</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
46	Em sua opinião, o que é melhor para o futuro do Brasil: ter participação ativa em assuntos mundiais, ou manter-se longe dos assuntos mundiais?	Participação ativa Manter-se longe <i>NS</i> <i>NR</i> Nem um, nem outro (ESPONTÂNEA)
47	Gostaria que o Sr(a) me dissesse qual a importância que acredita que cada um dos seguintes objetivos deve ter para a política exterior do Brasil, ou seja, se o Sr(a) os considera muito importante, importante, pouco importante ou nada importante:	
	<i>Fortalecer as relações das Nações Unidas (ONU)</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>Fortalecer a Organização dos Estados Americanos (OEA)</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>Combater o terrorismo internacional</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>Ajudar a levar a democracia a outros países</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> <i>NS</i>

		NR
	<i>Promover a venda de produtos brasileiros em outros países</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
	<i>Ajudar a melhorar o nível de vida nos países menos desenvolvidos</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
	<i>Prevenir a proliferação de armas nucleares</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
	<i>Combater o narcotráfico e o crime organizado</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
	<i>Proteger os interesses dos brasileiros em outros países</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
	<i>Atrair investimentos estrangeiros para o Brasil</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
	<i>Proteger as fronteiras terrestres e marítimas</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
	<i>Proteger o meio-ambiente</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
	<i>Promover a integração regional</i>	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
48	E de todos esses objetivos, qual é o mais importante?	Fortalecer as relações das Nações Unidas (ONU) Fortalecer a Organização dos Estados Americanos (OEA)

		<p>Combater o terrorismo internacional</p> <p>Ajudar a levar a democracia a outros países</p> <p>Promover a venda de produtos brasileiros em outros países</p> <p>Ajudar a melhorar o nível de vida nos países menos desenvolvidos</p> <p>Prevenir a proliferação de armas nucleares</p> <p>Combater o narcotráfico e o crime organizado</p> <p>Proteger os interesses dos brasileiros em outros países</p> <p>Atrair investimentos estrangeiros para o Brasil</p> <p>Proteger as fronteiras terrestres e marítimas</p> <p>Proteger o meio-ambiente</p> <p>Promover a integração regional</p>
49	E de todos esses objetivos, qual é o mais importante?	<p>Fortalecer as relações das Nações Unidas (ONU)</p> <p>Fortalecer a Organização dos Estados Americanos (OEA)</p> <p>Combater o terrorismo internacional</p> <p>Ajudar a levar a democracia a outros países</p> <p>Promover a venda de produtos brasileiros em outros países</p> <p>Ajudar a melhorar o nível de vida nos países menos desenvolvidos</p> <p>Prevenir a proliferação de armas nucleares</p> <p>Combater o narcotráfico e o crime organizado</p> <p>Proteger os interesses dos brasileiros em outros países</p> <p>Atrair investimentos estrangeiros para o Brasil</p> <p>Proteger as fronteiras terrestres e marítimas</p> <p>Proteger o meio-ambiente</p> <p>Promover a integração regional</p>
50	E de todos esses objetivos, qual é o mais importante?	<p>Fortalecer as relações das Nações Unidas (ONU)</p> <p>Fortalecer a Organização dos Estados Americanos (OEA)</p> <p>Combater o terrorismo internacional</p> <p>Ajudar a levar a democracia a outros países</p> <p>Promover a venda de produtos brasileiros em outros países</p> <p>Ajudar a melhorar o nível de vida nos países menos desenvolvidos</p> <p>Prevenir a proliferação de armas nucleares</p> <p>Combater o narcotráfico e o crime organizado</p>

		Proteger os interesses dos brasileiros em outros países Atrair investimentos estrangeiros para o Brasil Proteger as fronteiras terrestres e marítimas Proteger o meio-ambiente Promover a integração regional
51	E de todos esses objetivos, qual é o mais importante?	Fortalecer as relações das Nações Unidas (ONU) Fortalecer a Organização dos Estados Americanos (OEA) Combater o terrorismo internacional Ajudar a levar a democracia a outros países Promover a venda de produtos brasileiros em outros países Ajudar a melhorar o nível de vida nos países menos desenvolvidos Prevenir a proliferação de armas nucleares Combater o narcotráfico e o crime organizado Proteger os interesses dos brasileiros em outros países Atrair investimentos estrangeiros para o Brasil Proteger as fronteiras terrestres e marítimas Proteger o meio-ambiente Promover a integração regional
52	No plano internacional, qual é a importância do Brasil?	Muito importante Razoavelmente importante Pouco importante Nada importante NS NR
53	Você acredita que o Brasil tem mais ou menos importância internacional do que tinha há 10 anos?	Mais Menos Igual NS NR
54	E daqui a 10 anos, você acredita que o Brasil terá mais ou menos importância internacional, comparando com hoje?	Mais Menos Igual NS NR
55	Você diria que concorda totalmente, concorda em parte, discorda em parte ou discorda totalmente com o desempenho do governo brasileiro em matéria de:	
	<i>Política econômica</i>	<i>Concorda totalmente</i> <i>Concorda em parte</i> <i>Discorda em parte</i> <i>Discorda totalmente</i> NS NR

	<i>Política de segurança pública</i>	Concorda totalmente Concorda em parte Discorda em parte Discorda totalmente NS NR
	<i>Política exterior</i>	Concorda totalmente Concorda em parte Discorda em parte Discorda totalmente NS NR
	<i>Política educacional</i>	Concorda totalmente Concorda em parte Discorda em parte Discorda totalmente NS NR
56	Você acredita que a política exterior do Brasil tem por objetivo:	Mudar a distribuição de poder atual entre os países, no mundo Manter a distribuição atual de poder entre os países, no mundo, incluindo o Brasil entre os poderosos NS NR
57	Qual dos seguintes países lhe inspira maior confiança para manter a paz no mundo?	China Estados Unidos França Grã-Bretanha Rússia Outro. Qual? Nenhum NS NR
58	E qual é o país que lhe inspira menor confiança para manter a paz no mundo?	China Estados Unidos França Grã-Bretanha Rússia Outro. Qual? Nenhum NS NR
59	Por favor, diga-me se você concorda ou não com as seguintes afirmações:	
	<i>Para resolver problemas internacionais, o Brasil deve aceitar as decisões das Nações Unidas (ONU), mesmo que não goste</i>	Concorda Discorda NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
	<i>Os acordos e tratados internacionais devem estar por cima das leis nacionais</i>	Concorda Discorda NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
60	Dummy - hold chosen question to ask	AA BB CC

		DD
61	Selecting random question to ask	
62	Você acredita que o maior contato de nossa economia com outras economias do mundo, fato conhecido como globalização, é, de modo geral, algo bom ou ruim para o Brasil?	Boa Ruim Nem boa nem ruim (ESPONTÂNEA) Depende (ESPONTÂNEA) NS NR
63	A globalização da economia, ou o maior contato de nossa economia com outras economias no mundo, tem vantagens (por exemplo, o aumento da oferta de produtos com menor preço do que os produtos nacionais) e desvantagens (por exemplo, o aumento da vulnerabilidade à crise internacional). Você acha que a globalização é boa ou ruim para o Brasil?	Boa Ruim Nem boa nem ruim (ESPONTÂNEA) Depende (ESPONTÂNEA) NS NR
64	A globalização da economia, ou o maior contato de nossa economia com outras economias no mundo, tem vantagens (por exemplo, aumento de produtos com menor preço do que os produtos nacionais). Você acha que esta essa globalização da economia é boa ou ruim para o Brasil?	Boa Ruim Nem boa nem ruim (ESPONTÂNEA) Depende (ESPONTÂNEA) NS NR
65	A globalização da economia, ou o maior contato de nossa economia com outras economias no mundo, tem vantagens (por exemplo, o aumento da vulnerabilidade à crise internacional). Você acha que a globalização é boa ou ruim para o Brasil?	Boa Ruim Nem boa nem ruim (ESPONTÂNEA) DEPENDE (ESPONTÂNEA) NS NR
66	Quanto você acredita que a atração de investimentos beneficia o Brasil?	Muito Mais ou menos Pouco Nada NS NR
67	Em geral, você acredita que o livre comércio é bom ou ruim para:	
	<i>A economia dos países desenvolvidos</i>	Bom Ruim NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
	<i>O meio ambiente</i>	Bom Ruim NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
	<i>A economia brasileira</i>	Bom Ruim NS NR

		<i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
	<i>O nível de vida de pessoas como você</i>	Bom Ruim NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
	<i>As empresas brasileiras</i>	Bom Ruim NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
	<i>A agricultura brasileira</i>	Bom Ruim NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
	<i>Os trabalhadores brasileiros</i>	Bom Ruim NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
68	Você concordaria ou não se o Brasil reduzisse as barreiras de entrada de produtos estrangeiros?	Concordaria muito Concordaria um pouco Discordaria um pouco Discordaria muito NS NR
69	O Conselho de Segurança é um dos órgãos mais importantes da ONU e, em certos casos, autoriza o uso da força. Você acredita que o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas deveria ou não ter o direito de autorizar o uso da força militar para:	
	<i>Evitar violações graves dos Direitos Humanos, como assassinatos em massa</i>	Deve Não deve NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
	<i>Restabelecer um governo democrático que tivesse sido derrubado</i>	Deve Não deve NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
70	Você concorda ou discorda que um brasileiro acusado de crime contra a humanidade (como a tortura), e que não tenha sido julgado no Brasil, possa ser julgado por um tribunal internacional?	Concorda Discorda NS NR <i>Depende (ESPONTÂNEA)</i>
71	De modo geral, você acredita que a América Latina está melhor ou pior do que estava há 10 anos?	Melhor Pior NS NR <i>Igual (ESPONTÂNEA)</i>
72	E daqui a 10 anos, você acredita que a América Latina estará melhor ou pior?	Melhor Pior NS

		NR Igual (ESPONTÂNEA)
73	Se o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas pudesse ter um novo assento para representar a América Latina como um todo, que país deveria ocupar esse assento?	Argentina Brasil México Outro. Qual? NS NR
74	Qual das seguintes informações se aproxima mais do que você pensa sobre o papel do Brasil na América Latina?	O Brasil deveria procurar ser o líder na região O Brasil deveria colaborar com outros países sul-americanos sem pretender ser líder O Brasil deveria manter-se afastado dos esforços sul-americanos NS NR
75	Dummy - hold chosen question to ask	A B C
76	Selecting random question to ask	
77	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Um presidente de um país da América do Sul foi retirado do poder a força pelos militares locais. O Brasil deveria liderar o processo regional de imposição de sanções econômicas sobre aquele governo para punir os golpistas.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
78	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Um presidente de um país da América do Sul foi retirado do poder a força pelos militares locais. O Brasil deveria liderar reuniões no âmbito da organização regional de segurança para condenar a mudança de regime do país vizinho.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
79	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Um presidente de um país da América do Sul foi retirado do poder a força pelos militares de seu país. O Brasil não deveria se envolver na crise.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
80	Dummy - hold chosen question to ask	D E F
81	Selecting random question to ask	
82	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Um novo acordo de integração econômica foi assinado na América do Sul. Um país vizinho decidiu não assinar o acordo. O Brasil deveria liderar a região no sentido de fechar o comércio exterior com esse país até que ele assinasse o tratado.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
83	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Um novo acordo de	Concordo totalmente Concordo em parte

	integração econômica foi assinado na América do Sul. O Brasil deveria liderar as negociações de criação de uma instituição regional que vai ajudar na implementação do tratado.	Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
84	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Um novo acordo de integração econômica foi assinado na América do Sul. O Brasil não liderou esse processo.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
85	Dummy - hold chosen question to ask	G H I
86	Selecting random question to ask	
87	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Ocorreu um conflito militar na fronteira entre dois países da América do Sul. O Brasil liderou o processo regional de imposição de sanções econômicas ao país agressor até que houvesse a retirada de suas tropas do país invadido.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
88	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Ocorreu um conflito militar na fronteira entre dois países da América do Sul. O Brasil deveria liderar reuniões da instituição regional de segurança para condenar o país agressor até que houvesse a retirada de suas tropas do país invadido.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
89	Você concorda ou discorda sobre a seguinte frase: Ocorreu um conflito militar na fronteira entre dois países da América do Sul. O Brasil não se envolveu na crise.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
90	Caso o exército ou um grupo armado de algum país latino-americano derrubasse um governo eleito democraticamente, você acredita que o Brasil deveria:	Romper relações diplomáticas com o novo governo Condenar as atitudes tomadas de forma pública, mas sem romper relações diplomáticas Esperar a reação internacional e então agir Não fazer nada NS NR
91	Você concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho?	
	<i>América do Norte</i>	<i>Concorda</i> <i>Discorda</i> NS NR
	<i>América Central</i>	<i>Concorda</i> <i>Discorda</i>

		NS NR
	<i>América do Sul</i>	Concorda Discorda NS NR
	<i>Europa</i>	Concorda Discorda NS NR
	<i>Ásia</i>	Concorda Discorda NS NR
92	Nos últimos 10 anos, qual país da América Latina foi o mais influente da região?	Argentina Brasil Chile Colômbia Cuba Guatemala México Peru Venezuela Outro. Qual? (ESPONTÂNEA) Nenhum NS NR
93	E nos próximos 10 anos, qual país da América Latina terá mais influência na região?	Argentina Brasil Chile Colômbia Cuba Guatemala México Peru Venezuela Outro. Qual? (ESPONTÂNEA) Nenhum NS NR
94	Nos últimos 10 anos, qual país da América Latina você acredita que gerou mais conflitos na região?	Argentina Bolívia Brasil Chile Colômbia Cuba Equador Guatemala México Peru Venezuela Outro. Qual? NS NR
95	E nos próximos 10 anos, qual país você acredita que poderá gerar mais conflitos na região?	Argentina Bolívia Brasil Chile Colômbia

		Cuba Equador Guatemala México Peru Venezuela Outro. Qual? NS NR
96	Comparando com os últimos 10 anos, você acha que as relações do Brasil com o resto da América Latina estão melhores ou piores?	Melhor Pior NS NR Igual (ESPONTÂNEA)
97	E em 10 anos, você acha que as relações de seu país com o resto da América Latina estarão melhores ou piores?	Melhor Pior NS NR Igual (ESPONTÂNEA)
98	Agora vou lhe pedir sua opinião sobre alguns líderes políticos. Você pode dar uma nota de 0 a 100, sendo 0 a nota mais desfavorável e 100 a nota mais favorável sobre esse líder na sua opinião. Se você não tem opinião sobre esse líder ou nunca ouviu falar sobre ele, por favor, me diga. Cristina Kirchner	NS NR
99	Raul Castro	NS NR
100	Dilma Rousseff	NS NR
101	Michelle Bachelet	NS NR
102	Nicolas Maduro	NS NR
103	Barack Obama	NS NR
104	Jose Mujica	NS NR
105	Evo Morales	NS NR
106	Juan Manuel Santos	NS NR
107	Enrique Peña Nieto	NS NR
108	Das seguintes palavras, qual descreve melhor seus sentimentos em relação aos Estados Unidos?	Confiança Desconfiança NS NR Indiferença (ESPONTÂNEA)
109	E das seguintes palavras, qual descreve melhor seus sentimentos em relação aos Estados Unidos?	Admiração Desprezo NS NR Indiferença (ESPONTÂNEA)
110	Das seguintes palavras, qual descreve melhor seus sentimentos em relação à China?	Confiança Desconfiança NS

		NR Indiferença (ESPONTÂNEA)
111	E das seguintes palavras, qual descreve melhor seus sentimentos em relação à China?	Admiração Desprezo NS NR Indiferença (ESPONTÂNEA)
112	Quão de acordo você está com que os criminosos que se escondem no Brasil ou nos Estados Unidos para fugir da justiça sejam levados de volta ao país em que cometeram o crime para que então sejam julgados e castigados? Você diria que concorda muito, concorda um pouco, discorda um pouco ou discorda muito?	Concorda muito Concorda pouco Discorda pouco Discorda muito NS NR
113	Na sua opinião, o Brasil deve prestar mais atenção em qual região do mundo?	América do Norte América Latina Europa Ásia Oriente Médio África Oceania NS NR
114	Agora vou pedir que você me diga sua opinião sobre alguns países, dando uma nota de 0 a 100, onde 0 significa uma opinião muito desfavorável, e 100 uma opinião muito favorável sobre esse país. Se você não tem opinião a respeito ou nunca ouviu falar desse país, por favor, me diga. Chile	NS NR
115	China	NS NR
116	Cuba	NS NR
117	Bolívia	NS NR
118	Espanha	NS NR
119	Estados Unidos	NS NR
120	México	NS NR
121	Venezuela	NS NR
122	Na sua opinião, se a economia da China crescesse até ser tão grande quanto a dos Estados Unidos, você acha que esse fato seria positivo ou negativo para o mundo?	Negativo Positivo NS NR Igualmente positivo ou negativo (ESPONTÂNEA)
123	Diga-me, como você descreveria a relação do Brasil com os seguintes países?	
	Argentina	Amizade Sociedade

		Rivalidade Ameaça NS NR
	<i>Países da União Européia</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
	<i>Chile</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
124		
	<i>China</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
	<i>Colômbia</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
	<i>Cuba</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
125		
	<i>Bolívia</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
	<i>Estados Unidos</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
	<i>Índia</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
126		
	<i>Japão</i>	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça

		NS NR
	Peru	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
	Venezuela	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
127	Independentemente do partido que você tenha votado, normalmente você se considera mais apoiador do PSDB, DEM, PT, PMDB, PSB, PV ou de outro partido?	PSDB DEM PT PMDB PSB PV Outro partido Não se identifica com nenhum partido (ESPONTÂNEA) NS NR
128	Para qual partido você votou na eleição presidencial de 2014?	DEM PSDB PT PV PMDB PSB Outro partido Não votou NS NR
129	Em relação ao ano passado, você acha que a situação econômica do país está melhor, igual ou pior?	Melhor Igualmente boa Igualmente ruim Pior NS NR
130	E como você acha que será sua situação econômica pessoal no ano que vem?	Melhor Igualmente boa Igualmente ruim Pior NS NR
131	Você fala algum idioma estrangeiro?	Sim Não NS NR
132	Você fala alguma língua indígena?	Sim Não NS NR
133	Qual?	
134	Qual foi sua atividade principal na semana passada?	Trabalhou Trabalha, mas não trabalhou (férias, incapacidade ou doença)

		Dona de casa Estudante Aposentado ou pensionista, Desempregado (não trabalhou mas procurou trabalho) Está incapacitado permanentemente Outro. Qual? NS NR
135	A que tipo de atividade se dedica a instituição ou empresa em que você trabalha?	Agricultura Pesca, granja, etc Indústrias (todo tipo) Comércio (todo tipo) Construção Educação Serviços (exceto comércio) NS NR
136	Em uma escala de 0 até 10, em que 0 significa politicamente associado à esquerda e 10 à direita, onde você se encontra?	0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 NS NR
137	Quantos cômodos sua casa tem?	NS NR
138	Com o total da renda familiar, você diria que:	É boa e vocês conseguem poupar É justa, vocês não enfrentam grandes dificuldades Não é suficiente e vocês têm dificuldades Não é suficiente e vocês têm grandes dificuldades NS NR
139	Você tem telefone na sua casa?	Sim Não Apenas telefone celular NR
140	Você utiliza internet?	Sim Não NR
141	Com que frequência?	Diariamente, várias vezes ao dia Diariamente, uma vez ao dia De três a cinco vezes por semana Ocasionalmente NR
142	Onde você acessa a Internet: em sua casa ou fora de sua casa?	Em sua casa Fora de sua casa NR Ambas (ESPONTÂNEA)

143	Voce acha que deveria ser papel da ONU a ajuda no estabelecimento da democracia em outros países?	Sim Não NS NR
144	Algumas pessoas acreditam que certos problemas seriam melhor resolvidos pela ONU ou por organizações regionais do que pelos governos nacionais de forma independente; enquanto outros consideram que esses problemas devem ser de inteira responsabilidade apenas dos governos nacionais. Para cada uma das seguintes questões, você acredita que podem ser melhor resolvidas pelos governos nacionais, governos nacionais em conjunto com organizações regionais ou governos nacionais em conjunto com a ONU no ambito internacional?	
	<i>Missões de paz</i>	<i>Governos nacionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com organizações regionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com a ONU no ambito internacional</i> NS NR
	<i>Proteção do Meio-Ambiente</i>	<i>Governos nacionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com organizações regionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com a ONU no ambito internacional</i> NS NR
	<i>Ajuda para países em desenvolvimento</i>	<i>Governos nacionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com organizações regionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com a ONU no ambito internacional</i> NS NR
	<i>Refugiados</i>	<i>Governos nacionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com organizações regionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com a ONU no ambito internacional</i> NS NR
	<i>Direitos Humanos</i>	<i>Governos nacionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com organizações regionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com a ONU no ambito internacional</i> NS

		NR
145		
	<i>Políticas sobre mudança climática</i>	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto com organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU no âmbito internacional NS NR
	<i>Política contra crime</i>	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto com organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU no âmbito internacional NS NR
	<i>Impostos e tarifas</i>	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto com organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU no âmbito internacional NS NR
	<i>Políticas de saúde</i>	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto com organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU no âmbito internacional NS NR
146		
	<i>Política de combate ao desemprego</i>	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto com organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU no âmbito internacional NS NR
	<i>Políticas de imigração</i>	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto com organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU no âmbito internacional NS NR
	<i>Crescimento econômico</i>	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto com organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU no âmbito internacional NS NR

	<i>Reformas e supervisão do sistema financeiro</i>	<i>Governos nacionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com organizações regionais</i> <i>Governos nacionais em conjunto com a ONU no âmbito internacional</i> NS NR
147	Você acha que a globalização é algo muito ruim, ruim, nem bom nem ruim, bom ou muito bom para os seguintes temas?	
	<i>Economia brasileira</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Nem bom, nem ruim</i> <i>Bom</i> <i>Muito bom</i> NS NR
	<i>Empresas brasileiras</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Nem bom, nem ruim</i> <i>Bom</i> <i>Muito bom</i> NS NR
	<i>Consumidores</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Nem bom, nem ruim</i> <i>Bom</i> <i>Muito bom</i> NS NR
	<i>Geração de empregos no Brasil</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Nem bom, nem ruim</i> <i>Bom</i> <i>Muito bom</i> NS NR
	<i>Meio-ambiente</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Nem bom, nem ruim</i> <i>Bom</i> <i>Muito bom</i> NS NR
	<i>Estabilidade trabalhista ao brasileiro</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Nem bom, nem ruim</i> <i>Bom</i> <i>Muito bom</i> NS NR
	<i>Seu próprio padrão de vida</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Nem bom, nem ruim</i> <i>Bom</i> <i>Muito bom</i>

		NS NR
	<i>Gerações futuras brasileiras</i>	Muito ruim Ruim Nem bom, nem ruim Bom Muito bom NS NR
148	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul formaram um bloco conhecido pela sigla BRICS. Para alguns os BRICS são uma força capaz de equilibrar o poder mundial diante das potências tradicionais como os EUA, a Europa e o Japão. Para outros, os BRICS são uma aliança constrangedora com países autoritários como a Rússia e a China, ou que têm alta exclusão social como a Índia e a África do Sul. Com qual das duas afirmações você concorda mais?	Os BRICS são uma força capaz de equilibrar o poder mundial diante das potências tradicionais Os BRICS são uma aliança constrangedora com países autoritários ou que têm alta exclusão social NS NR
149	Em geral, quanto te interessa os assuntos nacionais?	Muito Médio Pouco Nada NS NR
150	E os assuntos internacionais?	Muito Médio Pouco Nada NS NR
151	Com que frequência você acompanha as notícias:	
	<i>Pela Internet</i>	Todo dia Algumas vezes por semana Raramente Nunca NS NR
	<i>Pela Rádio</i>	Todo dia Algumas vezes por semana Raramente Nunca NS NR
	<i>Pela TV</i>	Todo dia Algumas vezes por semana Raramente Nunca NS NR
	<i>Pelos Jornais impressos</i>	Todo dia Algumas vezes por semana Raramente Nunca

		NS NR
152	Você já morou em outro país?	Sim Não NR
153	Se você pudesse, iria morar fora do Brasil?	Sim Não Depende NS NR
154	Para você, o quanto sua vida diária é afetada pelo que acontece no mundo?	Muito Médio Pouco Nada NS NR
155	Para você, o quanto o Brasil é afetado pelo que acontece no mundo?	Muito Médio Pouco Nada NS NR
156	Dummy - hold chosen question to ask	EE FF
157	Selecting random question to ask	
158	O quanto te afeta os seguintes assuntos mundiais:	
	<i>As guerras em outros países</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
	<i>As crises econômicas no mundo</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
	<i>A mudança climática</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
	<i>A violação dos direitos humanos no mundo</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
	<i>A desigualdade entre países ricos e pobres</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
	<i>A migração internacional</i>	Muito Médio

		<i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>O narcotráfico e o crime</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>O terrorismo internacional</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
159	Para você, o quanto o Brasil é afetado pelos seguintes assuntos mundiais:	
	<i>As guerras em outros países</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>O narcotráfico e o crime organizado</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>As crises econômicas no mundo</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>A mudança climática</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>A violação dos direitos humanos no mundo</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>O terrorismo internacional</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>A desigualdade entre países ricos e pobres</i>	<i>Muito</i> <i>Médio</i> <i>Pouco</i> <i>Nada</i>

		NS NR
	<i>A migração internacional</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
160	Você se sente:	Latino-americano Brasileiro Sul-americano Cidadão do Mercosul Cidadão do Mundo NS NR
161	Você tem relações com estrangeiros que vivem no Brasil?	Sim Não NS NR
162	Em relação ao número de estrangeiros que vivem no Brasil, você acha que são:	Muitos Um número adequado São poucos NS NR
163	Em geral, qual sua opinião sobre os estrangeiros que vivem no Brasil?	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
164	Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil:	
	<i>Argentinos</i>	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
	<i>Coreanos</i>	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
	<i>Chineses</i>	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
	<i>Bolivianos</i>	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa

		NS NR <i>Indiferente (ESPONTÂNEA)</i>
165	Me diga se concorda totalmente concorda em parte, nem concorda nem discorda, discorda em parte, discorda totalmente:	
	<i>Que o Brasil autorize a entrada de estrangeiros ALTAMENTE qualificados para viver e trabalhar aqui</i>	<i>Concordo totalmente</i> <i>Concordo em parte</i> <i>Nem concordo nem discordo</i> <i>Discordo em parte</i> <i>Discordo totalmente</i> NS NR
	<i>Que o Brasil autorize a entrada de estrangeiros POUCO qualificados para viver e trabalhar aqui</i>	<i>Concordo totalmente</i> <i>Concordo em parte</i> <i>Nem concordo nem discordo</i> <i>Discordo em parte</i> <i>Discordo totalmente</i> NS NR
166	Qual deve ser a importância de cada um dos seguintes objetivos da Política Externa do Brasil?	
	<i>Promover a paz e a segurança internacional</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
	<i>Combater o narcotráfico e o crime organizado</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
	<i>Promover a cultura brasileira</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
	<i>Atrair turistas</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
	<i>Promover a proteção dos direitos humanos em outros países</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
167	Qual a importância para o Brasil em investir mais recursos:	
	<i>Na abertura de novas embaixadas e consulados em outros países</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i>

		<i>Nada importante</i> NS NR
	<i>No oferecimento de bolsas a estudantes de outros países que venham estudar no Brasil</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
	<i>No fornecimento de dinheiro para o desenvolvimento de outros países</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
	<i>No aumento da participação do Brasil em organismos internacionais, como a ONU</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
	<i>Na concessão de refúgio a estrangeiros que estão em perigo em seu país</i>	<i>Muito importante</i> <i>Razoavelmente importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
168	Você concorda ou discorda que para aumentar sua influência no mundo,o Brasil utilize:	
	<i>O poder militar</i>	<i>Concordo totalmente</i> <i>Concordo em parte</i> <i>Nem concordo nem discordo</i> <i>Discordo em parte</i> <i>Discordo totalmente</i> NS NR
	<i>A diplomacia</i>	<i>Concordo totalmente</i> <i>Concordo em parte</i> <i>Nem concordo nem discordo</i> <i>Discordo em parte</i> <i>Discordo totalmente</i> NS NR
	<i>A cultura</i>	<i>Concordo totalmente</i> <i>Concordo em parte</i> <i>Nem concordo nem discordo</i> <i>Discordo em parte</i> <i>Discordo totalmente</i> NS NR
	<i>O comércio</i>	<i>Concordo totalmente</i> <i>Concordo em parte</i> <i>Nem concordo nem discordo</i> <i>Discordo em parte</i> <i>Discordo totalmente</i> NS NR
	<i>A cooperação internacional para o</i>	<i>Concordo totalmente</i>

	<i>desenvolvimento</i>	Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
169	Em uma escala de 0 a 100, em que 0 é uma opinião muito desfavorável, 100 é uma opinião muito favorável e 50 não é nem favorável nem desfavorável; qual sua opinião sobre as seguintes organizações internacionais: Fundo Monetário Internacional (FMI)	Não conhece NS/ Não tem opinião NR
170	Mercosul	Não conhece NS/ Não tem opinião NR
171	Aliança Bolivariana (ALBA)	Não conhece NS/ Não tem opinião NR
172	Aliança do Pacífico	Não conhece NS/ Não tem opinião NR
173	A Organização das Nações Unidas (ONU)	Não conhece NS/ Não tem opinião NR
174	A Organização dos Estados Americanos (OEA)	Não conhece NS/ Não tem opinião NR
175	Comunidade de Estados Latinoamericanos e Caribenhos (CELAC)	Não conhece NS/ Não tem opinião NR
176	Dummy - hold chosen question to ask	JJ KK LL MM NN OO PP QQ
177	Selecting random question to ask	
178	Caso o presidente da VENEZUELA seja derrubado pela força, você concorda ou discorda que o Brasil assumira a liderança nos organismos internacionais para impor sanções econômicas ao governo não democrático?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
179	Caso o presidente da URUGUAI seja derrubado pela força, você concorda ou discorda que o Brasil assumira a liderança nos organismos internacionais para impor sanções econômicas ao governo não democrático?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
180	Caso o presidente da VENEZUELA seja derrubado pela força, você concorda ou discorda que o Brasil assumira a liderança nos organismos	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte

	internacionais para condenar o governo não democrático?	Discordo totalmente NS NR
181	Caso o presidente da URUGUAI seja derrubado pela força, você concorda ou discorda que o Brasil assuma a liderança nos organismos internacionais para condenar o governo não democrático?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
182	Caso o presidente da VENEZUELA seja derrubado pela força, você concorda ou discorda que o Brasil rompa imediatamente suas relações diplomáticas com o governo não democrático sem esperar a resposta de outros países?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
183	Caso o presidente da URUGUAI seja derrubado pela força, você concorda ou discorda que o Brasil rompa imediatamente suas relações diplomáticas com o governo não democrático sem esperar a resposta de outros países?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
184	Caso o presidente da VENEZUELA seja derrubado pela força, você concorda ou discorda que o Brasil não opine sobre a situação, pois não deve interferir nos assuntos internos de outros países por princípio?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
185	Caso o presidente da URUGUAI seja derrubado pela força, você concorda ou discorda que o Brasil não opine sobre a situação, pois não deve interferir nos assuntos internos de outros países por princípio?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
186	Dummy - hold chosen question to ask	RR SS TT UU VV YY WW XX
187	Selecting random question to ask	
188	Em caso de conflito militar entre o CHILE e a ARGENTINA, você está de acordo ou em desacordo que o Brasil assuma a liderança na região para impor sanções econômicas ao país agressor?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
189	Em caso de conflito militar entre a VENEZUELA e a COLÔMBIA, você está de acordo ou em desacordo que o Brasil assuma a liderança na região para impor sanções econômicas ao	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente

	país agressor?	NS NR
190	Em caso de conflito militar entre o CHILE e a ARGENTINA, você concorda ou discorda que o Brasil assuma a liderança nos organismos internacionais para condenar o país agressor?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
191	Em caso de conflito militar entre a VENEZUELA e a COLÔMBIA, você concorda ou discorda que o Brasil assuma a liderança nos organismos internacionais para condenar o país agressor?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
192	Em caso de conflito militar entre o CHILE e a ARGENTINA, você concorda ou discorda que o Brasil rompa imediatamente as relações diplomáticas com o país agressor sem esperar a resposta de outros países?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
193	Em caso de conflito militar entre a VENEZUELA e a COLÔMBIA, você concorda ou discorda que o Brasil rompa imediatamente as relações diplomáticas com o país agressor sem esperar a resposta de outros países?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
194	Em caso de conflito militar entre o CHILE e a ARGENTINA, você concorda ou discorda que o Brasil não opine sobre a situação, pois não deve interferir nos assuntos internos de outros países por princípio?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
195	Em caso de conflito militar entre a VENEZUELA e a COLÔMBIA, você concorda ou discorda que o Brasil não opine sobre a situação, pois não deve interferir nos assuntos internos de outros países por princípio?	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
196	Dummy - hold chosen question to ask	P Q
197	Selecting random question to ask	
198	Você está de acordo ou em desacordo com a seguinte afirmação? O Brasil, como o maior país da América do Sul, TEM a responsabilidade de investir recursos para o desenvolvimento da região.	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
199	Você está de acordo ou em desacordo com a seguinte afirmação? O Brasil, como o maior país da América do Sul, NÃO tem nenhuma responsabilidade de investir	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente

	recursos para o desenvolvimento da região.	NS NR
200	Por seu tamanho territorial, demográfico e econômico, o Brasil é o país mais importante da América do Sul. Considerando isto, voce concorda ou discorda que o Brasil:	
	<i>Ajude economicamente aos países menos desenvolvidos da região</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
	<i>Combata as ameaças transnacionais, como o narcotráfico</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
	<i>Lidere a região nos foros internacionais</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
	<i>Não intervenha nos problemas da região</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
201	Em qual dos seguintes países você tem mais confiança para ser o líder da América Latina?	México Brasil Chile Cuba Venezuela Outro. Qual? Nenhum (ESPONTÂNEA)
202	E menos confiança para ser o líder da América Latina?	México Brasil Chile Cuba Venezuela Outro. Qual? Nenhum (ESPONTÂNEA)
203	Em relação à integração na AMÉRICA DO SUL, você concorda ou discorda que haja:	
	<i>Livre movimento de pessoas na região sem controles fronteiriços</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR

	<i>Operações militares conjuntas</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
	<i>Uma moeda comum sul-americana</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
	<i>Um parlamento ou congresso sul-americano</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
	<i>Uma política externa comum</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
	<i>Embaixadas conjuntas</i>	Concordo totalmente Concordo em parte Nem concordo nem discordo Discordo em parte Discordo totalmente NS NR
204	Na sua opinião, a situação dos direitos humanos no Brasil melhoraria sob a supervisão dos:	
	<i>Estados Unidos</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
	<i>Da ONU</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
	<i>Da Corte Interamericana de Direitos Humanos</i>	Muito Médio Pouco Nada NS NR
	<i>Da Anistia Internacional</i>	Muito Médio Pouco

		Nada NS NR
205	Voce poderia me dizer qual a sua religião?	Católico Cristão Protestante/Evangélico Ortodoxo Judeu Muçulmano De outra religião ou denominação cristã De outras religiões não cristãs Não tem religião NS NR
206	Você participa de alguma rede social como o Facebook ou o Twitter?	Sim Não NS NR
207	Dentre as seguintes alternativas, você se reconhece ou se identifica como de cor ou raça:	Afro-descendente Indígena Amarelo Negro Branco Preto Pardo NS NR
208	Em uma escala de 1 a 7, onde 1 significa MUITO NEGATIVO e 7 MUITO POSITIVO, como você avalia a atuação dos EUA na:	
	<i>América Latina</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR
	<i>Luta contra o terrorismo mundial</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR
	<i>Na defesa da democracia no mundo</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR

	<i>Na promoção do livre comércio</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR
209	Em uma escala de 1 a 7, onde 1 significa MUITO NEGATIVO e 7 MUITO POSITIVO, como você avalia cada um dos seguintes aspectos dos EUA:	
	<i>Seus avanços científicos e tecnológicos</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR
	<i>Sua Democracia</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR
	<i>Sua presença militar no mundo</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR
	<i>Sua posição como o país mais importante do mundo</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR
	<i>Sua cultura popular, como o cinema e a música</i>	1 2 3 4 5 6 7 NS NR

210	Você diria que a relação do Brasil com os seguintes países é:	
	<i>Argentina</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Regular</i> <i>Boa</i> <i>Muito boa</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>Bolívia</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Regular</i> <i>Boa</i> <i>Muito boa</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>EUA</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Regular</i> <i>Boa</i> <i>Muito boa</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>Venezuela</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Regular</i> <i>Boa</i> <i>Muito boa</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>Cuba</i>	<i>Muito ruim</i> <i>Ruim</i> <i>Regular</i> <i>Boa</i> <i>Muito boa</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
211	As pessoas têm visões diferentes sobre o que significa ser brasileiro. Na sua opinião, qual a importância de cada um dos seguintes aspectos para ser brasileiro?	
	<i>Ter nascido no Brasil</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>Falar bem o português</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> <i>NS</i> <i>NR</i>
	<i>Ser cristão</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> <i>NS</i>

		NR
	<i>Respeitar os símbolos do país como a bandeira e o hino</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR
	<i>Ter orgulho de ser brasileiro</i>	<i>Muito importante</i> <i>Importante</i> <i>Pouco importante</i> <i>Nada importante</i> NS NR

ANEXO D – Questionário aplicado em 2019

Brasil, as Américas e o mundo

Versão: 9 (após oito interações)

Data: 16 de Dezembro de 2018

Observação geral: As perguntas serão espontâneas ou estimuladas? É possível marcar em cada uma, se espontânea ou estimulada? Isso pode facilitar a aplicação do entrevistador.

Inserção de texto introdutório. Após questões de cotas: Município/ Idade/ Sexo Biológico/ PEA x PNEA, inserimos o trecho: "Agora vamos começar a aplicação do questionário.

Logo no início, antes da Q1, aparecerão os experimentos.

INTERESSE

Q1. Quando assiste as notícias, quão interessado você está quanto às relações do Brasil com outros países?

- ☐ Muito interessado
- ☐ Interessado
- ☐ Pouco interessado
- ☐ Nada interessado
- ☐ Não sigo as notícias (espontânea)
- ☐ Indiferente (espontânea)
- ☐ NS
- ☐ NR

Q2. Em geral, quanto o interessam os assuntos:

Nacionais	Muito interessado Interessado Pouco interessado Nada interessado NS NR
Internacionais	Muito interessado Interessado Pouco interessado Nada interessado NS NR

CONFIANÇA E SEGURANÇA

Q3. Para o senhor/senhora, qual a influência do que acontece no exterior:

Em sua vida diária?	Muito Influyente Influente Pouco Influyente Nada Influyente NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
No Brasil?	Muito Influyente Influente Pouco Influyente Nada Influyente NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)

Q4. O Conselho de Segurança é um dos órgãos mais importantes da ONU e, em certos casos, autoriza o uso da força. O senhor/senhora acredita que o Conselho deveria ou não ter o direito de autorizar o uso da força militar para:

Evitar violações graves dos Direitos Humanos, como assassinatos em massa	Deveria Não deveria NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
Restabelecer um governo democrático que tivesse sido derrubado	Deveria Não deveria NS NR Depende (ESPONTÂNEA)

Q5. Agora vou ler uma lista de assuntos que podem afetar os interesses do Brasil nos próximos 10 anos. Diga-me, para cada um, se os considera como uma ameaça grave, uma ameaça importante mas não grave ou como uma ameaça pouco importante para o Brasil:

O surgimento da China como potência mundial	Ameaça grave Ameaça importante, mas não grave Ameaça pouco importante
---	---

	<p>Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA)</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
O terrorismo internacional	<p>Ameaça grave</p> <p>Ameaça importante, mas não grave</p> <p>Ameaça pouco importante</p> <p>Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA)</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Aquecimento global	<p>Ameaça grave</p> <p>Ameaça importante, mas não grave</p> <p>Ameaça pouco importante</p> <p>Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA)</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Narcotráfico e crime organizado	<p>Ameaça grave</p> <p>Ameaça importante, mas não grave</p> <p>Ameaça pouco importante</p> <p>Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA)</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
As epidemias, como a da H1N1	<p>Ameaça grave</p> <p>Ameaça importante, mas não grave</p> <p>Ameaça pouco importante</p> <p>Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA)</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
As armas nucleares	<p>Ameaça grave</p> <p>Ameaça importante, mas não grave</p> <p>Ameaça pouco importante</p> <p>Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA)</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
As guerrilhas	<p>Ameaça grave</p> <p>Ameaça importante, mas não grave</p> <p>Ameaça pouco importante</p> <p>Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA)</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Os cortes no suprimento de energia/apagões	<p>Ameaça grave</p> <p>Ameaça importante, mas não grave</p> <p>Ameaça pouco importante</p> <p>Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA)</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
A pobreza e a fome no mundo	<p>Ameaça grave</p> <p>Ameaça importante, mas não grave</p>

	Ameaça pouco importante Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA) NS NR
Conflitos fronteiriços e disputas territoriais	Ameaça grave Ameaça importante, mas não grave Ameaça pouco importante Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA) NS NR
As lideranças populistas	Ameaça grave Ameaça importante, mas não grave Ameaça pouco importante Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA) NS NR
A escassez e a falta de alimentos	Ameaça grave Ameaça importante, mas não grave Ameaça pouco importante Não é uma ameaça (ESPONTÂNEA) NS NR

IDENTIDADE

Q6. O senhor/senhora considera a entrada de ideias e costumes de outros países no Brasil, um fator positivo ou negativo:

- ☐ Muito positivo
- ☐ Positivo
- ☐ Negativo
- ☐ Muito negativo
- ☐ Indiferente (espontânea)
- ☐ NS
- ☐ NR

Q7. Em geral, qual a sua opinião sobre os estrangeiros que vivem no Brasil:

- ☐ Muito positiva
- ☐ Positiva
- ☐ Negativa
- ☐ Muito negativa
- ☐ Indiferente (espontânea)
- ☐ NS
- ☐ NR

Q8. Com relação ao número de estrangeiros que vivem no Brasil, o senhor/senhora acredita que são:

- ☐ Muitos
- ☐ Um número adequado
- ☐ Poucos
- ☐ NS
- ☐ NR

Q9. Qual sua opinião sobre os seguintes grupos de estrangeiros que vivem no Brasil:

Alemães	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Argentinos	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Bolivianos	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Chineses	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Coreanos	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa

	NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Haitianos	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Japoneses	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Nigerianos	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Portugueses	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Venezuelanos	Muito positiva Positiva Negativa Muito negativa NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)

Q10. Com relação à sua identidade, o senhor/senhora se sente:

- Latino-americano
- Brasileiro
- Sul-americano

- o Cidadão do Mercosul
- o Cidadão do Mundo
- o Outra. Qual?
- o NS
- o NR

Q11. As pessoas têm visões diferentes sobre o que significa ser brasileiro. Na sua opinião, qual a importância de cada um dos seguintes aspectos para ser brasileiro?

Ter nascido no Brasil	Muito importante Importante Pouco Importante Nada importante NS NR
Falar bem o português	Muito importante Importante Pouco Importante Nada importante NS NR
Ser cristão	Muito importante Importante Pouco Importante Nada importante NS NR
Respeitar os símbolos do país como a bandeira e o hino	Muito importante Importante Pouco Importante Nada importante NS NR
Ter orgulho de ser brasileiro	Muito importante Importante Pouco Importante Nada importante NS NR

CONHECIMENTO

Q12. Por favor, diga-me o significado das siglas que o senhor/senhora vê no seguinte cartão 1:

ONU	Correto Incorreto NS NR
MRE	Correto Incorreto NS NR
BRICS	Correto Incorreto NS NR

Q12. Podemos inserir os significados para facilitar a conferência do entrevistador? Deixaremos a orientação de que não pode ser citada em hipótese alguma.

ONU: Organização das Nações Unidas

MRE: Ministério da Relações Exteriores

BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul

PAPEL DO BRASIL E POLÍTICA EXTERNA

Q13. Em sua opinião, o que é melhor para o futuro do Brasil: ter participação ativa ou manter-se longe dos assuntos mundiais?

- ☐ Ter participação ativa
- ☐ Manter-se longe dos assuntos mundiais
- ☐ NS
- ☐ NR
- ☐ Nem um, nem outro (ESPONTÂNEA)
- ☐ Indiferente (ESPONTÂNEA)

Q14. Em sua opinião, qual deveria ser a importância de cada um dos seguintes objetivos da política externa Brasileira:

Alinhar a política externa brasileira à política externa das nações mais	Muito importante Importante Pouco importante
--	--

poderosas, como os Estados Unidos	Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Definir a política externa brasileira a partir dos interesses próprios do país	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Diversificar os parceiros internacionais do país, de acordo com nossos interesses	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Fortalecer relações com as Nações Unidas (ONU)	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Fortalecer relações com a Organização dos Estados Americanos (OEA)	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Fortalecer relações com a União de Nações Sul-americanas (UNASUL)	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Combater o terrorismo internacional	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante

	NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Ajudar a levar a democracia a outros países	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Ajudar a melhorar o nível de vida nos países pobres	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Prevenir a proliferação de armas nucleares	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Combater o narcotráfico e o crime organizados	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Proteger os interesses brasileiros em outros países	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Atrair investimentos estrangeiros para o Brasil	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS

	NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Proteger o meio-ambiente	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Promover a integração regional	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)
Promover a proteção dos direitos humanos em outros países	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR Indiferente (ESPONTÂNEA)

Q15. E de todos esses objetivos, qual é o mais importante:

- o Alinhar a política externa brasileira à política externa das nações mais poderosas, como os Estados Unidos
- o Definir a política externa brasileira a partir dos interesses próprios do país
- o Diversificar os parceiros internacionais do país, de acordo com nossos interesses
- o Fortalecer relações com as Nações Unidas (ONU)
- o Fortalecer relações com a Organização dos Estados Americanos (OEA)
- o Fortalecer relações com a União de Nações Sul-americanas (UNASUL)
- o Combater o terrorismo internacional
- o Ajudar a levar a democracia a outros países
- o Ajudar a melhorar o nível de vida nos países pobres
- o Prevenir a proliferação de armas nucleares
- o Combater o narcotráfico e o crime organizado
- o Proteger os interesses brasileiros em outros países
- o Atrair investimentos estrangeiros para o Brasil

- o Proteger o meio-ambiente
- o Promover a integração regional
- o Promover a proteção dos direitos humanos em outros países
- o NS
- o NR
- o Todos (Espontânea)
- o Nenhum (Espontânea)
- o Outro. Qual? (Espontânea)

Q15. Sugerimos criar um anexo com estas opções de resposta.

Q16. Ao seu ver, qual a importância do Brasil no plano internacional?

- o Muito importante
- o Importante
- o Pouco Importante
- o Nada importante
- o Indiferente (Espontânea)
- o NS
- o NR

Q17. Pensando sobre a importância do Brasil no cenário internacional, o senhor/senhora acredita que o país:

Tem maior ou menor importância internacional do que tinha há 10 anos?	<div> <div> <div>Maior</div> <div>Menor</div> </div> <div> <div>Igual (ESPONTÂNEA)</div> <div>NS</div> <div>NR</div> </div> </div>
Terá maior ou menor importância internacional daqui a 10 anos?	<div> <div> <div>Maior</div> <div>Menor</div> </div> <div> <div>Igual (ESPONTÂNEA)</div> <div>NS</div> <div>NR</div> </div> </div>

Q18. O senhor/senhora acredita que a política externa do Brasil tem por objetivo:

- o Mudar a distribuição de poder atual entre os países, no mundo
- o Manter a distribuição atual de poder entre os países, no mundo, incluindo o Brasil entre os poderosos
- o NS
- o NR
- o Não tem nenhum objetivo (espontânea)

Q19. Qual a importância do Brasil investir mais recursos:

Na abertura de novas embaixadas e consulados em outros países	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
No oferecimento de bolsas para estrangeiros que venham estudar no Brasil	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
No incentivo financeiro ao desenvolvimento de outros países	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
No aumento da participação do Brasil em organismos internacionais, como a ONU	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR
Na concessão de refúgio a estrangeiros que estão em situação de risco nos seus países	Muito importante Importante Pouco importante Nada importante NS NR

Q20. O senhor/senhora concorda ou discorda que para aumentar sua influência no mundo o Brasil utilize:

O poder militar	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
A diplomacia	Concordo totalmente

	Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
A cultura	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
O comércio	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
A cooperação internacional para o desenvolvimento	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)

Q21. Eu vou listar algumas questões que costumam ser discutidas pelo Congresso Brasileiro e gostaria de saber quais dessas o senhor/senhora apoia:

Leis que facilitem a imigração de estrangeiros para o Brasil	Apoia Não apoia NS NR
Leis que facilitem a cooperação entre o Brasil e os países do Mercosul	Apoia Não apoia NS NR
Que o Brasil feche as embaixadas em países pequenos	Apoia Não apoia

	NS NR
Que o Brasil alugue bases militares para outros países	Apoia Não apoia NS NR
Que o Brasil ofereça bolsas para que os cidadãos de países Africanos estudarem aqui	Apoia Não apoia NS NR
Que o Brasil saia da ONU (Organização das Nações Unidas)	Apoia Não apoia NS NR
Que o Brasil aumente o investimento na construção do Submarino Nuclear	Apoia Não apoia NS NR
Que o governo diminua as tarifas de importação de produtos estrangeiros	Apoia Não apoia NS NR

REGRAS DO JOGO INTERNACIONAL

Q22. Você acredita que o maior contato de nossa economia com outras economias do mundo, também conhecido como globalização, é bom ou ruim para (leia a pergunta completa em cada opção):

OBS. VERIFICAR POSSIBILIDADE DE ALEATORIZAÇÃO.

Economia brasileira	Muito ruim Ruim Nem bom, nem ruim Bom Muito bom NS NR Nem bom, nem ruim (ESPONTÂNEA)
Empresas brasileiras	Muito ruim Ruim Nem bom, nem ruim

	Bom Muito bom NS NR Nem bom, nem ruim (ESPONTÂNEA)
Consumidores	Muito ruim Ruim Bom Muito bom NS NR Nem bom, nem ruim (ESPONTÂNEA)
Geração de empregos no Brasil	Muito ruim Ruim Bom Muito bom NS NR Nem bom, nem ruim (ESPONTÂNEA)
Meio-ambiente	Muito ruim Ruim Bom Muito bom NS NR Nem bom, nem ruim (ESPONTÂNEA)
Seu padrão de vida	Muito ruim Ruim Bom Muito bom NS NR Nem bom, nem ruim (ESPONTÂNEA)
Gerações futuras	Muito ruim Ruim Bom Muito bom NS NR Nem bom, nem ruim (ESPONTÂNEA)

Q23. Em geral, O senhor/senhora acredita que o livre comércio, ou seja a compra e venda livre de produtos entre países, é bom ou ruim para (leia a pergunta completa em cada opção):

O meio ambiente	Bom Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
A economia brasileira	Bom Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
O nível de vida de pessoas como você	Bom Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
A indústria brasileira	Bom Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
A agricultura brasileira	Bom Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
Os trabalhadores brasileiros	Bom Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
As gerações futuras	bom Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)

Q24. Em relação ao ano passado, o senhor/senhora acha que a situação econômica do país está melhor, igual ou pior?

- ☐ Melhor
- ☐ Igual
- ☐ Pior
- ☐ NS
- ☐ NR

Q25. O senhor/senhora concorda ou discorda que os cidadãos das seguintes regiões possam trabalhar no Brasil sem precisar de um visto de trabalho:

EUA	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
México	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Venezuela	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Argentina	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Haiti	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente

	NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Alemanha	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Portugal	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Japão	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)

Q26. Na sua opinião, se a economia da China crescesse até ser tão grande quanto a dos EUA, o senhor/senhora acha que esse fato seria positivo ou negativo para o mundo?

- ☐ Negativo
- ☐ Positivo
- ☐ NS
- ☐ NR
- ☐ Indiferente (espontânea)

Q27. Das seguintes palavras, qual descreve seus sentimentos em relação:

Aos EUA	Confiança Desconfiança NS NR
À China	Confiança

	Desconfiança NS NR
--	--------------------------

Q28. E das seguintes palavras, qual descreve seus sentimentos em relação:

Aos EUA	Admiração Desprezo NS NR
À China	Admiração Desprezo NS NR

Q29. Agora vou pedir que o senhor/senhora me diga sua opinião sobre alguns países. Dê uma nota de 0 a 100 aos seguintes países, onde 100 significa uma opinião muito favorável:

China	Nota numérica NS NR
Cuba	Nota numérica NS NR
Bolívia	Nota numérica NS NR
Portugal	Nota numérica NS NR
Estados Unidos	Nota numérica NS NR
México	Nota numérica NS NR
Argentina	Nota numérica NS NR
Rússia	Nota numérica NS

	NR
Índia	Nota numérica NS NR
África do Sul	Nota numérica NS NR
Venezuela	Nota numérica NS NR

Q30. O senhor/senhora diria que a relação do Brasil com (leia o nome do país) é de amizade, sociedade, rivalidade ou uma ameaça?

Argentina	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
Países da União Europeia	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
China	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
Cuba	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
Estados Unidos	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
Índia	Amizade Sociedade

	Rivalidade Ameaça NS NR
Japão	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
Rússia	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
Venezuela	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
África do Sul	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR
México	Amizade Sociedade Rivalidade Ameaça NS NR

Q31. Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul formaram um bloco conhecido pela sigla BRICS. Vou ler algumas frases, e gostaria de saber se o senhor/senhora concorda ou discorda:

Os BRICS são uma força capaz de equilibrar o poder mundial diante das potências tradicionais como os EUA, a Alemanha e o Japão.	Concordo totalmente
	Concordo em parte
	Discordo em parte
	Discordo totalmente
	NS
	NR
	Nem concordo nem discordo (ESPONTÂNEA)

Os BRICS são uma aliança constrangedora, com países autoritários como a Rússia e a China, ou que apresentam altos níveis de exclusão social como a Índia e a África do Sul.	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (ESPONTÂNEA)
---	--

Q32. Vou listar alguns países, e gostaria de saber:

Qual lhe inspira maior confiança para manter a paz no mundo?	China Estados Unidos França Inglaterra Rússia Outro. Qual? NS NR Nenhum (ESPONTÂNEA)
Qual lhe inspira menor confiança para manter a paz no mundo?	China Estados Unidos França Inglaterra Rússia Outro. Qual? NS NR Nenhum (ESPONTÂNEA)

Q33. Muitos países desrespeitam os direitos humanos. O que o senhor/senhora acha que o Brasil deveria fazer em relação a esses países?

- o Deve romper relações diplomáticas com esse país
- o Deve procurar organismos como a ONU, para pressionar este país
- o Não deve se envolver nos assuntos internos deste país
- o NS
- o NR

Q34. Vou ler algumas informações, por favor diga se o senhor/senhora concorda ou discorda:

Para resolver problemas internacionais, o Brasil deve	Concordo totalmente Concordo em parte
---	--

aceitar as decisões das Nações Unidas (ONU), mesmo que não goste	Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (espontânea)
Os acordos e tratados internacionais devem estar por cima das leis nacionais	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (espontânea)
A atração de investimentos estrangeiros beneficia o Brasil	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (espontânea)
Deve haver uma redução de barreiras à entrada de produtos estrangeiros no Brasil	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (espontânea)
Se um brasileiro acusado de um crime contra humanidade (como a tortura), e que não tenha sido julgado no Brasil, poderá ser julgado por um tribunal internacional	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (espontânea)

Q35. Algumas pessoas acreditam que certos problemas seriam melhor resolvidos pela ONU ou por organizações regionais. Outros consideram que os mesmos problemas deveriam ser de inteira responsabilidade dos governos nacionais. Vou listar alguns temas e gostaria de perguntar

quais atores o senhor/senhora acha que estão mais aptos para enfrentá-los:

Missões de paz	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Proteção ao meio ambiente	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Ajuda para países em desenvolvimento	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Refugiados	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Direitos humanos	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p>

	<p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Políticas sobre mudança climática	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Política contra crime	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Impostos e tarifas	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Políticas de saúde	<p>Governos nacionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto de organizações regionais</p> <p>Governos nacionais em conjunto com a ONU</p> <p>NS</p> <p>NR</p>
Políticas de combate ao	Governos nacionais

desemprego	Governos nacionais em conjunto de organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU NS NR
Políticas de imigração	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto de organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU NS NR
Crescimento econômico	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto de organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU NS NR
Reformas e supervisão do sistema financeiro	Governos nacionais Governos nacionais em conjunto de organizações regionais Governos nacionais em conjunto com a ONU NS NR

Q36. Na sua opinião, a situação dos direitos humanos no Brasil melhoraria sob a supervisão:

Dos EUA	Sim Não
---------	------------

	NS NR Indiferente (NÃO LER)
Da ONU	Sim Não NS NR Indiferente (NÃO LER)
Da Corte Interamericana de Direitos Humanos	Sim Não NS NR Indiferente (NÃO LER)
Da Anistia Internacional	Sim Não NS NR Indiferente (NÃO LER)

Q37. Na sua opinião, o Brasil deve prestar mais atenção a qual região do mundo?

- América do Norte
- América Latina
- Europa
- Ásia
- Oriente Médio
- África
- Oceania
- NS
- NR
- Nenhuma (ESPONTÂNEA)

RELAÇÕES COM A AMÉRICA LATINA

Q38. Se o Conselho de Segurança da ONU pudesse ter um novo assento para representar a América Latina como um todo, que país deveria ocupá-lo?

- Argentina
- Brasil
- México
- Outro. Qual?
- NS
- NR

Q39. Qual dos seguintes países:

O senhor/senhora tem mais confiança para ser o líder da América Latina?	Argentina Brasil México Outro. Qual? NS NR Nenhum (ESPONTÂNEA)
o senhor/senhora tem menos confiança para ser o líder da América Latina?	Argentina Brasil México Outro. Qual? NS NR Nenhum (ESPONTÂNEA)

Q40. Em relação a integração na América do Sul, o senhor/senhora concorda ou discorda que haja:

OBS. VRF. POSSIBILIDADE DE ALEATORIZAÇÃO

Livre movimento de pessoas na região sem controles fronteiriços	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Operações militares conjuntas	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Uma moeda comum sul-americana	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR

	Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Um parlamento ou congresso sul-americano	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Uma política externa comum	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Embaixadas conjuntas	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)
Livre circulação de produtos	Concordo totalmente Concordo em parte Discordo em parte Discordo totalmente NS NR Nem concordo nem discordo (NÃO LER)

Q41. Pensando sobre a América Latina nos últimos 10 anos:

Qual país foi o mais influente?	Argentina Brasil Chile Colômbia Cuba Guatemala México Peru Venezuela Outro.Qual? Nenhum (espontânea)
---------------------------------	--

	NS NR
Qual país gerou mais conflito?	Argentina Brasil Chile Colômbia Cuba Guatemala México Peru Venezuela Outro.Qual? (ESPONTÂNEA) Nenhum NS NR

Q42. Pensando sobre a América Latina nos próximos 10 anos:

Qual será o país mais influente?	Argentina Brasil Chile Colômbia Cuba Guatemala México Peru Venezuela Outro. Qual? Nenhum (ESPONTÂNEA) NS NR
Qual país vai gerar mais conflito?	Argentina Brasil Chile Colômbia Cuba Guatemala México Peru Venezuela Outro. Qual? Nenhum (ESPONTÂNEA) NS NR

Q43. Em sua opinião, a relação entre o Brasil e a América Latina:

Nos últimos 10 anos esteve	Boa Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)
Nos próximos 10 anos estará	Boa Ruim NS NR Depende (ESPONTÂNEA)

Q44. Qual das seguintes afirmações se aproxima do que o senhor/senhora pensa sobre o papel do Brasil na América Latina:

- ☐ O Brasil deveria procurar ser o líder da região
- ☐ O Brasil deveria colaborar com outros países latino-americanos sem pretender ser líder
- ☐ O Brasil deveria manter-se afastado dos esforços latino-americanos
- ☐ NS
- ☐ NR

RELAÇÕES COM OS ESTADOS UNIDOS

Q45. Em uma escala de 0 a 100, como o senhor/senhora avalia a atuação dos EUA na:

América Latina	Nota numérica NS NR
Luta contra o terrorismo	Nota numérica NS NR
Defesa da democracia no mundo	Nota numérica NS NR
Promoção do livre comércio	Nota numérica NS NR

Q46. Em uma escala de 0 a 100, como o senhor/senhora avalia cada um dos seguintes aspectos dos EUA:

Avanços científicos e tecnológicos	Nota numérica NS NR
Democracia	Nota numérica NS NR
Presença militar no mundo	Nota numérica NS NR
Posição como o país mais importante	Nota numérica NS NR

Cultura popular	Nota numérica NS NR
-----------------	---------------------------

Experimento 1:

IMIGRANTES/MIGRANTES (Experimentos com variações em diferentes cenários) - 3 perguntas a serem aleatorizadas

Q47 - Treinamento profissional

CADA VERSÃO DA PERGUNTA SERÁ APLICADA APENAS A 1 QUINTO DA AMOSTRA (1 controle e 4 tratamentos).

47A. Formação profissional- Controle "Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso tenha como objetivo aumentar os recursos públicos para escolas técnicas. Isso deve ajudar as pessoas a encontr ar em emprego com mais facilidade. Como você se sentiria em relação a isso? "	<i>Concorda fortemente, Concorda parcialmente, Discorda parcialmente, Discorda totalmente, Não sei.</i>
47B. Formação profissional - Venezuelanos "Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso tenha como objetivo aumentar os recursos públicos para escolas técnicas. Isso deve ajudar Venezuelanos morando no seu Estado a encontr ar em emprego com mais facilidade. Como você se sente em relação ao projeto? "	<i>Concorda fortemente, Concorda parcialmente, Discorda parcialmente, Discorda totalmente, Não sei.</i>
47C. Formação profissional - Alemães "Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso tenha como objetivo aumentar os recursos públicos para escolas técnicas. Isso deve ajudar	<i>Concorda fortemente, Concorda parcialmente, Discorda parcialmente, Discorda totalmente,</i>

<p>Alemães morando no seu Estado a encontrarem emprego com mais facilidade.¿ Como você se sente em relação ao projeto? "</p>	<p>Não sei.</p>
<p>47D. Formação profissional - Haitianos</p> <p>"Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso tenha como objetivo aumentar os recursos públicos para escolas técnicas. Isso deve ajudar Haitianos morando no seu Estado a encontrarem emprego com mais facilidade.¿ Como você se sente em relação ao projeto? "</p>	<p>Concorda fortemente, Concorda parcialmente, Discorda parcialmente, Discorda totalmente, Não sei.</p>
<p>47E. Formação profissional - Nordestinos</p> <p>"Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso tenha como objetivo aumentar os recursos públicos para escolas técnicas. Isso deve ajudar Nordestinos morando no seu Estado a encontrarem emprego com mais facilidade.¿ Como você se sente em relação ao projeto? "</p>	<p>Concorda fortemente, Concorda parcialmente, Discorda parcialmente, Discorda totalmente, Não sei.</p>

Q48 - Política de saúde

CADA VERSÃO DA PERGUNTA SERÁ APLICADA APENAS A 1 QUINTO DA AMOSTRA (1 controle e 4 tratamentos).

<p>48A. Política de saúde - Controle</p> <p>"Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso pretenda aumentar os recursos públicos para o SUS. O projeto penalizaria Estados e municípios que negassem acesso ao SUS para pessoas sem documentação em dia. Como você se sentiria em relação a isso? ".</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i></p> <p><i>Concorda parcialmente,</i></p> <p><i>Discorda parcialmente,</i></p> <p><i>Discorda totalmente,</i></p> <p><i>Não sei.</i></p>
<p>48B. Tratamento - Venezuelanos</p> <p>"Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso pretenda aumentar os recursos públicos para o SUS. O projeto penalizaria Estados e municípios que negassem acesso ao SUS para pessoas sem documentação em dia. Venezuelanos morando no seu Estado apoiariam um projeto desse tipo. Como você se sentiria em relação a isso? ".</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i></p> <p><i>Concorda parcialmente,</i></p> <p><i>Discorda parcialmente,</i></p> <p><i>Discorda totalmente,</i></p> <p><i>Não sei.</i></p>
<p>48C. Tratamento - Alemães</p> <p>"Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso pretenda aumentar os recursos públicos para o SUS. O projeto penalizaria Estados e municípios que negassem acesso ao SUS para pessoas sem documentação em dia. Alemães morando no seu Estado apoiariam um projeto desse tipo. Como você se sentiria em relação a isso? ".</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i></p> <p><i>Concorda parcialmente,</i></p> <p><i>Discorda parcialmente,</i></p> <p><i>Discorda totalmente,</i></p> <p><i>Não sei.</i></p>
<p>48D. Tratamento - Haitianos</p> <p>"Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso pretenda aumentar</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i></p> <p><i>Concorda parcialmente,</i></p>

<p>os recursos públicos para o SUS. O projeto penalizaria Estados e municípios que negassem acesso ao SUS para pessoas sem documentação em dia. Haitianos <u>morando no seu Estado apoiariam um projeto desse tipo</u>. Como você se sentiria em relação a isso? ”.</p>	<p><i>Discorda parcialmente,</i> <i>Discorda totalmente,</i> <i>Não sei.</i></p>
<p>48E. Tratamento - Nordestinos</p> <p>“Imagine que um projeto de lei em discussão no Congresso pretenda aumentar os recursos públicos para o SUS. O projeto penalizaria Estados e municípios que negassem acesso ao SUS para pessoas sem documentação em dia. Nordestinos <u>morando no seu Estado apoiariam um projeto desse tipo</u>. Como você se sentiria em relação a isso? ”.</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i> <i>Concorda parcialmente,</i> <i>Discorda parcialmente,</i> <i>Discorda totalmente,</i> <i>Não sei.</i></p>

Q49 - Política habitacional

CADA VERSÃO DA PERGUNTA SERÁ APLICADA APENAS A 1 QUINTO DA AMOSTRA (1 controle e 4 tratamentos).

A pergunta sobre nordestinos não deve ser aplicada no nordeste

Q49. Neste caso, corre o risco da amostra do Nordeste ficar sub-representada / não corresponder a 20%.

Obs.: Em todos os experimentos, a pergunta de nordestinos não deve ser aplicada no Nordeste, certo?

<p>49A. Política habitacional - Controle</p> <p>"Imagine um projeto de lei em discussão na Câmara de Vereadores que autorizasse a construção de moradia popular no seu bairro. Como você se sente em relação a isso? Como você se sente em relação a isso?"</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i> <i>Concorda parcialmente,</i> <i>Discorda parcialmente,</i> <i>Discorda totalmente,</i> <i>Não sei.</i></p>
<p>49B. Política habitacional - Venezuelanos</p> <p>"Imagine um projeto de lei em discussão na Câmara de Vereadores que autorizasse a construção de moradia popular no seu bairro. Como você se sentiria em relação a isso? Venezuelanos morando no seu Estado apoiariam esse projeto e se mudariam para o seu bairro. Como você se sente em relação a isso? "</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i> <i>Concorda parcialmente,</i> <i>Discorda parcialmente,</i> <i>Discorda totalmente,</i> <i>Não sei.</i></p>
<p>49C. Política habitacional - Alemães</p> <p>"Imagine um projeto de lei em discussão na Câmara de Vereadores que autorizasse a construção de moradia popular no seu bairro. Como você se sentiria em relação a isso? Alemães morando no seu Estado apoiariam esse projeto e se mudariam para o seu bairro. Como você se sente em relação a isso? "</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i> <i>Concorda parcialmente,</i> <i>Discorda parcialmente,</i> <i>Discorda totalmente,</i> <i>Não sei.</i></p>
<p>49D. Política habitacional - Haitianos</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i></p>

<p>"Imagine um projeto de lei em discussão na Câmara de Vereadores que autorizasse a construção de moradia popular no seu bairro. Como você se sentiria em relação a isso? Haitianos morando no seu Estado apoiariam esse projeto e se mudariam para o seu bairro. Como você se sente em relação a isso? "</p>	<p><i>Concorda parcialmente,</i> <i>Discorda parcialmente,</i> <i>Discorda totalmente,</i> <i>Não sei</i></p>
<p>49D. Política habitacional - Nordestinos</p> <p>"Imagine um projeto de lei em discussão na Câmara de Vereadores que autorizasse a construção de moradia popular no seu bairro. Como você se sentiria em relação a isso? Nordestinos morando no seu Estado apoiariam esse projeto e se mudariam para o seu bairro. Como você se sente em relação a isso? "</p>	<p><i>Concorda fortemente,</i> <i>Concorda parcialmente,</i> <i>Discorda parcialmente,</i> <i>Discorda totalmente,</i> <i>Não sei.</i></p>

Experimento 2

Livre Comércio (Um única pergunta com 8 diferentes formas a serem aleatorizadas).

Q50 EXPERIMENTO SOBRE LIBERALIZAÇÃO COMERCIAL (CADA PERGUNTA SERÁ FEITA PARA UM OITAVO DA AMOSTRA)

<p>50A.</p> <p>Recentemente o Brasil assinou um tratado de liberalização comercial com um país sulamericano e negocia com outros países.</p> <p>Você acha que o livre comércio é muito bom, bom, ruim ou muito ruim (para o Brasil)</p>	<p>Muito bom</p> <p>Bom</p> <p>Ruim</p> <p>Muito ruim</p> <p>Não sabe</p>
<p>50B.</p> <p>Recentemente o Brasil assinou um tratado de liberalização comercial com um país sulamericano e negocia com outros países.</p> <p>Uma das consequências destes tratados é a criação de dificuldades em setores da economia nacional que são menos competitivos internacionalmente - como os de calçados, brinquedos e eletrônicos (celulares e computadores).</p> <p>Você acha que o livre comércio é muito bom, bom, ruim ou muito ruim para o Brasil?</p>	<p>Muito bom</p> <p>Bom</p> <p>Ruim</p> <p>Muito ruim</p> <p>Não sabe</p>
<p>50C.</p> <p>Recentemente o Brasil assinou um tratado de liberalização comercial com um país sulamericano e negocia com outros países.</p> <p>Uma das consequências destes tratados é a expansão de setores da economia nacional que são mais competitivos internacionalmente -- como agronegócio, petróleo e mineração.</p> <p>Você acha que o livre comércio é muito bom, bom, ruim ou muito ruim para o Brasil?</p>	<p>Muito bom</p> <p>Bom</p> <p>Ruim</p> <p>Muito ruim</p> <p>Não sabe</p>
<p>50D.</p> <p>Recentemente o Brasil assinou um tratado de liberalização comercial com um país sulamericano e negocia com outros países.</p>	<p>Muito bom</p> <p>Bom</p> <p>Ruim</p> <p>Muito ruim</p> <p>Não sabe</p>

<p>Uma das consequências destes tratados é o encarecimento dos preços de produtos que são exportados pelas empresas nacionais como alimentos vegetais, cereais e carnes.</p> <p>Você acha que o livre comércio é muito bom, bom, ruim ou muito ruim para o Brasil?</p>	
<p>50E.</p> <p>Recentemente o Brasil assinou um tratado de liberalização comercial com um país sulamericano e negocia com outros países.</p> <p>Uma das consequências destes tratados é o barateamento dos preços de produtos que podem ser importados como calçados, brinquedos e eletrônicos (celulares e computadores).</p> <p>Você acha que o livre comércio é muito bom, bom, ruim ou muito ruim para o Brasil?</p>	<p>Muito bom</p> <p>Bom</p> <p>Ruim</p> <p>Muito ruim</p> <p>Não sabe</p>
<p>50F.</p> <p>Recentemente o Brasil assinou um tratado de liberalização comercial com um país sulamericano e negocia com outros países.</p> <p>Uma das consequências destes tratados é a expansão do emprego em setores nacionais - - como produção de alimentos vegetais, cereais e carnes -- que são mais competitivos internacionalmente.</p> <p>Você acha que o livre comércio é muito bom, bom, ruim ou muito ruim para o Brasil?</p>	<p>Muito bom</p> <p>Bom</p> <p>Ruim</p> <p>Muito ruim</p> <p>Não sabe</p>
<p>50G</p> <p>Recentemente o Brasil assinou um tratado de liberalização comercial com um país sulamericano e negocia com outros países.</p> <p>Uma das consequências destes tratados é a redução de empregos em setores nacionais - - como de calçados, brinquedos e eletrônicos (celulares e computadores) -- que são menos competitivos internacionalmente.</p> <p>Você acha que o livre comércio é muito bom, bom, ruim ou muito ruim para o Brasil?</p>	<p>Muito bom</p> <p>Bom</p> <p>Ruim</p> <p>Muito ruim</p> <p>Não sabe</p>
<p>50H .</p>	<p>Muito bom</p> <p>Bom</p> <p>Ruim</p>

<p>Recentemente o Brasil assinou um tratado de liberalização comercial com um país sulamericano e negocia com outros países.</p> <p>Uma das consequências destes tratados é a redução do emprego em setores nacionais -- como de calçados, brinquedos e eletrônicos (celulares e computadores) -- que são menos competitivos internacionalmente e com a retomada de novos empregos em alguns anos em outros setores mais competitivos.</p> <p>Você acha que o livre comércio é muito bom, bom, ruim ou muito ruim para o Brasil?</p>	<p>Muito ruim</p> <p>Não sabe</p>
--	-----------------------------------

Experimento 3:

IMIGRANTES/MIGRANTES (Experimento de Lista com variações em diferentes formulações) - 3 perguntas a serem aleatorizadas

Q51A (Controle Geral) Agora eu vou ler **três** frases para você que às vezes fazem as pessoas ficarem irritadas. Depois de ler todas as três, diga-me QUANTAS frases te incomodam. Eu não quero saber quais delas te incomodam, apenas quantas (1, 2 ou 3).

- (1) O governo federal aumentando o imposto sobre a gasolina e o diesel;
- (2) A seleção brasileira se classificando para a Copa do Mundo;
- (3) Grandes empresas poluindo o meio ambiente sem serem penalizadas;

Q51B-E (Tratamento Política de Saúde) Agora eu vou ler **quatro** frases para você que às vezes fazem as pessoas ficarem irritadas. Depois de ler todas as quatro, diga-me QUANTAS frases te incomodam. Eu não quero saber quais delas te incomodam, apenas quantas (1, 2 ou 3).

- (1) O governo federal aumentando o imposto sobre a gasolina e o diesel;
- (2) A seleção brasileira se classificando para a Copa do Mundo;
- (3) Grandes empresas poluindo o meio ambiente sem serem penalizadas;

(4) Venezuelanos/Alemães/Haitianos/Nordestinos morando no seu bairro utilizando o serviço do hospital público perto da sua casa.

Q52A (Tratamento formação profissional) Agora eu vou ler **quatro** frases para você que às vezes fazem as pessoas ficarem irritadas. Depois de ler todas as quatro, diga-me QUANTAS frases te incomodam. Eu não quero saber quais delas te incomodam, apenas quantas (1, 2 ou 3).

(1) O governo federal aumentando o imposto sobre a gasolina e o diesel;

(2) A seleção brasileira se classificando para a Copa do Mundo;

(3) Grandes empresas poluindo o meio ambiente sem serem penalizadas;

(4) Venezuelanos/Alemães/Haitianos/Nordestinos morando no seu bairro e disputando vagas nas escolas técnicas.

Q53A (Tratamento habitação) Agora eu vou ler **quatro** frases para você que às vezes fazem as pessoas ficarem irritadas. Depois de ler todas as quatro, diga-me QUANTAS frases te incomodam. Eu não quero saber quais delas te incomodam, apenas quantas (1, 2 ou 3).

(1) O governo federal aumentando o imposto sobre a gasolina e o diesel;

(2) A seleção brasileira se classificou para a Copa do Mundo;

(3) Grandes empresas poluindo o meio ambiente sem serem penalizadas;

(4) Venezuelanos/Alemães/Haitianos/Nordestinos indo morar no seu bairro.

DADOS SOCIOECONÔMICOS

Q54. Independente do partido no qual tenha votado, normalmente o senhor/senhora se considera mais apoiador do:

- ☐ PSDB
- ☐ DEM
- ☐ PT
- ☐ MDB
- ☐ PSL
- ☐ Outro partido?
- ☐ Não se identifica com nenhum partido (Espontânea)
- ☐ NS
- ☐ NR

Q55. Em quem o senhor/senhora votou no primeiro turno da eleição presidencial de 2018?

- ☐ Jair Bolsonaro
- ☐ Fernando Haddad
- ☐ Cabo Daciolo
- ☐ Guilherme Boulos
- ☐ Henrique Meirelles
- ☐ Álvaro Dias
- ☐ João Amoêdo
- ☐ Geraldo Alckmin
- ☐ Marina Silva
- ☐ Ciro Gomes
- ☐ Outro. Qual?
- ☐ Não compareceu
- ☐ Branco/Nulo

Q56. Em uma escala de 0 até 100, em que 0 significa politicamente associado a esquerda e 100 a direita, onde o senhor/senhora se colocaria?

- ☐ [Escala numérica]
- ☐ NS
- ☐ NR

Q57. O senhor/senhora poderia me dizer qual a sua religião

- ☐ Católico
- ☐ Protestante/Evangélico
- ☐ Cristão
- ☐ Nenhuma
- ☐ Outra. Qual?
- ☐ NS
- ☐ NR

Q58. O senhor/senhora poderia me dizer qual o seu sexo

- o Feminino
- o Masculino
- o Outros

Q59 O senhor/senhora poderia me dizer qual a renda aproximada de sua família (Verificar com OLHAR a forma da pergunta de renda com valores contínuos) **Verificar com OLHAR a forma da pergunta de renda com valores contínuos)**

Q59. Por experiência, entendemos que a pergunta de renda com valores contínuos, aumenta as chances de recebermos respostas erradas. Na escala, os indivíduos se sentem mais confortáveis. Sugerimos as seguintes escalas:

O Sr(a). poderia me dizer qual é aproximadamente a renda mensal DO SEU DOMICÍLIO, isto é, a soma da renda mensal de todos os membros do seu domicílio? (Mostrar cartão 2)

- Até R\$ 998,00 (até 1 SM)
- De R\$ 998,01 até R\$ 1.996,00 (de 1 a 2 SM)
- De R\$ 1.996,01 até R\$ 4.990,00 (de 2 a 5 SM)
- De R\$ 4.990,01 até R\$ 9.980,00 (de 5 a 10 SM)
- De R\$ 9.980,01 até R\$ 19.960,00 (de 10 a 20 SM)
- Mais que R\$19.960,00 (20 ou mais SM)
- Não possui renda
- NS
- NR

O Sr(a). poderia me dizer qual é aproximadamente a SUA renda mensal PESSOAL? (Mostrar cartão 2)

- Até R\$ 998,00 (até 1 SM)
- De R\$ 998,01 até R\$ 1.996,00 (de 1 a 2 SM)
- De R\$ 1.996,01 até R\$ 4.990,00 (de 2 a 5 SM)
- De R\$ 4.990,01 até R\$ 9.980,00 (de 5 a 10 SM)
- De R\$ 9.980,01 até R\$ 19.960,00 (de 10 a 20 SM)
- Mais que R\$19.960,00 (20 ou mais SM)
- Não possui renda
- NS
- NR

Q60 O senhor/senhora poderia me dizer quantos anos de estudo tem? Até qual série / ano você estudou?

Verificar com OLHAR a forma da pergunta de ANOS DE ESTUDO com valores contínuos)

Q60. Por experiência, entendemos que a pergunta de escolaridade com valores contínuos, aumenta as chances de recebermos respostas erradas, pela complexidade da conta. Sugerimos aplicar a seguinte pergunta:

Qual o seu grau de escolaridade, até qual série/ano você estudou?

- Não alfabetizado
- Somente alfabetizado
- Até o 5º ano incompleto do Ensino Fundamental (antiga 4ª série)
- 5º ano completo do Ensino Fundamental
- Do 6º ao 9º ano incompleto do Ensino Fundamental (antiga 5ª à 8ª série)
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutorado
- NS
- NR

Q61. O senhor/senhora participa de alguma rede social:

- o Facebook
- o Twitter
- o LinkedIn
- o Instagram
- o Snapchat
- o WhatsApp
- o Outra. Qual?
- o NR
- o NS
- o Não participa de nenhuma rede social (espontânea)

Q61. Podemos permitir mais de uma resposta nesta questão?

Q62. O IBGE classifica as pessoas da seguinte maneira em termos de características étnico-raciais (leia as opções). Dentre elas, como O senhor/senhora se identifica:

- o Preto
- o Amarelo
- o Branco

- o Pardo
- o Indígena
- o Outra (espontânea)
- o NS
- o NR

Q63. Qual foi sua atividade principal na semana passada/ últimos 7 dias?

- o Trabalhou (Empregado/ Por Conta Própria/ Empregador/ Trabalho não remunerado: Estágio, Aprendiz, Voluntário com mínimo de 15 horas semanais)
- o Em geral trabalha, mas não trabalhou por motivo de férias, incapacidade temporária ou doença
- o Dona de casa
- o Estudante
- o Aposentado ou pensionista
- o Desempregado ~~(não trabalhou mas procurou trabalho)~~
- o Está permanentemente incapacitado
- ~~o Outra. Qual?~~
- ~~o NS~~
- ~~o NR~~

Q63. Essa questão foi inserida no início do questionário, por fazer parte do controle de cotas de PEA x PNEA.

Fizemos uma pergunta posterior para identificar se procurou ou não emprego.

Por se tratar de controle de cotas, o ideal é que não tivesse as opções: "Outro", "NS" e "NR". Podemos validar desta maneira?

Q64. A que tipo de atividade se dedica a instituição ou empresa em que o senhor/senhora trabalha?

- o Agricultura
- o Pesca, granja, etc
- o Indústrias (todo tipo)
- o Comércio (todo tipo)
- o Construção
- o Educação
- o Serviços (exceto comércio)
- o NS
- o NR

Q64. Essa questão se aplica apenas a quem respondeu que "Trabalhou" ou "Em geral trabalha, mas não trabalhou" na Q63?

Continuação na próxima página

QUESTÕES ADICIONAIS - GENTILEZA VALIDAR

1- Aplicação do Critério de Classificação Econômica - Brasil, da ABEP

<http://www.abep.org/criterio-brasil>

2- Endereço: Rua / N°/ Bairro / CEP / Telefone

3- Nome do indivíduo

4- Telefone do indivíduo

5- Estado civil

- ☐ Solteiro(a)
- ☐ Casado(a)/ Mora junto
- ☐ Viúvo(a)
- ☐ Desquitado(a)/ Divorciado(a)
- ☐ Separado(a)

QUESTÕES ADICIONAIS META DATA (SUGESTÃO DO PROFESSOR GERARDO DE JESUS MALDONADO HERNANDEZ) - GENTILEZA VALIDAR

6- Dúvida sobre a paleta de cor do indivíduo: É o respondente quem deverá indicar, ou o entrevistador quem deverá indicar a cor que mais se assemelha a característica étnico-racial do respondente?

Pensando que é o entrevistador quem deverá indicar, sugerimos o seguinte enunciado e opções de resposta:

Entrevistador, olhando para estas cores, qual você considera que se assemelha mais a característica étnico-racial do respondente?

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ 6
- ☐ 7
- ☐ 8
- ☐ 9
- ☐ 10
- ☐ 11
- ☐ Nenhuma
- ☐ NS
- ☐ NR

Validar se podemos considerar "Nenhuma das cores", "NS" e "NR".

7- Sugestão de pergunta sobre o interesse do respondente:

Entrevistador, em uma escala de 0 a 100, onde 0 significa nada interessado e 100 totalmente interessado, o quanto você considera que o respondente estava interessado em responder ao questionário?

- ☐ [Escala numérica]
- ☐ NS
- ☐ NR

8- Sugestão de pergunta sobre ter outras pessoas presentes:

Entrevistador, havia outra pessoa presente durante a entrevista?

- ☐ Sim
- ☐ Não

(Se sim) Quem estava presente? (Permite múltipla seleção)

- ☐ Pai
- ☐ Mãe
- ☐ Irmão
- ☐ Esposo(a) / Companheiro
- ☐ Avô/ Avó
- ☐ Amigo
- ☐ Vizinho
- ☐ Outro. Qual?

9- Sugestão de pergunta sobre tipo do alojamento:

- ☐ Casa
- ☐ Casa de vila ou em condomínio
- ☐ Apartamento
- ☐ Habitação em: casa de cômodos, cortiço ou cabeça de porco
- ☐ Oca ou maloca
- ☐ Tenda ou barraca
- ☐ Outro. Qual?